



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
ÊNFASE LETRAS E LINGUAGEM

Ângela Carla Saraiva Ferreira.

***Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza:  
Uma trajetória de luta pela terra e a conquista de um sonho***

Marabá/PA  
2022

Ângela Carla Saraiva Ferreira.

***Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza:  
Uma trajetória de luta pela terra e a conquista de um sonho***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito final para a obtenção de graduação em Educação do Campo, ênfase Letras e Linguagens, ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

Orientadora: Profa. Dra. Edimara Ferreira Santos

Marabá/PA  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará Biblioteca Setorial  
Campus do Tauarizinho**

F383r Ferreira, Ângela Carla Saraiva

Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza: uma trajetória de luta pela terra e a conquista de um sonho / Ângela Carla Saraiva Ferreira. — 2022.

57 p. : il.

Orientador(a): Edimara Ferreira Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2022.

1. História oral. 2. Assentamentos humanos. 3. Memória. 4. Posse da terra. 5. Comissão Pastoral da Terra. I. Santos, Edimara Ferreira, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 333.318115

Elaborado por Adriana Barbosa da Costa – CRB-2/994

Ângela Carla Saraiva Ferreira

***Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza:  
Uma trajetória de luta pela terra e a conquista de um sonho.***

Aprovado, em 25 de março de 2022.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Edimara Ferreira Santos  
Faculdade de Estudos da Linguagem – (Orientadora – Unifesspa)

---

Profa. Dra. Maria Neuza da Silva Oliveira  
Faculdade de Educação do Campo – (Avaliadora Interna – Unifesspa)

---

Profa. Ma. Ailce Margarida Negreiros Alves  
Faculdade de Educação do Campo – (Avaliadora Interna – Unifesspa)

Marabá/PA  
2022

Dedico este trabalho a todos os camponeses, moradores e assentados do Assentamento 1º de Março, especialmente às 90 famílias que não abriram mão de seus lotes e permaneceram na terra pela qual tanto lutara. Aos sete pioneiros da comunidade que colaboraram com esta pesquisa. Aos dois homens que marcaram minha trajetória em todo o percurso na Faculdade de Educação do Campo, meu pai João da Silva Ferreira e meu marido Dilton Pinheiro da Silva, que me apoiaram e foram fundamentais para minha permanência e conclusão do Curso da Educação do Campo.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela graça de cursar a Faculdade de Educação do Campo, Ênfase em Letras e Linguagens e a todas as pessoas que conheci no decorrer do curso, especialmente, àquelas que contribuíram para o meu processo de formação.

Aos professores e professoras do curso da Educação do Campo que compartilharam seus conhecimentos e realizaram o processo de diálogos e troca de reflexões, de teorias, de afetos, de pesquisas e de experiências de vidas.

Aos meus familiares que foram extremamente importantes para minha permanência no curso, dando suporte material, financeiro, emocional e espiritual. Meu pai, João da Silva Ferreira, que me presenteou o primeiro notebook para realização dos trabalhos da faculdade ao logo da primeira etapa. Meu esposo, Dilton Pinheiro da Silva, custeou a maior parte de idas e vindas, alimentação e materiais de estudo quando necessário, sendo meu maior apoio nos momentos difíceis, sempre orando por mim, e incentivando a continuar e quando quis desistir foi ele quem insistiu e me fez entender que após tanto esforço não poderia parar a caminhada.

À minha amiga, Luciana Cristo Oliveira, que durante duas etapas seguidas permaneceu comigo indo à faculdade todos os dias, deixando seus afazeres e mesmo estando grávida no momento, todo o dia cuidava da minha filha Noemy Saraiva, esta nasceu em abril 2017 e no retorno as aulas em julho do mesmo ano tinha apenas três meses de idade.

À minha filha, Lidia Saraiva, pelo seu carinho e apreço. Também me ajudou nos cuidados com a irmãzinha menor.

Aos meus irmãos Wesley e Weliton Saraiva também me incentivando e sempre preocupados com meu bem estar.

À minha orientadora Profa. Dra. Edimara Ferreira Santos, que acreditando na proposta desse trabalho de pesquisa não desistiu de mim, mesmo quando eu mesma não conseguia assimilar os conteúdos, os textos lidos, suas primeiras orientações, as dificuldades na escrita no início e para manusear o notebook e tecnologias, as configurações dos textos conforme as regras, em todas essas situações ela continuava mostrando o caminho a seguir, direcionando meus passos e me fazendo entender que iria dar certo, que eu apenas continuasse em frente.

Às professoras Ailce Margarida Negreiros Alves e Maria Neuza da Silva Oliveira pelas leituras tão atentas ao meu trabalho; e pelas infinitas contribuições direcionadas para o meu crescimento enquanto profissional e ser humano.

Graças, por tudo, que passei para chegar até esse momento, pois em cada situação ficou aprendizados relevantes para minha própria história de vida. Graças ao Senhor Deus que sempre prepara as pessoas certas para serem nossos suportes nas dificuldades, e nos capacita a enfrentar cada adversidade que se levanta e a vencer.

*Necessitamos de um tempo que plante ideias e pratique ações transformadoras.  
Que desmonte as ordens de quem escraviza.  
Que provoque desejos desmedidos.  
Que humanamente eduque as gerações.  
Não aceitamos mais,  
as diferenças faces da mesma dor,  
a morte da sensibilidade,  
a concentração de direitos,  
o não tempo para o amor,  
a prisão da liberdade!  
(Diva Lopes, Concentração de direitos)*

## RESUMO

O objetivo desse trabalho de pesquisa é recontar a história do período de acampamento da Fazenda Pastoriza através das narrativas orais dos primeiros moradores desse lugar. Nesse sentido, elaboramos a seguinte pergunta norteadora: Como a história oral, através das memórias dos primeiros moradores, ajuda a esclarecer e a revelar a história da fundação do Assentamento 1º de Março?. Para isso, utilizamos como passos metodológicos a pesquisa documental realizada em arquivos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e os relatos orais de homens e mulheres que participaram ativamente desde o início do acampamento pessoas que marcaram vidas no processo de luta pela terra e trazem na memória as experiências de ser e estar acampado. Além disso, foram realizadas sete (07) entrevistas semiestruturadas com duas (02) mulheres e cinco (05) homens em períodos distintos da pesquisa; sujeitos que colaboraram em todo o processo e deixam seu legado na história da comunidade. Os referenciais teóricos foram: Alberti (2005); Bossi (1979); Thomson (1997); Portelli (1997) e Pollak (1992). A partir das reflexões, das provocações e das teorias desses autores, nos possibilitaram a compreender e a relacionar História Oral, Memória e Identidade e a forma como o sujeito é afetado e entrelaçado por esses elementos. Dessa forma, foi possível estabelecer uma ordem dos fatos ocorridos no período do acampamento, traçando e registrando uma linha do tempo histórica e as narrativas.

**Palavras-chave:** Acampamento. História oral. Narrativas. Fazenda Pastoriza.

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

APROCTRA	Associação de Produção e Comercialização dos Produtores Rurais do Assentamento 1º de Março
CPT	Comissão Pastoral da Terra
INCRA	Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento Sem Terra
SEDUC/PA	Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará

## Lista de Imagens

Imagem 1.....	24
Imagem 2.....	28
Imagem 3.....	33
Imagem 4.....	36

## Lista de Quadros

Quadro 1.....	38-39
Quadro 2.....	55
Quadro 3.....	57

## Gráficos

Gráfico 1.....	37
----------------	----

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1A HISTÓRIA DO ACAMPAMENTO DA FAZENDA PASTORIZA.....</b>	<b>19</b>
1.1 Como começou.....	19
1.2 A construção do acampamento.....	21
1.3 Educação no acampamento.....	31
1.4 Assentamento 1º de Março e o Mercado de terras: dificuldades, vulnerabilidades e assédio.....	36
<b>2HISTÓRIA ORAL: A EXPRESSÃO DA MEMÓRIA.....</b>	<b>40</b>
2.1 Contextualizando a história oral.....	40
2.2 O recontar da História partindo da memória.....	42
2.3 História oral, memória e identidade.....	44
<b>3NARRANDO AS MEMÓRIAS DO ACAMPAMENTO.....</b>	<b>47</b>
3.1 Narradores personagens.....	48
3.2 As marcas que o outro não vê.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza: Uma trajetória de luta pela terra e conquista de um sonho* pretende recontar a história do período de acampamento na Fazenda Pastoriza, utilizando o recurso da História Oral<sup>1</sup>. Para cumprir tal objetivo, contamos com auxílio e colaboração de 07 (sete) pioneiros dessa trajetória, os quais compartilhando suas histórias de vida resgataram na memória as vivências dessa época, que durou cerca de dois anos e deu origem ao atual Assentamento 1º de Março, localizado no município de São João do Araguaia, localizado na BR-230, km 22.

Além disso, estão inclusas minhas próprias lembranças neste trabalho, visto que também sou sujeita dessa história, pois ainda era criança, com apenas nove anos de idade, quando mudei com meus pais para o acampamento na Fazenda Pastoriza, em janeiro de 1998.

Dessa forma, discorreremos sobre a seguinte problemática: Como a história oral, através das memórias dos primeiros moradores, ajuda a esclarecer e a revelar a história da fundação do Assentamento 1º de Março? Esses pioneiros são homens e mulheres que participaram ativamente desde o início do acampamento, pessoas que marcaram vidas no processo de luta pela terra e trazem na memória as experiências de ser e estar acampado.

O propósito de trabalhar com o tema citado acima fluiu à medida que realizávamos os trabalhos de pesquisa na comunidade nos momentos de alternância pedagógica que o curso de Educação do Campo nos proporciona. É importante ressaltar que o método da Alternância Pedagógica, permiti ao educando vivenciar experiências e aprendizados fora da universidade, a esse respeito lemos no trecho baixo:

A organização das atividades acadêmicas privilegiam um processo formativo vivenciado em e por meio de diferentes tempos, espaços e práticas, articulados entre sessões de Tempo-Espaço Universidade e Tempo-Espaço Localidade/Comunidade, experimentados através da organização e participação em seminários, oficinas e mini-cursos; estudo teórico em grupos temáticos; organização e produção de material didático acadêmico; visitas de estudo e pesquisas em instituições, organizações sociais e/ou comunidades; vivência de estágios etc; buscando estimular o exercício da pesquisa, estudo e trabalho de forma indissociável e assumido como elemento fundamental da formação e

---

<sup>1</sup> A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Disponível em: [files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/21\\_-\\_História\\_Oral\\_na\\_Educa](http://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/21_-_História_Oral_na_Educa). Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

auto-formação acadêmica e profissional, inicial e continuada (PPC Educação do Campo, 2014, p. 49).

Situações e informações que o aluno não conseguiria apenas dentro das quatro paredes da universidade, como lemos no texto a cima, o estímulo à pesquisa dentro do seu espaço localidade traz esse sujeito ao confronto com sua própria realidade e o estimula perceber situações que mesmo morando no local há algum tempo ainda não havia percebido.

Ao realizar as pesquisas no período espaço localidade, percebemos que não existiam registros e/ou documentos que relatassem a história da comunidade do Assentamento 1º de Março, sendo então desconhecida pela maioria da população local principalmente no que diz respeito aos fatos ocorridos nos dois anos de acampamento. Por tanto, esse fato motivou a pesquisa direcionada ao período citado. Esse momento foi de fundamental importância onde a mobilização e resistência dos movimentos sociais junto com a população entregaram o máximo de si para que o Projeto de Assentamento que os mantinham na luta se tornasse realidade.

Assim sendo, se fez necessário além pesquisar, documentar, registrar e possivelmente deixar de fácil acesso para aqueles que posteriormente tenham interesse em conhecer a história da comunidade. Para isso, recorremos às fontes mais confiáveis para relatar esse período histórico, aqueles que são parte dela enquanto ainda se pode ter acesso a esses narradores, levando em consideração que são maioria de idosos, muitos já falecidos e outros que por diversas circunstâncias foram embora da comunidade ao longo dessas mais de duas décadas. No entanto seus nomes não serão expostos com a finalidade de preservar suas identidades, portanto será substituído por nomes fictícios, exceto pelo senhor Raimundo Nonato Gomes, falecido no início do ano de 2022, assentado no assentamento Castanhal Araras, e dono do lote que abrigou o acampamento provisório.

Quanto às entrevistas, foram no total oito, das quais sete são semiestruturadas, gravadas e transcritas. Uma delas cedida no ano de 2015 durante a pesquisa do primeiro *Tempo Espaço Localidade*<sup>2</sup> por um assentado e morador local, sendo que ele autorizou sua

---

<sup>2</sup> O curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) é estruturado a partir da Pedagogia da Alternância, sendo que o curso se constrói em dois tempos e espaços de estudos: a) Tempo Universidade – momento em que os educandos estão presente na Universidade para cursar as disciplinas da grade curricular, bem como desenvolver atividades pedagógicas, culturais e acadêmicas; b) Tempo Comunidade – é o momento de levantamento de dados e da vivência de experiência sócio-educativas junto à escola e a comunidade de modo que permitam a construção de reflexões sobre a realidade e os processos pedagógicos que no campo se desenvolvem.

reutilização por conter elementos importantes para a construção desse trabalho e, ainda, contribuiu com outra narrativa em 2018. Cinco foram colhidas em 2019, a última contribuição no mesmo ano foi do padre que ajudou no início do acampamento. Conseguimos o seu contato de e-mail, conversamos e apresentamos a proposta dessa pesquisa a ele que se dispôs a colaborar, enviando informações via e-mail e correspondências pelos correios. Além disso, inclui nas narrativas sua trajetória de vida, seu percurso em diversos acampamentos e fotografias.

Os entrevistados foram: o Sr. Raimundo Nonato, sindicalista que abrigou em seu lote o acampamento provisório de dezembro de 1996 à primeiro de março de 1997; o padre Leonel que contribuiu levando para o acampamento dentro da fazenda Pastoriza assistência alimentícia, médica, espiritual e foi o responsável pela fundação da pastoral da criança na comunidade. Os demais entrevistados foram os senhores Antonio, Mauro, Diogo juntamente com as senhoras Augusta e Joana que são moradores, assentados no Assentamento 1º de Março, participaram ativamente do processo de construção do acampamento.

Além disso, foi realizada uma pesquisa em arquivos antigos da Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>3</sup>, com permissão para fotografar recortes de jornais da época que cobriram os acontecimentos referentes à invasão da Fazenda Pastoriza.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma linha do tempo histórica da construção do acampamento da Fazenda Pastoriza, relatando como se deu o processo de conquista desta área, bem como a organização dos camponeses sem terra naquele período.

No segundo capítulo, abordamos uma breve relação entre a história oral, memória e identidade, enfatizando a relevância destes como metodologia de pesquisa, para recontar um período da história de uma comunidade. Utilizamos como base as leituras dos seguintes autores: Alberti (2005); Bossi (1979); Thomson (1997); Portelli (1997) e Pollak (1992).

No terceiro capítulo, apresentamos partes das narrativas dos sujeitos que trouxeram suas histórias de vida para esta pesquisa e relacionamos os pontos que cruzam nas narrativas e seus sentidos.

---

<sup>3</sup> A Comissão Pastoral da Terra (CPT) é uma instituição civil, sem fins lucrativos, criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em outubro de 1975 para atuar nas questões agrárias. Disponível em: [www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comissao-pastoral-da-terra-cpt](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comissao-pastoral-da-terra-cpt). Acesso em: 31 de janeiro, 2022.

A construção dos três capítulos está estruturada utilizando como base as narrativas cedidas, acrescidas das leituras realizadas ao longo desse trabalho, pesquisas em diversos *sites* e, ainda, dados obtidos em arquivos da CPT na cidade de Marabá, todos devidamente referenciados.

## **01. A HISTÓRIA DO ACAMPAMENTO NA FAZENDA PASTORIZA.**

Nesse primeiro capítulo, faremos uma linha do tempo com a história da construção do acampamento da Fazenda Pastoriza<sup>4</sup>. Vale ressaltar, o sentido que damos para a palavra acampamento está relacionado à ideia de um espaço de luta e resistência no processo de conquista da terra (FERNANDES, 2012). Além disso, vamos apresentar como se deu o processo de conquista desta área, através de relatos dos sujeitos que participaram ativamente desde o início, bem como a organização dos trabalhadores rurais sem terra nesse período.

### **1.1 Como começou.**

De acordo com informações obtidas em arquivos da CPT na cidade de Marabá, a Fazenda Pastoriza foi ocupada pela primeira vez em maio de 1995. Naquele momento, um grupo de pessoas entrou na fazenda sem apoio dos movimentos sociais, e permaneceram ali cerca de três meses. No mês de agosto do mesmo ano foram atacados a tiros pelo gerente da fazenda juntamente com alguns pistoleiros. Tal episódio ficou conhecido como “a chacina da Pastoriza”, resultando na morte de três trabalhadores rurais que integravam aquele grupo.

Dois anos após esse lamentável acontecimento, um grupo de sem-terra com suas famílias se organizaram para ocupar novamente a fazenda e reivindicar reforma agrária, contando com o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Este Movimento Social teve origem no Sul do país, na década de 80, e chega ao Pará em fins da mesma década, em 1989, em Conceição do Araguaia, liderado pelo saudoso Onalício Barros, conhecido por Fusquinha, em que figura a lista dos assassinados na luta pela terra no Pará. No início dos anos de 1990 organiza-se na região de Marabá várias ocupações de fazendas improdutivas. Entre elas, a que nos debruçamos nesta pesquisa.

---

<sup>4</sup>Atualmente, com o processo de luta pela terra e reforma agrária, tal acampamento em 1999 se tornou o Projeto de Assentamento 1º de Março. Sendo o primeiro acampamento de Sem Terra organizada pelo MST após o massacre de Eldorado dos Carajás na curva do S, em 17 de abril de 1996 ocasionando a morte de trabalhadores rurais sem terra. A desapropriação da Fazenda Pastoriza foi acelerada tendo em vista a grande repercussão do acontecimento do massacre.

É importante ressaltar que o MST é um movimento que reúne em sua base vários sujeitos de diferentes categorias e condições sociais distintas, trabalhadores assalariados e desempregados entre outros, sobre esse assunto (Fernandes, 2012) afirma:

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento socioterritorial que reúne em sua base diferentes categorias de camponeses pobres – como parceiros, meeiros, posseiros, minifundiários e trabalhadores assalariados chamados de sem-terra – e também diversos lutadores sociais para desenvolver as lutas pela terra, pela Reforma Agrária e por mudanças na agricultura brasileira (FERNANDES, 2012, p.498).

As famílias que compunham esse novo grupo eram compostas por camponeses e/ou sem terras, que por diversas situações não possuíam terra na qual pudessem morar e produzir o seu sustento. A maioria desses sujeitos veio para o estado do Pará no auge do garimpo de Serra Pelada, o mais extenso garimpo a céu aberto do mundo, e devido à grande quantidade de ouro extraída, atraiu um número exorbitante de pessoas, vindas de todas as regiões do Brasil, e principalmente da Região Nordeste entre as décadas de 80 e 90.

Com a decadência do garimpo, após ter sido fechado pelo governo federal, muitas pessoas permaneceram na região sul e sudeste do Pará, em situação socioeconômica vulnerável, desempregados e morando nas regiões de periferia. Esse contingente de garimpeiros se soma outras tantas famílias migrantes que se direcionaram para a Amazônia incentivada pela propaganda enganosa do governo militar de que aqui tinha terra, oportunidades de emprego e renda.

Diante da possibilidade de ocupação da fazenda Pastoriza, e sentindo a necessidade de possuírem uma terra em que pudessem morar e trabalhar pela subsistência de suas famílias, esperançosos homens e mulheres se juntaram ao MST. Por medida de controle e segurança, os integrantes do movimento realizavam um cadastro e reunia aqueles que desejavam assumir a luta por reforma agrária, anotando os dados pessoais, repassando as informações necessárias quanto às próximas ações para ocupação da fazenda.

Após algum tempo de espera em novembro de 1996, aproximadamente 1200 famílias acamparam no assentamento Castanhal Araras<sup>5</sup>, em um lote vizinho com a permissão e ajuda do dono, o senhor Raimundo Nonato Gomes, antigo posseiro, e um dos líderes daquela Comunidade. Este era um local estratégico, pois sendo o limite com

---

<sup>5</sup> O Assentamento Castanhal Araras fica localizado a margem do rio Araguaia a 32 km de Marabá, possui uma área total de 5.058,4728 hectares. Criado sob Decreto Nº 3938, em 15 de janeiro de 1987, o mesmo foi criado com o objetivo de remanejar famílias assentadas numa parte da reserva indígenas Mãe – Maria.

fazenda Pastoriza, facilitava o acesso sem levantar suspeitas. Durante o período em que permaneceram acampados no lugar, organizaram os trabalhos de base, que consistia em fazer o reconhecimento da área, organizar as famílias em grupos menores com suas respectivas lideranças para facilitar a comunicação, aguardando o momento adequado para a ocupação.

## **1.2 A construção do acampamento.**

Um dos requisitos essenciais para que uma Fazenda como a Pastoriza fosse considerada terra com perfil para Reforma Agrária, era a necessidade de comprovação que a mesma não cumpria seu papel social, conforme a Constituição Federal de 1988, artigo 186:

A função social é cumprida quando a propriedade rural atende simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecida em lei, os seguintes requisitos:

I-aproveitamento racional e adequado;

II-utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III-observância das disposições que regulam as relações de trabalho;

IV-exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores (Brasil. 1988).

A Fazenda Pastoriza não cumpria os critérios estabelecidos na Constituição Federal descrito à cima, favorecendo para que pudesse ser colocada à disposição da reforma agrária, esse fato foi comprovado através de pesquisa documental realizada pelo MST. No processo do levantamento dos dados obtidos, foram encontradas discordâncias quanto ao tamanho da área registrada no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e o registrado junto ao Registro Geral de Imóveis da Comarca Marabá, a diferença chegava a quase cinco mil hectares, configurando grilagem de terra, conforme o trecho do jornal a baixo:

Segundo o MST, “embora a Pastoriza reconheça junto ao INCRA a área total fazenda [...] possui a extensão de 10.960,80 hectares, também reconhece que possui registrada junto ao Registro Geral de Imóveis da Comarca de Marabá uma área igual a 15. 896, ou seja, possui títulos nominais registrado sobre 4.935,47 hectares que não lhe pertencem” (Jornal Correio do Tocantins, Marabá, abril de 1997).

Mesmo que houvessem dois laudos emitidos pelo INCRA, declarando indevidamente a área como produtiva, o MST comprovou o contrário, e ainda descobriu que os proprietários possuíam dívidas com o Banco do Brasil, esse fato quase levou a fazenda a leilão.

De posse das informações necessárias, e diante das disposições encontradas no estatuto da terra na lei Nº. 4.504 de 30 de novembro de 1964, que regulamenta os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária, a qual assegura a todo cidadão o direito de acesso a terra pela sua função social. E com base nos dados encontrados sobre a fazenda, as 1200 famílias de sem terras acamparam em frente ao INCRA reivindicando a desapropriação<sup>6</sup> da Fazenda Pastoriza.

Segundo os relatos do Sr. Raimundo Nonato Gomes, então morador do Assentamento Castanhal Araras, o qual sempre esteve atuando em favor dos trabalhadores rurais, engajados em lutas sociais, havia um grande interesse de sua parte que o processo de reforma agrária se concretizasse naquele lugar, conforme afirma no seguinte trecho da entrevista:

Foi isso, eles desmataram e com isso nos prejudicou né, nossa terra nos já era a margem da fazenda ficou atingida pelas sementes que jogaram. Jogou de avião, tá tudo bem, essa história que eu tô falando aqui era no início do assentamento. Ai nós não ficamos muito bem com essa história, é grande exploração de madeira, é castanha e assim por diante. Nós tomamos uma decisão de procurar assim uma maneira de que essa área virasse uma área de trabalhadores né, que viesse plantar, produzir, colher, que viesse ajudar o município até mesmo de maneiras econômicas<sup>7</sup>.

Os moradores do Assentamento Castanhal Araras que possuíam lotes na divisa com a Fazenda Pastoriza foram lesados pelo desmatamento, conforme relato a cima. A derrubada de inúmeras castanheiras, plantação de sementes de capim que se alastravam pelas proximidades prejudicou sobremaneira o trabalho desses camponeses, sendo que as principais atividades realizadas por eles eram o extrativismo da castanha, do cupu e agricultura familiar.

---

<sup>6</sup> Segundo STEDILI (2012) a desapropriação acontece quando o governo por meio de um decreto transfere a propriedade privada que será repartida para o estado e indeniza o ex-proprietário.

<sup>7</sup> **Entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Nonato Gomes.** São João do Araguaia, 13 de outubro de 2019.

Esses acontecimentos motivaram o Sr. Raimundo Nonato Gomes a ceder provisoriamente seu lote para que as famílias pudessem se organizar, considerando a localização com objetivo de facilitar o acesso à área da Fazenda.

As famílias de Sem Terra permaneceram no acampamento provisório quatro meses, até o dia 1º de março de 1997. Preparados, decidiram pelo período noturno, acreditando ser o melhor horário para não serem percebidos no ato pelos empregados ou pistoleiros que faziam ronda pela região.

Famílias inteiras participaram desse momento histórico, homens e mulheres, até mesmo idosos e crianças. Segundo relatos da Senhora Joana, uma das moradoras que participou ativamente do processo de acampamento, descreve que tais famílias caminharam em uma trilha, enfrentando o medo dos pistoleiros e animais peçonhentos: “Rapaz, a caminhada foi difícil porque era de noite né, eles fizeram só a picadinha, assim pra gente não errar [...] Tinha, vixe! Tinha muita criança pelo meio, gente idoso que estava pelo meio também. Ai nos fumo inté quando nos chegemos lá dentro da fazenda mesmo<sup>8</sup>”.

Conforme a narração acima, durante o trajeto entre o acampamento no Castanhal Araras e o local em que acampariam na Fazenda Pastoriza, os Sem Terra encontraram algumas dificuldades, como a distância percorrida em caminhada, cerca de dez quilômetros à noite em meio à mata. A presença de crianças e idosos inspirava ainda cuidados com a segurança.

Devido à grande quantidade de pessoas ali presentes no processo, era necessário que já estivessem articulados quanto ao melhor local para o novo acampamento. Diante disso, um grupo foi separado para a missão de realizar o reconhecimento da área com antecedência, foi escolhido um lugar afastado da sede da fazenda, o qual foi denominado de “bosque”.

O bosque foi selecionado estrategicamente, a presença de árvores de grande porte favorecia a armação do acampamento inicial, e ainda na possibilidade de um confronto com pistoleiros os troncos robustos serviriam de barricadas, sabendo do número elevado de crianças e alguns idosos, havia a necessidade de estar preparado para o que pudesse acontecer. Ao fim da caminhada tensa, acamparam o restante da noite, devido à forte

---

<sup>8</sup> **Entrevista realizada com a Senhora Joana.** Assentamento 1º de Março, no dia 19 de novembro de 2018.

chuva, levantaram imediatamente um barracão de lona preta e se abrigaram com os poucos pertences que levavam consigo, nos dias seguintes cada família passou a construir seu próprio barraco.

Vale a pena ressaltar que o medo de confronto com pistoleiros expresso pelos narradores, era algo natural devido a grande pratica de pistolagem na região sul e sudeste do Pará, sobre isso Pereira (2015) descreve essa da seguinte forma:

Os proprietários rurais desta parte do território amazônico para manter sobre o seu domínio grande extensão de terra, em vários momentos com o apoio de instituições do Estado, passaram a recorrer às suas milícias armadas e eliminar seus inimigos potenciais, os posseiros. Se autoproclamavam como aqueles que, sob a grande propriedade privada da terra, eram capazes de promover o desenvolvimento do país. É nesse contexto que diversos trabalhadores rurais e lideranças sindicais e religiosas foram assassinados.  
(PEREIRA. 2015, p.232)

O “pistoleiro” era um sujeito presente em grandes latifúndios, como lemos no fragmento à cima, por isso o receio, a cautela que a liderança tinha em cada detalhe do acampamento. O momento da ocupação inspirava esse temor, pois inúmeras são as mortes que correram no campo, e imensa é a impunidade.

Na imagem abaixo, observamos mulheres e o grande número de crianças no bosque pouco tempo após a entrada na fazenda.

**Imagem 01:** Mulheres e crianças no bosque



**Fonte:** Jornal Correio do Tocantins, Marabá, 1997 (Arquivo CPT).

É perceptível na imagem, a armação de barraco de palha sendo construído para abrigar as famílias, momento em que ainda estavam no processo de limpeza do local. Nos primeiros dias subsequentes mulheres, crianças e idosos não se afastavam muito do desse lugar por motivo de segurança devido ao temor do embate com os “fiscais da fazenda”, como expressa Pereira (2015), estes eram contratados pelos grandes proprietários de terra, e os chamava dessa forma de dizer que haviam contratado empregados e não pistoleiros.

Sendo abundante à quantidade de famílias, era necessário que estivessem organizadas, a fim de que todos pudessem se entender e trabalhar unidos no propósito que os juntaram naquele lugar. Por isso, elas foram divididas em quatorze grupos, facilitando o gerenciamento da comunicação, da segurança, do controle de quem saía e entrava no acampamento, assim como a distribuição dos poucos recursos que chegavam.

Desde o início quando estiveram acampados em frente ao INCRA, os sem-terra recebiam ajuda com distribuição de alimento e cestas básicas, vindas principalmente através da igreja católica de Marabá levados por uma equipe liderada pelo Padre Leonel<sup>9</sup>. Para gerenciar a distribuição desses alimentos uma equipe foi selecionada com nessa finalidade, assim como foram criadas equipes para atuarem em diversos setores dentro do acampamento, como no setor da saúde, educação, segurança, entre outros.

Como afirma Fernandes (2012), esse tipo de organização dentro do acampamento é de extrema importância para a manutenção das condições básicas dos acampados e sua permanência.

Ao organizar um acampamento, os sem-terra criam diversas comissões ou equipes, que dão forma à organização. Delas participam famílias inteiras ou parte de seus membros. Essas comissões criam as condições básicas para a manutenção das necessidades dos acampados: saúde, educação, segurança, negociação, trabalho, etc (FERNANDES, 2012, p. 24).

A organização e a divisão dos trabalhos em equipes, conforme afirmação à cima se faz necessária e indispensável na construção do acampamento, é uma forma também de envolver os acampados em diferentes setores fazendo com que eles se sintam parte importante desse processo de construir.

---

<sup>9</sup> É importante falar do apoio que igreja católica por meio da pessoa do Padre Leonel. Ele esteve em outros acampamentos sempre ajudando as famílias ali acampadas, ele se tornou uma pessoa de muita importância, alguns chegavam a chama-lo de Pai.

Cada grupo possuía sua própria liderança, sendo que a escolha era realizada de acordo com a indicação dos componentes. Essa liderança, por sua vez, estava subordinada aos militantes do MST que articulavam o processo de ocupação da Fazenda Pastoriza.

Eram notórios a cooperação e o trabalho em equipe, a coletividade prevalecia no período de acampamento. As pessoas compartilhavam de igual modo da bonança ou da escassez, principalmente no diz respeito à alimentação, pois todo o alimento que chegava ou que fosse produzido dentro do acampamento era dividido e distribuído entre as famílias. No entanto, quando houve a transição do acampamento para o assentamento percebemos que surgiram outras formas de coletividade e cooperação diferentes daquelas organizadas no período do acampamento. Como podemos observa no fragmento abaixo da fala do seu Antonio:

Ai depois teve a... a política né a... O assentamento depois que cortou os lotes né, ai o povo começaram mais a ficar individual porque tudo se decidia coletivo ai passou tudo mais a ser individual, ai entrou a política partidária no acampamento, porque até então a política que nos tinha lá era só era política social de reforma agrária ai começou a entra política partidária [...]<sup>10</sup>

Conforme a fala do entrevistado, a partir do momento em que passaram de acampados a assentados, aqueles sujeitos começaram a se organizar politicamente de forma diferente, o que mudou a forma de se relacionarem quanto à coletividade. Houve então juntamente com a transição de acampamento / assentamento a transição de políticas sociais / política partidária.

Durante os dois anos de acampamento houve várias desistências, segundo relatos daqueles que permaneceram o fator mais relevante para tal, foram dificuldades relacionadas à escassez de alimento nos primeiros meses de acampamento, mesmo com o apoio da igreja católica que levava mensalmente cestas básicas.

Nesse período, foi solicitado ajuda ao INCRA para suprir essa necessidade básica dos acampados, este começou a fornecer cestas básicas às famílias, no entanto essas cestas chegavam com alimentos apodrecidos, em péssimas condições de consumo, provocando doenças intestinais nas crianças que os consumiam. Isso ocasionou a desmotivação em algumas famílias, as quais julgaram ser demorado o processo do acampamento, acreditando não ser possível conseguir a posse da terra, que era perigoso. Não são todos

---

<sup>10</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio.** Assentamento 1º de Março, 24 de março de 2015.

que conseguem lidar com a dificuldade de estar em um acampamento e permanecer, é uma decisão que não é fácil, como afirma Fernandes (2012):

Estar no acampamento é resultado de decisões difíceis tomadas com base nos desejos e interesses de quem quer transformar a realidade. Todavia, decidir pelo acampamento é optar pela luta e resistência. É preciso saber lidar com o medo: ir ou ficar? O medo de não dar certo, da violência dos jagunços e muitas vezes da polícia. É preciso também se preparar para viver em condições precárias (FERNANDES, 2012, p. 23).

Conforme na citação a cima, é comum haver desistência, pois é uma decisão difícil ficar e lidar com os medos e receios que rondam o acampamento, e nem todos conseguem lidar com a dificuldade da falta de alimento.

Após seis meses acampados, em setembro de 1997, foi organizada uma ação com a finalidade de chamar a atenção da imprensa e denunciar os alimentos apodrecidos entregues pelo INCRA. Os camponeses acampados saquearam um caminhão carregado de alimentos que vinha na transamazônica. No episódio, pelo menos 300 pessoas se organizaram e cercando um caminhão Mercedes Bens com carregamento de açúcar, refrigerante, maizena entre outros alimentos e utilidades. A ideia inicial era conseguir alimentos como arroz, feijão, macarrão e outros do tipo, mas pela falta de informação em saber qual seria o caminhão que levaria tais produtos arriscaram da mesma forma.

Na imagem 2, observamos crianças no bosque aguardando a chegada dos objetos do saque, na sua inocência, não sabiam ao certo o que acontecia apenas esperavam para ver quais produtos teriam quando chegassem acampamento, tudo ali era novidade para elas.

**Imagem 2:** Chegada dos alimentos no acampamento.



**Fonte:** Arquivo CPT, Jornal Opinião, Marabá, 1997.

As crianças aguardavam ansiosas pelos alimentos e objetos obtidos pelo saque, sem ter na realidade a ideia da dimensão do que acontecia no momento. Elas não participaram do ato e aguardaram no bosque juntamente com algumas mulheres e idosos visando à segurança dos mesmos.

O saque ao caminhão foi marcante para a história do acampamento, pois atingiu o objetivo de chamar a atenção da imprensa e do governo, conforme relato do seu Antonio, que participou da ação:

[...] veio olhar pra nos, que realmente eles não olhava pra nos, vieram olhar pra nos depois que nos fizemos um saque num caminhão ai na transamazônica, e ai foi que eles vieram dar fé que nos tava acampado, que se não fosse eles não tinham dado fé, e ai depois... e ai depois que nos tava lá, que nos fizemos esse saque ai veio policia rodoviária, policia federal, policia militar tudo enxergaram nós lá dentro, ai nós, foi que nós começamos é... O governo começou a renegociar a área<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio.** Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia. 24 de março de 2015.

Conforme o trecho da entrevista acima, o acampamento estava sendo ignorado pelas autoridades que possuíam o poder negociar a desapropriação da fazenda, o que não pode mais ser possível após o ocorrido devido à enorme repercussão. A polícia Rodoviária Federal esteve no local logo após o acontecimento, foram levados para prestar depoimento três integrantes do grupo que assumiram a autoria do saque, foram ouvidos, em seguida liberados.

Após todos já acomodados no acampamento, a liderança composta pelos coordenadores dos núcleos de base e militantes organizados em uma equipe com sessenta pessoas, foram a sede da fazenda com o objetivo de expulsar de lá os empregados do fazendeiro que permaneciam morando no local, e assim tomar posse de todo o território. Embora fosse um momento de tensão entre os acampados e aqueles homens, não houve maiores conflitos, conversaram e conseguiram entrar em acordo, apesar de haver pistoleiros disfarçados de vaqueiros entre eles.

A equipe propôs àqueles homens que saíssem imediatamente da fazenda, no máximo em até cinco dias para desocuparem completamente a sede antes que houvesse conflitos e mortes. Entendendo a questão aceitaram sair, mas pediram que prazo fosse alongado para quinze dias alegando não ser possível fazer esse processo em pouco tempo devido à grande quantidade de gado que os fazendeiros ainda mantinham na propriedade, cerca de quatro mil cabeças de boi. Cumprindo o acordo dentro do prazo, conforme relato do Sr. Antonio que participou desse episódio:

Sim, nós entramo pro acampamento, aí no acampamento nós... onde a gente fazia as reunião, se discutia, tirava as linha que tinha que ser feita né! E aí foi aonde nós fomos desocupar a fazenda né, uma turma de trabalhador nós fomos pra cede da fazenda aonde nós mandamos desocupar, os gerente que tava lá os vaqueiros, é que na realidade era pistoleiro, tinha uns vaqueiro lá mais tinha pistoleiro também<sup>12</sup>.

Conforme relato acima, enquanto estava sendo organizando o acampamento em uma área da fazenda, o gerente, alguns vaqueiros e pistoleiros permaneciam na sede, havendo ainda a criação de gado no local, situação que conseguiram reverter com ação daqueles sessenta homens.

---

<sup>12</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia, dia 24 de março de 2015.

Alguns fatores colaboram para que fosse acelerado o processo de desapropriação da fazenda. O fato de ser o primeiro acampamento de sem-terra organizado pelo MST após o massacre da curva do S, no município de Eldorado do Carajás em abril de 1996, onde trabalhadores rurais foram atacados pela Polícia Militar e mortos de forma cruel, um caso de grande repercussão nacional e internacional, sobre o assunto Rocha (2009) discorre em sua monografia sobre as barbaridades ocorridas no massacre. O caso anterior da chacina em 1995 que foi levado ao ministério público, os donos da Fazenda sendo investigadas pelas mortes dos três trabalhadores mortos na chacina, às irregularidades encontradas na extensão da área da fazenda e a dívida não quitada com o Banco Real que quase levou a fazenda a leilão.

A atitude de acampar em menos de um ano após o massacre na curva do S, significava antes de tudo resistência, uma forma de dizer ao governo que os trabalhadores rurais sem-terra continuariam organizados e lutando por seus direitos. Ainda conforme Rocha (2009), o grupo de sem terra que seguia caminhada até Belém do Pará, discordava do laudo apresentado que negava a desapropriação da fazenda Macaxeira, por terem ciência que este não condizia com a realidade, e decididos a reivindicar seus direitos, sendo interrompido nessa busca no dia 17 de abril de 1996. No entanto a tragédia não parou aqueles que ficaram, por isso a importância de continuar acampando e reivindicando o direito a terra.

Outro motivo pelo qual não houve confronto direto com pistoleiros como era rotineiro em outros acampamentos foi pela intenção que o gerente da fazenda tinha de ganhar um lote como se fosse sem-terra, uma forma de se aproveitar da situação, chegou a fazer um acordo com alguns dos coordenadores para conseguir e permaneceu morando na fazenda. Conforme o trecho do relato do Sr. Antonio, apesar das ameaças, não foi mantido o tal acordo, “Esses pistoleiros, deu um problema, porque ai o gerente queria ficar mais nois pra nois da uma terra pra ele e nois não aceitemo, ai seis pistoleiro da fazenda eles dizendo que era vaqueiro<sup>13</sup>”.

Perdurou pouco tempo de acordo com as narrativas, logo houve um desentendimento entre o gerente e as lideranças do acampamento, pois haviam ficado junto com o gerente ainda três pistoleiros, para os quais ele exigia um lote para cada. Um desses pistoleiros na tentativa de intimidar e amedrontar passou a espalhar que mataria

---

<sup>13</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia, dia 18 de novembro de 2018.

pelo menos três sem terras, fazendo referência a chacina que aconteceu em 1995. Os coordenadores junto com outros acampados resolveram que aqueles homens não poderiam permanecer no acampamento, era grande o receio de maiores conflitos.

No dia em que se reuniu para expulsar o gerente e os pistoleiros, um grupo de mulheres tomou a frente da ação, elas foram a sede da fazenda pegaram os pertences desses homens atirando para fora da casa em que estavam e mandaram que saíssem logo da fazenda. A ação foi descrita na fala abaixo:

Não quem vai tirar esse valentão lá é nois. Ai reuniu, encheu o caminhão de mulher e veio uns home, pouco home... E quando chegemo aqui só circulemo, e as mulheres foro lá e tiraro as coisa dele e botaro no canto do caminhão e ele so com o bonézim abaixado assim foi embora, e botaro eles pra correr só as mulher, era a Chiquinha, a mulher do Daniel, aquela que, tem pouca mulher dessa época aqui ainda hoje, a Chiquinha, a mulher do Daniel, a muier do... a Eliane, deixa eu ver quem é mais, so que eu me lembro é dessas, e ai nos peguemo e sei que nos tiremos esse povo lá de dentro ai voltemo todo mundo pro acampamento<sup>14</sup>.

Como percebemos no trecho a cima, as mulheres naquele momento se organizaram e expulsaram tais homens, e mesmo correndo riscos com a atitude mostraram seu papel de importância na construção do acampamento, e que não se entregariam ao medo.

### **1.3 Educação no acampamento**

A educação desde o início do acampamento foi uma das principais preocupações tanto dos acampados quanto da militância do MST, este sendo um movimento social que luta por educação do campo nos acampamentos, partindo do princípio de que o camponês tem direito a educação e a escola do campo no campo, como afirma Caldart (2009) nos seguintes trechos:

O campo é um lugar, seus trabalhadores também têm direito de ter a escola em seu próprio lugar e a ser respeitados quando nela entram e não ser expulsos dela pelo que são... Como lugar de educação, a escola não pode trabalhar 'em tese': como instituição cuja forma e conteúdo valem em si mesmos, em qualquer tempo e lugar, com qualquer pessoa, desenvolvendo uma 'educação' a-histórica, despolitizada (ou falsamente despolitizada), asséptica..."(CALDART, 2009, p.46).

---

<sup>14</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia, dia 24 de março de 2015.

Para os movimentos sociais, lutar pela Educação do campo é passar a pensar na educação do conjunto da classe trabalhadora e é buscar pautar dessa forma, em uma perspectiva de classe, a questão da política educacional. E no específico de organizações como o MST, significa passar a compreender que a ocupação da escola pelo movimento precisa ser feita/pensada como apropriação da escola pelos trabalhadores, pelo seu projeto histórico e não apenas pelos interesses imediatos da organização, por mais justos, politizados e amplos que eles possam ser (CALDART, 2009, p.53).

O MST em todos os acampamentos que organiza, prima pela educação de qualidade, uma de suas lutas é no sentido de garantir a educação nas escolas no campo, conforme os trechos a cima, o sujeito do campo tem esse direito no seu local de morada e trabalho.

A qualidade do ensino nos acampamentos consiste em incluir e não excluir o sujeito camponês do campo, que é o seu local de trabalho e moradia, porque não ser seu local de estudo também? A luta pela terra está estreitamente vinculada à luta por educação no campo.

Quando não há escolas em que os filhos de acampados e assentados possam ter acesso em seu local de morada, acontece a exclusão ou o êxodo rural. Isso no sentido de que tendo sua vida e trajetórias ligadas ao lugar em que vivi, o sujeito do campo se vê obrigado a sair desse local para estudar, ou se tornar mais um nos números da evasão escolar em áreas rurais.

A primeira construção dentro do acampamento na Fazenda Pastoriza foi o barracão onde iria funcionar a escola. Essa estrutura foi levantada com madeira retirada da mata da própria fazenda, as paredes de tala de coco babaçu, cobertura de palha, possuíam seis salas de aula, uma secretaria, uma copa e dois banheiros, funcionando de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Mesmo na sua simplicidade ela se tornou um símbolo dentro do acampamento, como afirma o Sr. Antonio, abaixo:

Uma coisa que era marco, duas coisa minha fia, a escola, ta entendendo, que essa é em todos os acampamento ela é o simbolo de todos os acampamento do movimnto sem terra, é a escola [...]o movimento quando ele ta dentro dum acampamento, porque eu...a escola é um simbolo dentro de um acampamento porque lá se discute uma ideologia politica que nenhum fii de assentado pode ficar sem estudar e eles vão

tudo pra escola ou calçado, ou vestido de bem vestido ou mal vestido mais vai, né<sup>15</sup>.

Como afirma a fala acima, a escola dentro do acampamento tinha o sentido de resistência e luta. Ela foi fundamental para o desenvolvimento da comunidade e permanência dos acampados, pois eles ansiavam por um lugar onde pudessem trabalhar produzir, ter o sustento da família e seus filhos tivesse a oportunidade de estudar sem precisar ir à cidade para isso. Na Imagem 3, podemos ver alguns alunos em frente a escola no Acampamento.

**Imagem 3:** Alunos em frente a escola no Acampamento.



PhotoScan do Google Fotos

**Fonte:** MURARO. Luiz 1997.

Desde o início do acampamento, a escola funcionava com ajuda de professores e alguns materiais didáticos vindo do Assentamento Castanhal Araras. Havia grande dedicação de todos os acampados em relação a educação, na Imagem 3, vemos alguns alunos em frente ao barracão onde funcionava a escola. Foi inaugurada oficialmente um ano após o início do acampamento, pela Secretaria de Estado de Educação do Estado do

---

<sup>15</sup> **Entrevista cedida pelo Sr Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São Joao do Araguaia, 18 de novembro de 2018.

Pará (SEDUC/PA). Em março de 1998, seguindo o programa do Ministério da Educação (MEC), “toda Criança na escola”.

O nome escolhido em reunião e em acordo com todos os acampados foi “Educar Para Crescer”. Já havia até então 400 alunos matriculados, após a inauguração foram contratados quatro professores do próprio acampamento. Sendo ainda entregues nesse momento pela SEDUC/PA 200 carteiras, seis quadros negros, 400 kits escolares.

Mesmo com os materiais que foram recebidos, a escola não possuía qualquer conforto, e não eram suficientes, mas havia professores e alunos comprometidos com a luta pela terra e pela educação, por esse motivo não desanimaram e mais se motivaram a fazer a escola funcionar.

A quantidade de professores contratados também não atendia a demanda e outros professores dentro do acampamento começaram a trabalhar de forma voluntária, assim como em outras áreas dentro da escola, como higienização, copa e outros, como afirmam o Sr. Antonio em sua fala abaixo:

Foi várias lutas, primeiro porque, a primeira luta foi pra conseguir a escola que essa luta durou muitos anos, durou desde o acampamento que a gente lutava pela escola e quem ensinava era os assentado né que tinha os professores voluntários né, que ensinavam que todo assentamento do MST tem essas escolas voluntárias. Hoje não sei se algum acampamento é, os professores já recebem mais antes não recebia tudo era voluntario, e ai a gente lutou nessa questão pra colocar os professores nosso no município né, pra poder ter um salário <sup>16</sup>

Conforme o fragmento a cima, a escola no acampamento foi conquistada através da luta dos camponeses acampados com o MST, sendo inclusive necessário que durante um período alguns setores na escola funcionassem com voluntários, que primavam pela educação naquele lugar.

Os professores e todos aqueles que exerciam alguma atividade na escola, mesmo com a falta de recursos adequados faziam o possível para exercerem seu papel com o máximo de qualidade possível, pois a maioria já vinha engajada na luta pela educação do campo, como observamos na fala abaixo:

O movimento perdeu nessa questão dos professores, os professores que tinha do movimento nas escolas no assentamento era professor bom de primeira linha, ta entendendo, que valia a pena você colocar os filhos pra

---

<sup>16</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia. 24 de março de 2015.

estudar e eles aprender, hoje a coisa modificou demais, os professores não são de boa qualidade.<sup>17</sup>

No trecho a cima, o entrevistado, relata qualidade do ensino no acampamento, e a preocupação que o professor da época tinha em relação à aprendizagem do aluno, tendo em vista que este era também acampado, morador, e participava de igual modo das lutas em relação à conquista da área da Fazenda Pastoriza. Isso modificou quando a escola foi municipalizada e as contratações começaram a acontecer por meios políticos, e começaram a virem professores de outros lugares sem nenhuma ligação com a luta pela terra.

O prefeito municipal na época, não demonstrou nenhum interesse pela regularização da escola, se opondo inclusive que fosse reconhecida como escola municipal.

Também na questão da regularização da escola né, que a nossa escola ela viro estadual primeiro, ela foi documentada como estadual pra depois repassar pro município, porque o município não queria reconhecer a escola. Ai pra essa escola ser reconhecida foi obrigado ser reconhecida pelo estado, ai depois da escola construída do prédio, ai que ela foi repassada pro município e municipalizada, essa foi uma das lutas grandes que nos tivemos.<sup>18</sup>

No fragmento acima o narrador, relata essa dificuldade logo no início da escola no que diz respeito à regularização, onde a própria prefeitura não quis se responsabilizar pela educação de tantas crianças no acampamento e se absteve de qualquer pronunciamento quando procurada por representantes do acampamento, mantendo uma postura de isolamento e ignorando que houvesse aquela escola no município. A imagem 4, retrata o dia da inauguração da escola.

---

<sup>17</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia, 24 de março de 2015.

<sup>18</sup> **Entrevista cedida pelo Sr. Antonio, um dos pioneiros do Assentamento 1º de Março.** São João do Araguaia, 24 de março de 2015.

**Imagem 4:** Inauguração da escola no acampamento pela SEDUC.



**Fonte:** Jornal Opinião, Marabá, 1998. (Arquivo CPT)

Na Imagem 4, vemos o secretário estadual de educação, João de Jesus Paes Loureiro em cima de um palanque improvisado no momento da inauguração da escola, o evento contou ainda com a presença do prefeito municipal de Marabá da época, Geraldo Veloso, a deputada estadual Maria Tetê, o diretor do Senai, Estanislau Servilha.

A imprensa também esteve no local, o evento chamou atenção por ser a inauguração da primeira escola estadual dentro de um acampamento de sem-terra. Este foi um momento de grande relevância para a história da comunidade e para as 400 crianças com idade escolar que ali vivam.

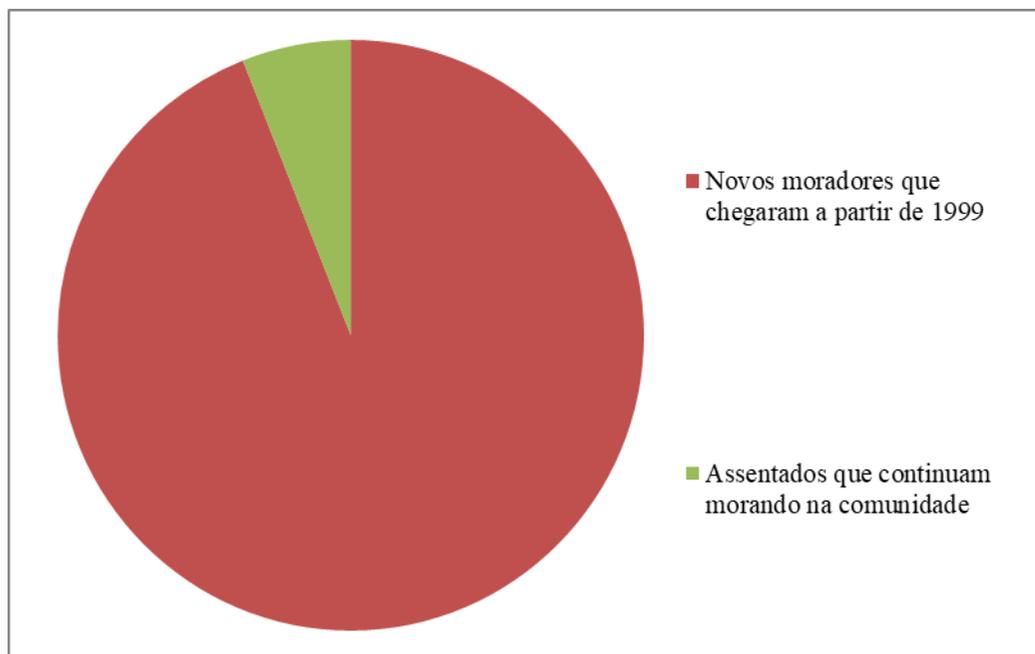
#### **1.4 Assentamento 1º de Março e o Mercado de terras: dificuldades, vulnerabilidades e assédio.**

São mais de vinte anos de história do Assentamento 1º de Março, dos quais dois correspondem ao período de acampamento. No decorrer desse espaço de tempo, logo nos primeiros anos de assentamento, grande quantidade de pessoas vindas de outras localidades, compraram casas ou lotes rurais e passaram a morar, simultaneamente os pioneiros foram embora e venderam seus lotes.

De acordo com informações obtidas através de conversas com lideranças locais, apenas 90 famílias, permanecem desde o acampamento até o momento atual sendo moradores e assentados na comunidade.

Esses poucos moradores que resistiram a essas duas décadas de trajetória, é uma proporção muito pequena em relação à estimativa de residentes atual no Assentamento, o Gráfico 1, retrata essas informações:

**Gráfico 1.** Percentual atual dos moradores do Assentamento 1º de Março.



**Org:** FERREIRA. Ângela Carla Saraiva, 2021.

A partir de 1999, com a desapropriação da Fazenda Pastoriza, 338 famílias foram assentadas no então Projeto de Assentamento 1º de Março, desse momento em diante começou o movimento descrito no Gráfico 1 a cima. Talvez pela proximidade com a cidade de Marabá, a vila construída as margens da rodovia transamazônica, o fácil acesso, o local passou a chamar a atenção e começaram as primeiras vendas de lotes na vila e seguiram até que restassem apenas 90 famílias. Vale a pena lembrar que todo o processo de “desenvolvimento da Amazônia” do Governo Militar, dizia que “a Amazônia ia se desenvolver pela pata do boi”. O plano orientava para transformar a Amazônia numa grande fazenda, rumava para a constituição de um grande mercado de terras. Desde grandes empresas, grandes e médios proprietários, pequenos e médios comerciantes de vilas e cidades próximas passaram a assediar os assentamentos com ofertas de compras

dos lotes. Isso por que a política de reforma Agrária era frágil, e as famílias ficavam vulneráveis, sem apoio, estrada, saúde, educação, assistência técnica, tornando a vida das famílias muito difícil. A política se detinha a mera regularização das ocupações organizadas pelos Movimentos Sociais do Campo: MST e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (FETAGRI). Assim a intensão era comprar a terra para explorar a madeira e fazer pasto e produzir carvão.

As poucas famílias que permaneceram desde o período do acampamento representam atualmente apenas 6% da população, foram acrescentadas aproximadamente 1500 novas famílias até 2021 de acordo com informações concedidas pelo presidente da APROCTRAM. Esse é um dos motivos pelo qual se dá a importância de registrar as narrativas nesse trabalho de pesquisa, forma de não permitir que se percam os relatos que contam o começo dessa comunidade.

**Quadro 1:** Linha do tempo sobre a História do acampamento na fazenda Pastoriza – de 1980 a 1999

<b>Ano/Período</b>	<b>Acontecimentos</b>
<b>Década de 80</b>	Iniciou a história do MST na região Sul do país, e chega ao Pará em fins da mesma década, 1989, em Conceição do Araguaia, liderado por Fusquinha; Onalício Barros, que figura a lista dos assassinados na luta pela terra no Pará. No início dos anos de 1990 organiza-se na região de Marabá, e organiza várias ocupações de fazendas improdutivas. Entre elas, a que nos debruçamos nesta pesquisa.
<b>maio de 1995</b>	Primeira tentativa de ocupação na Fazenda Pastoriza.
<b>agosto de 1995</b>	Assassinato de três trabalhadores dentro da fazenda.
<b>abril de 1996</b>	Massacre na curva do Esse em Eldorado do Carajás
<b>novembro de 1996</b>	Acampamento e em frente ao INCRA reivindicando a área da Fazenda Pastoriza para fins de Reforma Agrária
<b>dezembro de 1996</b>	Acampamento provisório no assentamento Castanhal Araras
<b>março de 1997</b>	Início do acampamento dentro da Fazenda Pastoriza
<b>setembro 1997</b>	Saque ao caminhão em frente à entrada para o acampamento.
<b>março de 1998</b>	Inauguração da escola primeira escola estadual dentro de área de acampamento, Escola Estadual de ensino Fundamental Educar Para

	Crescer.
<b>ano de 1999</b>	Desapropriação da fazenda Pastoriza e criação do projeto de Assentamento 1º de Março.

Fonte: Quadro elaborado com base no trabalho de pesquisa junto ao Arquivo da CPT, livros e *sites* retirados da internet.

Organização: FERREIRA, Ângela Carla Saraiva, abril, 2022.

O esforço que construir essa linha do tempo advém do processo de sintetizar os movimentos históricos que atravessaram a luta pela terra desses sujeitos do campo e da importância da reforma agrária para a construção do Assentamento 1 Março.

## **2. HISTÓRIA ORAL: A EXPRESSÃO DA MEMÓRIA.**

No capítulo anterior elaboramos uma linha do tempo e um panorama histórico da construção do acampamento na Fazenda Pastoriza. E relatamos sobre o sentido empregado à palavra acampamento, sendo este relacionado à ideia de um espaço de luta e resistência no processo de conquista da terra.

Neste capítulo, vamos realizar uma breve relação entre a história oral, memória e identidade, enfatizando a relevância destes como metodologia de pesquisa, para recontar um período da história de uma comunidade. Utilizado como base as leituras dos seguintes autores: Alberti (2005); Bossi (1979); Thompson (1997); Portelli (1997) e Pollak (1992).

### **2.1 Contextualizando a História Oral.**

Desde as eras primitivas, os seres humanos perceberam a importância de falar dos acontecimentos do passado, fosse relatando experiências próprias ou de seus ancestrais, para os filhos. O sentido que essa atitude trazia consigo, ultrapassava os limites de apenas recontar histórias, sendo responsável por transmitir suas crenças e costumes às gerações futuras, assim como alertar de perigos e orientar em diversos aspectos da vida. Os arquivos contidos na memória foram durante muito tempo, o único meio pelo qual os povos primitivos cumpriram a missão de manter viva a cultura e o legado do seu clã.

Dessa forma, inferimos que a humanidade, desde o desenvolvimento da capacidade de se comunicar<sup>19</sup>, iniciou ao mesmo tempo a prática de transmissão às gerações vindouras suas experiências de vida, para isso recorrendo sempre aos dados contidos na memória. Assim, evoluindo as formas de comunicação, e com o aperfeiçoamento da fala surgem às narrativas orais.

---

<sup>19</sup> O meio de comunicação mais antigo de que se têm notícias são das inscrições nas cavernas que datam de 8.000 anos a.C. Possivelmente esses homens das cavernas se comunicavam através de gestos, posturas, gritos e grunhidos. Em um determinado momento histórico ele aprendeu a relacionar objetos e seu uso e a criar utensílios para caça e proteção e pode ter passado isso aos demais, através de gestos e repetição do processo, criando assim, uma forma primitiva e simples de linguagem. Com o passar do tempo esse tipo de comunicação foi adquirindo formas mais claras e evoluídas, facilitando a comunicação não só entre os povos de uma mesma tribo, como entre tribos diferentes. (MACHADO, Geraldo Magela. História da Comunicação Humana. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/historia-da-comunicacao-humana/>) c2006-2021. Acesso em 16 de fev. 2021.

A história oral como metodologia de pesquisa ganhou relevância após a invenção do gravador de voz, em meados do século XX, o que possibilitou a realização de entrevistas gravadas, e foi ganhando adeptos ao longo dos anos (ALBERTI, 2005).

A História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica e etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram e, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas e visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2005, p. 18).

Conforme Alberti (2005) afirma que a história oral é o relato de experiências vividas e, ou testemunhadas por indivíduos, estes expressam além do simples ocorrido, a oralidade permite perceber como o narrador sente e se posiciona em relação aos acontecimentos que descreve, esse método possibilita ao pesquisador se aproximar do seu objeto de estudo.

Os sentidos do pesquisador se tornam ainda mais aguçado quando esse objeto de estudo é a história da construção de uma comunidade, como na presente pesquisa, o narrador traz sua própria história de vidas para a narração, ambas estão interligadas, coexistindo em um mesmo espaço de tempo.

Surgiu na década de 70 críticas referente ao uso história oral como método de pesquisa, questionando a sua confiabilidade, sobre o assunto, Thomson (1997) expõe o seguinte:

O principal argumento usado por esses críticos era que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador quanto do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado (THOMSON, 1997, p.51).

Como observamos na fala do autor, diversas argumentações afloraram entre os críticos, desprezado a veracidade da memória como fonte histórica, pois segundo tais argumentos as lembranças podem sofrer variações em diferentes circunstâncias da vida, o que poderia afetar o relato e conseqüentemente alteraria a história.

Ainda de acordo com Thomson (1997), foram desenvolvidos critérios e métodos baseados na Psicologia Social e na Antropologia para avaliar a confiabilidade dos relatos orais, assim como associá-las a outras fontes de pesquisa sendo possível verificar a autenticidade dos depoimentos colhidos por meio de entrevistas.

É inegável a importância das fontes orais atualmente, pesquisas que utilizam esse método têm ganhado notoriedade e crescido nos últimos anos. Sendo sem dúvida alguma o maior meio de transmissão de conhecimento e saber, mesmo antes que outras fontes existissem.

Nesse sentido, Bossi (1979), fala sobre a importância de repassar através da oralidade os acontecimentos do passado, de acordo com o seguinte trecho:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha em suas raízes história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas a competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSSI, 1979, p. 73).

Podemos fazer uma analogia aqui, entre a criança e o pesquisador, relacionando o semelhante modo como ambos são afetados pelas descobertas feitas por meio de fontes orais, especialmente quando essas fontes são pessoas com mais idade e compartilham suas vivências.

De acordo com a autora, as crianças recebem as experiências de vida dos mais velhos através da memória expressa pela oralidade, proporcionando a elas fontes históricas que são mais do que simples dados escritos. Esse movimento é importante para o desenvolvimento social, crítico e interpessoal da criança, é importante que desde cedo possam ter oportunidade de entrar em contato com os mais velhos, ouvir suas histórias e recordações.

## **2.2. O recontar da história partindo da memória.**

Recontar a trajetória de uma comunidade utilizando a metodologia da história oral, e os recursos de entrevistas gravadas e transcritas é sair do óbvio, do lugar de conforto, e buscar nas reminiscências<sup>20</sup> dos sujeitos da narrativa os diferentes ângulos do mesmo momento histórico. É também ir além dos fatos emergindo com mais significados, como afirma Portelli (1997):

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevista sempre

---

<sup>20</sup> Imagem lembrada do passado; o que conserva na memória.

revela eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: Elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (PORTELLI, 1997, p.31).

Para Portelli (1997), a história oral ultrapassa os limites de “contar o que aconteceu” em um dado momento histórico e vai para o âmbito do significado do acontecimento, nos permitindo enquanto pesquisador, encontrar em cada entrevista, a multiplicidade da memória.

Encontrar diversidade nos relatos é um aspecto normal na história oral, em algumas entrevistas à medida que vão surgindo os fatos, as falas dos vários personagens que narram história, se encaixam como em um quebra-cabeça, em outras as elas se desconectam, surgem novas lembranças, um conflito diferente é descrito, ou o conflito é descrito de forma diferente, outros nomes são citados e assim por diante. Sendo natural, considerando que, mesmo participando da mesma situação cada indivíduo vive sua própria experiência reage de formas distintas aos traumas, e o arquivo na memória leva em consideração os fatos mais relevantes, marcantes ou traumáticos.

Sobre os eventos que marcam a memória, no relato do Sr. Raimundo Nonato Gomes, observamos uma inconsistência no que se refere ao tempo em que as famílias permaneceram no acampamento provisório: “Eles ficaram, chegaram lá no dia 20 de dezembro de 1996 e talvez eles ficaram lá no meu lote mais ou menos *cinco* meses, é mais ou menos isso, eles chegaram em novembro e dezembro alias e lá do meu lote que eles partiram pra ocupação<sup>21</sup>”. Se formos buscar pela lógica, de 20 de dezembro de 1996 ao dia 1º de Março de 1997 foram menos de dois meses e meio. Aqui, quando ele recorda as 1200 famílias acampadas em seu lote remete à magnitude daqueles 70 dias, sua memória inconscientemente traz para suas narrativas o que o marcou, que o inquietou, ou preocupou e etc.

Conforme afirma Portelli (1997) quando fala daquilo que faz a história oral diferente, o que poderia ser considerado discrepância, e totalmente natural quando o narrador depende da memória, pois o que é levando em consideração nas lembranças narradas aqui não é exatamente o tempo, mas sim a intensidade da experiência vivida em cada dia.

---

<sup>21</sup> **Entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Nonato Gomes.** São João do Araguaia, 13 de outubro de 2019

Assim, no processo de narrar, a memória é ativada as lembranças vão fluindo de diferentes formas, a seu próprio tempo, tanto para rememorar quanto para expressar através da fala as recordações. Não será possível ao narrador descrever tudo que vivenciou, algumas experiências ficam retidas no subconsciente, sendo proposital ou não, dependendo do tipo de sentimento ou traumas que trazem consigo.

### **2.3. História oral, memória e identidade.**

Para Thomson (1997) as narrativas orais revelam além da memória do passado, expressam ainda a identidade do narrador, sendo que este, não descreve apenas o fato, mas demonstra no processo da entrevista como ele vê a si próprio nos acontecimentos.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspecto desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossa reminiscência; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p.57)

Podemos entender com o trecho a cima que, memória e identidade estão intimamente ligadas, não podendo ser separadas, as lembranças que afloram trazem as marcas de quem éramos ou pensávamos ser, e são transmitidas na mesma proporção, Para Thomson, as recordações do passado são moldadas para se ajustarem à identidade. Dessa forma, ao ser questionado sobre um determinado assunto ou acontecimento do passado, o entrevistado não recordará todos os aspectos e não relatará tudo que for recordado, isso ocorre no subconsciente do indivíduo, a memória selecionará aquilo que julgar importante e pertinente para ser transmitido ao entrevistador, é o que chamamos de memória seletiva.

Dessa forma o entrevistado que sendo também o personagem se coloca na narrativa da forma com ele ver a se próprio e suas atuações nas situações a serem descritas. Podemos entender minimamente analisando fala a seguir, onde o entrevistado ao iniciar a descrição de como chegou ao Assentamento Castanhal Araras começa da seguinte forma:

Pois é, primeiramente sou maranhense, meu nome é Raimundo Nonato Gomes, família humilde, é sempre atuando em movimento popular como sindicato, é fazendo parte também de outras políticas, política até mesmo partidária e não como candidato, não como eleito, mas sempre lutando né pra ver se a gente alcança também coisas melhores.<sup>22</sup>

No trecho a cima, o narrador antes de começar a falar do lugar, primeiro se situou dentro da história, quem é de onde veio, como se posicionava politicamente, isto é, que personagem ele é nas narrativas. Sua identidade emerge à medida que emergem as memórias, nesse momento não importa como os outros seus companheiros de luta o enxergavam, ou se posicionavam em relação a ele ou a situação, essa são suas memórias, história de vida, sua identidade.

Essa seleção da memória ocorre conforme a identidade vai sendo formada, ou transformada em cada indivíduo. A narrativa da memória identifica a auto-imagem do narrador, para Pollak (1992), memória e identidade podem ser negociadas, não separadas.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLACK, 1992, p.5).

A identidade do indivíduo depende da memória que é construída ao longo da vida. Pollak (1997) afirma ainda, que ela pode ser negociada, isso ocorre no processo de seleção da memória, quando ela separa aquilo que será lembrado e relatado.

A forma como o narrador se vê ou se coloca na narração está diretamente ligada com os critérios daquilo que é considerado aceitável ou bom pra ele mesmo ou para a sociedade. Isso não significa que o narrador manipula a memória, é o oposto disso que acontece. É necessário que seja assim, pois o ser humano tem a incrível capacidade de

---

<sup>22</sup> **Entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Nonato Gomes.** São João do Araguaia, 13 de outubro de 2019.

moldar sua identidade dependo de suas experiências de vida, adquirindo novos conhecimentos agrega a si o que julga pertinente, do mesmo modo exclui aquilo que não convém a ele reproduzir, lembrar ou relatar.

Os traumas, constrangimentos, perigo entre outras situações do passado ficam arquivados, e podem ser silenciadas, sobre isso Thomson (1997), afirma o seguinte:

Às vezes historiadores orais ouvem as narrativas, mas descuidam-se desses significados pessoais ocultos. Assim como as histórias baseadas em reminiscências revelam a maneira específica como uma pessoa compôs seu passado, esses significados ocultos podem revelar experiências e sentimentos que foram silenciados porque não se ajustavam às normas usuais ou a própria identidade da pessoa (THOMSON, 1997, p.58).

Thomson (1997), fala da composição da memória, a pessoa compõe um passado com o qual consegue conviver, por isso o sentido que é dado as lembranças, mudam conforme passa o tempo, e novas experiências vão sendo vivenciadas. Afirma ainda que o pesquisador, precisa estar atento a esse processo, e compreender o entrevistado dentro da sua narrativa.

Quando o pesquisador pretende recontar a história de uma comunidade, partindo das narrativas construídas a partir das memórias dos protagonistas que fizeram essa história acontecer, ele busca encontrar mais do que simples fatos históricos, estes poderiam ser lidos no material escrito. É um desafio prazeroso que instiga e impulsiona o pesquisador.

Do mesmo lado, está o protagonista dos acontecimentos, que tem a oportunidade de relatar aquilo que viveu “na pele”, “contar o seu lado” da história, expor suas memórias e lembranças do passado através da narrativa. Sendo igualmente relevante para ambos reviver os acontecimentos através das reminiscências.

### 3.NARRANDO AS MEMÓRIAS DO ACAMPAMENTO.

Neste terceiro capítulo, destacaremos a problemática que impulsionou a presente pesquisa: Como a história oral, através das memórias dos primeiros moradores, ajuda a esclarecer e a revelar a história da fundação do Assentamento 1º de Março?

Essa indagação surgiu através da realização dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos no tempo comunidade<sup>23</sup>, proposto pelo curso de Educação do Campo. Foi averiguado pelos dados colhidos, que atualmente pelo menos 94% dos moradores (**ver gráfico 1**) locais chegaram após a construção do assentamento e assim desconhecem sua história de origem. Tal situação é problemática, pois pela falta de conhecimento desprezam a atuação e importância dos movimentos sociais, que lutam por causas populares, em especial o MST, criticando o apoio aos grupos de sem terras em acampamentos, não entendendo que a localidade em que vivem, é fruto do trabalho e organização desses movimentos.

A relevância desse trabalho de pesquisa se dá pela necessidade de registrar, documentar e tornar conhecida a trajetória que deu origem à comunidade. Contando com as experiências reais, de quem participou ativamente do período histórico em questão, os dois anos de acampamento, sendo crucial para que o projeto de Assentamento 1º de Março se estabelecesse.

Dessa forma, o objeto de estudo são os relatos orais dos pioneiros da comunidade, nesse processo refletiremos sobre as narrativas construídas, juntamente com os principais eventos que marcaram suas memórias no período de acampamento. Os narradores são parte ativa nessa composição, relatando suas lutas, trajetórias, as dificuldades e conquistas entre tantas outras experiências vividas e sobrevividas no período de acampamento na fazenda Pastoriza.

Ao ponderarmos sobre o tema proposto, surgem alguns questionamentos, tais como: Por que o foco da pesquisa é o período de acampamento? Por que utilizar fontes orais? Quais as principais lembranças narradas? Que situações ou pessoas marcaram a

---

<sup>23</sup> O Tempo Localidade (Tempo Comunidade) é o tempo das práticas de pesquisa social e educacional, configurando-se como momento de investigação acadêmica sobre o cotidiano pedagógico das escolas rurais e das comunidades em que elas se situam. É o momento de levantamento de dados e da vivência de experiências sócio-educativas junto à escola e a comunidade de modo que permitam a construção de reflexões sobre a realidade e os processos pedagógicos que no campo se desenvolvem (PPC educação do campo, 2014, p.30).

memória dos acampados? Estas e outras indagações nos impulsionam à reflexão e análise das narrativas colhidas no processo de construção desse trabalho.

### **3.1 Narradores personagens**

É necessário antes de tudo ressaltar a importância dos 1200 homens e mulheres cadastrados como Sem Terras que fizeram à história do acampamento na Fazenda Pastoriza acontecer, entrando de madrugada em meio à mata, arriscando tudo o que tinham até mesmo a própria vida em um propósito comum, reivindicar reforma agrária. Todos esses sujeitos protagonizaram o mesmo período histórico, ainda que, a maior parte tenha desistido ao longo de dois anos acampados, até serem assentadas as 338 famílias. A morosidade intencional das respostas do governo em atender as famílias tem esse fato da desistência como consequência. Embora, tantos tenham abdicado diante das adversidades, a quantidade significativa de pessoas presentes no início teve sua relevância em um momento tenso como foi aquele dia, 1º de março de 1997.

Diante da impossibilidade de encontrar e entrevistar todos os sujeitos que, participaram da construção do acampamento, sete pessoas foram entrevistadas, sendo elas pioneiras do Assentamento 1º de Março. Narradores de uma história da qual também são personagens, eles que carregam na memória e na alma, no corpo como as mãos calejadas, as rugas no rosto, os cabelos grisalhos, são algumas marcas de uma época de dificuldades, escassez, perigos e conflitos. Em seus corpos trazem as cicatrizes de quem lutou com a esperança de conquistar o direito de plantar, colher, sobreviver e ter um lugar para chamar de casa.

Entre essas sete pessoas, duas delas não são, ou foram moradores do assentamento, também não acamparam na fazenda Pastoriza. Entretanto, por terem sido de grande importância na época do acampamento, apoiando, ajudando e participando ativamente de várias ações no período, são eles o dono do lote que abrigou o acampamento provisório no Assentamento Castanhal Araras, o Sr. Raimundo Nonato Gomes e o Padre Leonel que desde o início sempre esteve presente durante aquele período trazendo auxílios para a multidão ali presente. Esses dois tiveram seus nomes citados nas demais narrativas, sendo lembrados como sujeitos de extrema importância para aquele povo, demonstrando que deixaram um legado na história da comunidade. Os outros cinco são três homens e duas mulheres moradores e assentados e pioneiros. Sendo todos sujeitos da luta pela terra,

sujeitos Sem Terra, sujeitos do campo; por tanto camponeses que participaram ativamente e contribuíram na formação do campesinato Amazônida.

Assim, se fez necessário ouvir e trazer seus relatos para compor esse trabalho de pesquisa, na tentativa de compreender minimamente suas motivações e interesses, permitindo que se convertessem de meros personagens a narradores em primeira pessoa. Por isso trago a seguir um breve relato de suas trajetórias de vida, lutas e conquistas, descritas com base em suas próprias narrativas cedidas durante esse projeto de pesquisa.

O senhor Raimundo Nonato Gomes, 79 anos, era o dono do lote onde as famílias ficaram acampadas por três meses antes de entrarem na fazenda Pastoriza, local que serviu de suporte para preparação dos trabalhos de base. Ele relata que foi sindicalista desde muito novo, quando ainda morava no estado do Maranhão, atuando no sindicato dos trabalhadores rurais.

Saiu de sua terra natal na década de 70, para a ocupação em um terreno localizado nas proximidades da aldeia indígena Mãe Maria, área que foi considerada sobra de terra dos índios Gaviões, sendo então assentadas algumas famílias no local na década de 80. Após diversos conflitos entre posseiros, e indígenas, causando divergências entre o INCRA e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o território foi reintegrado como reserva indígena. Os assentados, então reivindicando o direito à terra junto ao órgão responsável que lhes assentara indevidamente, conseguiram que fosse criado o Projeto de Assentamento Castanhal Araras para o qual foram remanejados. Na Nova localidade, elegeu-se dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Araguaia, engajado em lutas pela reforma agrária e em movimentos populares, tornando-se também mais um líder de sua comunidade e contribuindo com o debate sobre a questão agrária e organização dos agricultores da região. Foi um intelectual orgânico de seu tempo de luta por vida digna no campo.

Sua maior motivação em ajudar os sem-terra a se organizar, e entrar na fazenda Pastoriza foi devido ao grande desmatamento realizado para plantação de capim, principalmente na extensão territorial vizinha ao Castanhal Araras. As sementes foram semeadas por uma pequena aeronave sobrevoando a área desmatada, dessa forma elas se alastraram prejudicando a atividade econômica da comunidade, que consistia basicamente na agricultura familiar e extrativismo de castanha-do-pará e cupuaçu. Para seu José, seria mais interessante ter vizinhos que partilhassem dos mesmos objetivos que ele e seus companheiros.

O Padre Leonel, esteve trabalhando e ajudando famílias carentes em diversos acampamentos pelo Brasil, sempre acreditando ser possível fazer a reforma agrária acontecer sem violência. No entanto, infelizmente por diversas vezes presenciou cenas de morte e violência no campo contra camponeses e militantes das causas populares, inclusive alguns amigos próximos.

No início da década de 90, saiu da região sul do país, indo para estado do Maranhão à cidade de Vitoria do Mearim, na qual se juntou ao povo em uma caminhada de 200 km até São Luiz em protesto contra a morte de dois trabalhadores rurais, pai e filho em um confronto com policiais locais.

Em 1994 veio ao estado do Pará, na cidade de Marabá juntou-se a um grupo de sem-terra, aproximadamente 800 pessoas reivindicando naquele momento a desapropriação da fazenda Rio Branco. Por dois anos permaneceu auxiliando com alimentação e medicamentos, sendo também o representante da igreja católica no acampamento da Fazenda Pastoriza. Por ser contra a violência, denunciou em jornais da região a presença de grande quantidade de armas no local, temendo confronto e morte.

Após a conquista dessa área, o padre Leonel passou a visitar outros acampamentos, foi à fazenda Macaxeira, onde celebrou a Missa de inauguração do acampamento no local. Participou de alguns eventos junto aos acampados, contando com ajuda da igreja seguia fornecendo suprimento de algumas das necessidades básicas daquelas famílias.

Em 1996 ficou muito abalado com aos fatos trágicos do massacre de Eldorado dos Carajás na curva do S. A quantidade de mortes, as atrocidades cometidas contra as vidas ali presentes, a perda de pessoas conhecidas e amigas o deixou estarecido. Mesmo horrorizado com o acontecimento, conseguiu ir ao local do massacre no dia seguinte, 18 de abril, surpreendendo-se mais ainda com a crueldade, ao ter ciência de que os policiais levaram grande parte dos suprimentos guardados pelos sem-terra para mantê-los na longa caminhada, e ainda utensílios domésticos, até sandálias e redes. Toda essa ação subsequente ao assassinato foi utilizada como forma de humilhar mais os sobreviventes e suas famílias. Diante de tudo isso, não haveria outra atitude se não, ajudar aquelas pessoas. Após tantos desgostos com a violência no campo e sangue derramado, decidiu que não se envolveria mais.

Avisado em novembro de 1996, que o MST articulava o acampamento na Pastoriza e mesmo sendo convidado a visitar as famílias, se absteve de ir, no entanto, não pode se ocultar por muito tempo. Estando em casa a noite, véspera de natal, chegou um casal

trazendo consigo um recém-nascido, apenas três dias de vida, pedindo que os levassem até o acampamento na fazenda Pastoriza, pois saindo de lá para que a mulher pudesse dar à luz no hospital em Marabá, não possuíam recursos financeiros para retornarem pagando as passagens. Comovido, resolveu deixá-los pela manhã, chegando ao local tomou conhecimento da situação precária em que a população vivia, os recorrentes casos de malária, a falta de medicação adequada para tratá-los, e tantas outras situações, não pode se negar a ajudar aquele povo, assim sua história se cruzou com a do Assentamento 1º de Março. Em poucos dias, conseguiu uma equipe médica, para atender a população dentro do acampamento, fornecendo medicação básica para os tratamentos mais urgentes, bem como um caminhão carregado de alimentos todo mês.

Outra ação importante do padre no acampamento foi à fundação da pastoral da criança<sup>24</sup>, esta tratava os casos de desnutrição que eram recorrentes entre as crianças naquele período. A organização da pastoral contava com a colaboração de voluntários, eles cadastravam as famílias, selecionando aquelas com crianças menores de cinco anos de idade, estas eram acompanhadas, sendo realizada periodicamente a avaliação do seu estado nutricional, recebiam uma quantidade de leite mensal, alimentos básicos, e o suplemento vitamínico e mineral através da multimistura.

Celebrou o primeiro casamento dentro do acampamento, na igreja levantada e coberta com palha, bem próximo à escola, onde aconteciam também as missas periódicas. Lutando junto com os acampados em algumas questões, como na legalização da escola de ensino fundamental que funcionava de forma improvisada e sem registro na SEDUC, o prefeito municipal da época se recusava a reconhecer, municipalizar, e ceder qualquer material que necessitassem. Então, recorrendo a algumas influencias políticas que tinha, articulou para que a escola fosse reconhecida pelo estado, e em menos de um ano conquistaram o objetivo, sendo inaugurada oficialmente pelo secretário estadual de educação em março de 1998. Padre Leonel, tanto fez pela população que passou a ser

---

<sup>24</sup> A Pastoral da Criança é uma organização de ação social, que alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários que ali vivem. Esses assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania tendo como objetivo o "desenvolvimento integral das crianças, promovendo, em função delas, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político" Disponível em: [diocesedeapucarana.com.br/portal/pastoral/16/pastoral-da-crianca](http://diocesedeapucarana.com.br/portal/pastoral/16/pastoral-da-crianca). Acesso em 31 de janeiro de 2022.

muito estimado por todos, chegando a chamá-lo de “Pai,” tamanho era seu o empenho e altruísmo.

Seu Antonio, assentado e morador do Assentamento 1º de Março, Maranhense da cidade de Olho D’água da Cunhas, 56 anos. Veio para o estado do Pará em busca de emprego na década de 80, motivado pelos rumores sobre o garimpo de Serra pelada. Com o fechamento do garimpo pelo governo federal, passou a morar e trabalhar na cidade de Parauapebas. Em 1996, desempregado e com filhos pequenos decidiu sair do lugar onde morava, com o objetivo de passar uma temporada com os sogros em Marabá, nessa época foi apresentado à organização do MST e à proposta da ocupação da fazenda Pastoriza, incentivado pela esposa realizou seu cadastro e entrou na luta pela conquista daquela área. Esteve desde o início do acampamento, sempre engajado na luta pela causa popular, e participou de várias ações dentro do acampamento. Foi presidente da Associação de produção e comercialização dos trabalhadores rurais do Assentamento 1º de Março (APROCTRAM).

A senhora Joana, atualmente com 71 anos, era moradora da cidade de Marabá em 1997 quando ouviu seus vizinhos conversarem a respeito de um grupo de Sem Terra que se organizavam para entrarem na fazenda Pastoriza. Interessada pelo assunto buscou mais informações a respeito e desde então se juntou com o tal grupo, pois partilhava do mesmo interesse, lutar pelo direito a terra. Participou de diversos eventos que envolvia o acampamento desde o dia da ocupação, sendo mãe solteira, sentia maior a responsabilidade de colaborar e fazer sua parte para ter o seu lugar garantido nessa nova fase da vida.

A senhora Augusta, morava na cidade de Pacajá, quando ouviu rumores de um povo acampado em frente ao INCRA de Marabá, e reivindicando a área da fazenda Pastoriza para fins de Reforma Agrária, e mesmo com residência própria na cidade, nunca deixou de ansiar por um lugar onde pudesse trabalhar com a aquilo que aprendeu desde a infância, a agricultura. Então, saindo de casa com seus filhos, deixou casa, marido e os poucos pertences que possuía e passou a integrar aquele acampamento do qual não se afastou mais, atualmente é assentada e seus filhos todos já adultos são moradores do assentamento e trabalham juntamente com a família na agricultura familiar.

Seu Mauro, marido de dona Augusta, foi para o acampamento na fazenda Pastoriza em meados de 1997, depois que já estavam todos no acampamento, pois com a vinda de sua esposa e filhos teve que permanecer na cidade de Pacajá até se organizar

financeiramente e conseguir alguém que cuidasse de sua casa. Com sua chegada começou a participar dos grupos de liderança do local, trabalhando e confiando na conquista da área.

O senhor Diogo, era filho de assentado no Castanhal Araras, teve contato com as famílias que foram para o acampamento provisório no final do ano de 1996. Carregava consigo também o desejo de possuir uma terra própria onde pudesse trabalhar para si mesmo, foi aceito pelos integrantes do acampamento, logo se destacando na militância, liderando e organizando ações em toda a trajetória da construção do acampamento.

Apesar das várias narrativas, a presente pesquisa não almeja contar a história da comunidade diversas vezes por pessoas diferentes se tornado redundante, mesmo levando em consideração que todos participaram do mesmo processo histórico, o objetivo central é ressaltar a multiplicidade dos pontos de vistas que a história oral nos proporciona, pois, parafraseando Portelli (1997): o testemunho oral, de fato, nunca será igual duas vezes.

Os sentimentos, reações, interpretações e visão diante das situações e acontecimentos no processo histórico de uma comunidade não serão iguais para os diferentes sujeitos ali presentes, o autor acima afirma esse fato, por isso cada narrativa será importante para compor a historicidade, e nenhuma delas pode ser desprezada. Por esse motivo buscar nas fontes orais informações sobre um local em um determinado período de tempo, não é apenas ouvir a história que elas contam, as vivências do narrador está diretamente ligada à sua narração, eles se tornam narradores e personagem<sup>25</sup>.

### **3.2 As marcas que o outro não vê.**

As marcas que o outro não é capaz de enxergar são aquelas gravadas nas memórias, as quais são expostas, pelo menos em parte através das lembranças. Não podem ser roubadas do sujeito, e nem excluídas por sua própria vontade como se fosse um arquivo indesejado.

---

<sup>25</sup>O narrador-personagem conta na 1ª pessoa a história da qual participa também como personagem. Ele tem uma relação íntima com os outros elementos da narrativa. Sua maneira de contar é fortemente marcada por características subjetivas, emocionais. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br>. Acesso em 3 de outubro de 2021.

É igualmente conveniente para ambos, narradores e pesquisadora, registrar e documentar as falas como forma de preservar a legitimidade dos fatos narrados sobre a comunidade, considerando que se passaram mais de duas décadas e muitas pessoas não se encontra mais no assentamento. Do pequeno percentual que permanece, atualmente são idosos representando o mínimo quantitativo total dos que foram assentados em 1999. Sendo, portanto, muitíssimo importante recorrer a essas fontes, ouvi-las, documentar e registrar suas falas para garantir que possamos ter material completo e confiável para apresentar como fonte de pesquisa histórica futuramente.

A história de um lugar será lembrada e narrada de forma mais intensa, por aqueles que por mais tempo fazem parte dela, dessa forma para coletar as narrativas da construção da trajetória do Assentamento 1ª de Março, buscamos àqueles que estiveram presentes em todas as etapas desse processo. Assim sendo, ao apresentar este projeto de pesquisa aos homens e mulheres que possuem esses critérios, ao serem interpelados sobre os fatos históricos da comunidade, sem exceção se detiveram ao período de acampamento, é natural que isso aconteça, pois a memória é marcada pelos momentos mais difíceis que foram enfrentados.

Nesse tópico analisaremos as narrativas que se cruzam ao longo das entrevistas realizadas, situações ou palavras que foram descritas pelos sete colaboradores desse trabalho.

No contexto da pesquisa, a palavra “acampamento” está presente nas oito entrevistas realizadas, divididas em três fases distintas descritas pelos narradores: Em frente ao INCRA para reivindicar a desapropriação da área da fazenda Pastoriza. Os três meses articulando os trabalhos de base no Assentamento Araras; E o dois anos dentro da fazenda.

Essa recorrência expõe o quanto foi e ainda continua sendo importante para tais sujeitos o ato de acampar, significando para eles resistência e luta, e única forma eficaz para alcançar o objetivo esperado, conquistar a posse da terra, sobre o tema Fernandes (2012) no Dicionário da Educação do Campo afirma o seguinte:

A formação do acampamento é fruto do trabalho de base, quando famílias organizadas em movimentos socio territoriais se manifestam publicamente com a ocupação de um latifúndio. Com esse ato, as famílias demonstram sua intenção de enfrentar as difíceis condições nos barracos de lona preta, nas beiras das estradas; demonstram também que estão determinadas a mudar os rumos de suas vidas, para a conquista da terra, na construção do território camponês (FERNANDES, 2012, p. 23).

Quando pessoas decidem enfrentar as situações adversas descritas pelo autor, sua trajetória de vida é marcada de maneira tão profunda, que não conseguirão falar da história do assentamento sem ativar a memória e relembrar da época mais significativa para si.

É possível observar que a mesma palavra pode expressar sentidos diferentes em cada situação narrada. O objetivo do termo utilizado para descrever como se encontravam nos três momentos distintos, mesmo que subsequentes e direcionando ao mesmo caminho. O ato de acampar vai além da atitude de armar barracas de lona ou construir barracões de coberto de palha em lugares diversos, pois não é o local ou o que se faz lá que traz significado mais importante, é o que os impulsiona, os motiva a enfrentar todas as adversidades de *ser* e *estar* acampado em um determinado lugar.

O Quadro 2, é a tentativa de descrever minimamente, o sentido empregado pelos narradores ao acampamento, nos três momentos descritos por eles nos relatos colhidos.

**Quadro 02.** As três fases do acampamento presentes nas narrativas.

<b>Acampamento</b>	<b>Atitude</b>	<b>Reação</b>
1ª Fase: Em frente INCRA, em Marabá, de outubro a novembro de 1996.	Início da articulação luta pela terra; esperança; entusiasmo; União e colaboração.	Muitas pessoas se juntaram ao grupo de sem-terra acampado no local.
2ª fase: Articulação do trabalho de base; Três meses de acampamento provisório no Assentamento Castanhal Araras, de 20 de dezembro de 1996, a 1º de março de 1997.	Havia muita organização e expectativa. Os militantes fortaleciam as lideranças que surgiam entre os acampados. Mesmo com receio do que pudesse acontecer, estavam dispostos a seguir e frente com o objetivo.	Mais pessoas foram acrescentadas no acampamento advindas do Assentamento em que estavam. Estas chegaram e foram se firmando na comunidade; Pouca desistência e muita esperança.
3ª fase: Dentro da Fazenda Pastoriza.	Imperava as dificuldades e escassez; havia trabalho duro e todos participavam; Era momento de ação; as regras e imposição eram rígidas; Apesar de tudo, surgiu ajuda e altruísmo mútuo entre todos ali presente.	Essa fase teve o maior número de desistentes, ficando sós aqueles que se submetiam as regras e estavam dispostos a obedecer e trabalhar em equipe.

**Org:** FERREIRA, Ângela Carla Saraiva, janeiro de 2022.

Como percebemos no Quadro 02, o sentido agregado ao acampamento, está diretamente ligado ao que se espera dele no momento, isso define também quais atitudes serão tomadas diante das circunstâncias que venham a surgir.

Na fala seguinte o narrador se refere ao período acampado dentro da fazenda Pastoriza:

Sim, nos entramos pro acampamento, aí no acampamento nos... onde a gente fazia as reunião, se discutia, tirava as linha que tinha que ser feita né! E aí foi aonde nos fomos desocupar a fazenda né, uma turma de trabalhador nos fomos pra sede da fazenda aonde nos mandamos desocupar os gerente que tava lá os vaqueiros, é que na realidade era pistoleiro, tinha uns vaqueiro lá mais tinha pistoleiro também<sup>26</sup>.

O que prevalece em todas as situações é o sentimento de união e cooperação mútua. Podemos inferir com isso que independente da fase de um acampamento, é necessário que os sujeitos ali inseridos estejam envolvidos na coletividade, e dispostos a compartilhar entre si os recursos disponíveis ainda que sejam poucos. Trazendo assim ao sentido de acampamento, um elemento base da sustentação das ocupações, definitivamente deixa de ser um aglomerado de pessoas com um objetivo comum, que nesse caso seria a terra, mas também traz consigo e na sua essência fundamentalmente, algo muito mais estrutural, o sentimento de comunidade, que partilha como outrora dito, o pouco que tem, mas sobretudo, partilha suas angústias coletivas, buscando saídas na coletividade dando sentido a palavra comunidade e comunhão.

Outros três elementos foram muito notáveis nas entrevistas, são eles: a Escola, a Igreja Católica e o Bosque, sendo citadas por todas as pessoas que colaboraram com este projeto de pesquisa. Os dois prédios construídos, ainda que de palha, de forma improvisada e o primeiro ponto de apoio para as famílias que foi o bosque dentro do acampamento, foram locais extremamente importantes para os sujeitos ali presentes. Reuniões e eventos que envolviam a comunidade eram realizados em um desses espaços, conforme expressa o Quadro 3.

---

<sup>26</sup> **Entrevista cedida no I tempo comunidade, pelo Sr. Antonio**, Assentamento 1º de Março, São João Araguaia .2015.

**Quadro 03.** Os três locais dentro do acampamento que mais marcaram a memória dos acampados

<b>Local</b>	<b>Eventos que aconteciam</b>	<b>O que representa para os entrevistados</b>
Escola Educar Para Crescer	Além das aulas e rotinas normais de uma escola, em seu pátio aconteciam as Assembleias ordinárias e extraordinárias, festividades e comemorações que a comunidade realizava; certa vez serviu de abrigo para mulheres, crianças e idosos, que temiam um confronto com policiais.	Ponto de encontro de todos dentro do acampamento; um local que inspirava segurança; essencial para a permanência das famílias na comunidade.
Igreja Católica	Fora a rotina de uma igreja católica com missas, batizados e casamento que aconteceram no acampamento. Nesse local também aconteciam reuniões com lideranças, e militantes; equipe de médicos atenderam por algumas vezes a população ali; distribuição do leite que era doado para crianças e eventos da pastoral da criança.	Representa um local de apoio, espiritual através das missas e rezas e físico, pois o próprio padre era quem trazia as equipes de médicos que atendiam e as medicações que seriam distribuídas nas consultas conforme a necessidades da população, ele também trazia mensalmente o leite para os pequenos e ali fundou a pastoral da criança.  Assim nesse mesmo lugar as pessoas recebiam alimento espiritual, ajuda na área da saúde, alimentos para suas crianças e orientações quanto a nutrição delas com a pastoral.
Bosque	Reuniões dos núcleos de base; marcou como o primeiro ponto de parada dentro do acampamento e dava acesso ao resto da comunidade; assembleias gerais; o primeiro poço aberto para suprir a necessidade de água da comunidade; campanhas de vacina entre outros;	Representa o próprio acampamento, não seria possível lembrar o acampamento sem recordar o bosque e vice-versa; Um espaço coletivo de socialização.

**Org:** FERREIRA, Ângela Carla Saraiva, janeiro de 2022.

Podemos observar no **Quadro 3**, a importância desses lugares dentro do acampamento para os sujeitos que viveram aquele período. Citados nas narrativas em diversas situações e momentos, por sujeitos que cederam as entrevistas em tempos e espaços diferentes. Podemos deduzir com isso que não é apenas o lugar em si, mas as vivências e experiências construídas ao longo do processo de luta que podem ter marcado de tal forma a memória.

Para além dos elementos já citados, há também valores e princípios que foram cultivados de forma permanente, tanto no bosque, como na escola e na igreja católica, havia ações que corroborava com tais sentimentos, partilha de alimentos, cultivar solidariedade; assembleias, cultivar a participação coletiva; todos esses são intrínsecos das ações organizativas, as quais estabeleceram as relações de pertencimento, ou seja, sentir-se parte do processo.

Entre tantos fatos mencionados, existem ainda dois personagens que foram recordados de forma intensa pelos entrevistados, sendo eles considerados ícones e sempre que nos referimos ao acampamento serão lembrados. O senhor dono do lote no Assentamento Castanhal Araras, o qual cedeu seu lote para os trabalhos de base, e acampamento provisório antes da ocupação da Fazenda Pastoriza e o Padre que não somente celebrava as missas e dava apoio espiritual à população, mas, além disso, trouxe a pastoral da criança com objetivo de tratar principalmente os casos de desnutrição infantil comum nas crianças ali presentes, bem como assistência alimentícia, conseguindo também atendimento médico e medicação gratuita, intermediou a regularização da escola pelo estado entre outras ações. Esses dois homens por suas ações altruístas permanecem com seus nomes vivos na memória dos pioneiros da comunidade.

A memória é marcada mais profundamente por situações diversas que alguma forma afeta o sujeito em vários âmbitos, proporcionando experiências distintas nas quais exigem atitudes divergentes de sua rotina. Em todo o processo de luta e construção do Assentamento 1º de Março, todos aqueles que estando expostos as circunstâncias presentes em um acampamento de Sem Terra foram afetados em múltiplas áreas de sua existência, dessa forma sua própria história de vida não pode ser separada da história do lugar que com esforço e resistência foi conquistado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a pesquisa sócio-educacional nas diferentes etapas do tempo espaço localidade, que o curso de Educação do Campo nos proporciona, foi observada no Assentamento 1º de Março a inexistência de arquivos que relatassem com mais detalhes o período de acampamento na Fazenda Pastoriza, fazendo um apanhado geral da época e principalmente que estivesse à disposição para acesso público. Bem como a falta de conhecimento desse período histórico, por maior parte da população local, considerando que mais de 90% desses foram chegando à medida que os pioneiros por diversas razões e circunstâncias deixaram o Assentamento 1º de Março. Dessa forma a proposta principal desse trabalho de pesquisa é sanar minimamente essas problemáticas.

Partindo da perspectiva da história oral este trabalho traz o título, *Recontando a História do Acampamento na Fazenda Pastoriza: Uma trajetória de luta pela terra e a conquista de um sonho*, reconta a fase inicial do Assentamento 1º de março, especificamente o período do acampamento, utiliza como base as narrativas de alguns homens e mulheres que foram os pioneiros da comunidade. Sua relevância está em registrar e documentar tais narrativas orais, juntando com dados obtidos por meio de pesquisa documental, organizando em ordem cronológica as informações alcançadas e assim posteriormente deixar disponível em arquivos da escola local, em sua biblioteca e nas associações que contemplam os produtores rurais e moradores locais, disponível para que outras pessoas tenham acesso e conhecimento da trajetória que foi crucial para que o atual Assentamento se consolidasse.

O resultado obtido foi satisfatório, visto que conseguimos colher as informações e os dados necessários para construir esse trabalho, ainda que não fosse viável recorrer a todos os pioneiros da comunidade, e apenas sete puderam colaborar disponibilizando suas próprias histórias de vida e lembranças. As narrativas carregadas de significados foram compartilhadas pelos sujeitos que são também os protagonistas e desbravadores da comunidade. Foram sete narradores e inúmeros aprendizados repassados. Em todas as entrevistas o sentimento exposto foi alegria por fazer parte dessa história, a expressão de dever cumprido era como cada deles encerravam suas narrativas.

Sabemos que dentro do contexto da história oral nunca chegaremos a um ponto final na pesquisa, pois sempre haverá algum fato novo que fora não lembrado no momento da entrevista, ou esquecido no subconsciente, no que se refere aos acontecimentos traumáticos das experiências, serão descritos em partes, interferindo na narrativa. No entanto isso não desabona a pesquisa e, e tão pouco a história oral, isso move o pesquisador a entender que a pesquisa é uma estrada longa, cujo fim não se sabe se será alcançado, porém para quem deseja adquirir conhecimento e compreender minimamente os acontecimentos que o instiga deve percorrer sem parar a caminhada.

Dessa forma, sei que por mais que as sete pessoas, as quais colaboraram com este trabalho, tenham narrado fatos importantes para a comunidade e para si mesmos, não conseguimos aqui esgotar os dados da história local. Por isso quando falo em deixar em arquivos onde a população tenha acesso para pesquisas posteriores, não significa que ele contém tudo referente à história escrito nesse documento, mas que pode servir de apoio para os próximos estudos e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Verena. *O que documenta a fonte oral?* Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOSSI, Eclea. *Memórias e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

DELGADO, Lucilia Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GATTAZ, André; MEIHY, José C. S. Bom; SEAWRIGHT, Leandro (Org.). *História Oral: a democracia das vozes*. São Paulo: Pontocom, 2019.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. 1989. Disponível: [https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral de diferente*. 1997. Disponível: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod\\_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandr](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819741/mod_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandr). Acesso em: 26 mar. 2020.

ROSELI, Salete Caldart. *Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso*. 2009. Disponível: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/27585/1/03.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ROCHA, André Carlos. *O MST e a luta pela terra no Pará*. Marabá-Pa: Editora Iguana, 2015.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias*. 1997.

Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>. Acesso em: 05 mar. 2019.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROSELI, Salete Caldart; PEREIRA, Isabel Brasil; ALETEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

Documentos:

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado 1988.

UNIFESSPA. *Projeto Pedagógico do Curso*. Licenciatura em Educação do Campo. Marabá, 2014.

### **Entrevistados:**

Entrevista cedida no I Tempo Comunidade, pelo Sr. Antonio, Assentamento 1º de Março, São João Araguaia 2015.

Entrevista concedida pelo Sr. Raimundo Nonato Gomes. São João do Araguaia, 13 de outubro de 2019.

Entrevista cedida pelo Sr. Antonio. Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia, 18 de novembro de 2018.

Entrevista cedida pela Sra. Augusta. Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia, 19 de novembro de 2019.

Entrevista cedida pela Sra. Joana. Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia, 20 de novembro de 2019.

Entrevista concedida pelo Sr. Diogo. Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia, 13 de outubro de 2019.

Entrevista concedida pelo Sr. Mauro. Assentamento 1º de Março, São João do Araguaia, 20 de novembro 2019.

ANEXO

**Entrevista realizada durante 1º tempo comunidade com vice-presidente da associação APROCTRAM, pioneiro e assentado e morador do Assentamento 1º de Março, município de São João do Araguaia, em sua residência 24/03/2015.**

**Duração:39min.24seg.**

**Sendo identificado com a letra J entrevistado, João da Silva Ferreira e com a letra A a entrevistadora, Ângela Carla Saraiva Ferreira.**

**J:** O meu nome é João da silva Ferreira, nasci em 24 do 6 de 62, é... Aonde moro hoje é no assentamento, na vila 1º de março, nasci em Olho D'agua das Cunhans no Maranhão

**A:** Quando o senhor veio pro Pará?

**J:** Eu vim pro Pará na fofoca do ouro, né! No final de 79, e ai andei por um bocado de canto ai, trabalhei nunca ganhei dinheiro ai foi que entrei no movimento sem terra.

**A:** Como foi que o senhor entrou no movimento sem terra?

**J:** O movimento sem terra, eu conheci o movimento sem terra na ocupação da fazenda lá onde hoje é o... o assentamento... Palmares 1, né! Ai, mais ai, nesse tempo eu trabalha e morava em Parauapebas e trabalhava empregado e tudo, e ai ainda entrei e sai depois, ai depois, uns quatro ou cinco anos depois foi que eu entrei no movimento sem terra aqui em Marabá, e foi onde nos ocupamos a fazenda Pastoriza né! a antiga fazenda Pastoriza que hoje é o Assentamento 1º de Março.

**A:** Como foi a sua luta no movimento sem terra pra conseguir um pedaço de terra?

**J:** A luta, a luta foi assim, eu trabalhava empregado ai vim pro marabá onde conheci os pais da Francisca minha esposa, e ai ela era invocada por negocio de terra, invocada,

invocada, nos viemo embora de lá, ai chneguemo ai se cadastramo no movimento e viemo pro acampamento , já esse acampamento já existia no araras, ai na entrada dele pro acampamento ai foi que nos viemo, ela ficou em Marabá e eu vim pro acampamento.

A: Como foi a trajetória desde a entrada na fazenda Pastoriza ate a conquista da terra que o senhor tem hoje?

J: Sim, nos entramos pro acampamento, ai no acampamento nos... onde a gente fazia as reunião, se dicutia, tirava as linha que tinha que ser feita né! E ai foi aonde nos fomos desocupar a fazenda né, uma turma de trabalhador nos fomos pra sede da fazenda aonde nos mandamos desocupar os gerente que tava lá os vaqueiros, é que na realidade era pistoleiro, tinha uns vaqueiro lá mais tinha pistoleiro também. E foi onde começamos desocupar e demos uma prensa danada no governo, foi onde o governo é... veio olhar pra nos, que realmente eles não olhava pra nos , vieram olhar pra nos depois que nos fizemos um saque num caminhão ai na transamazônica, e ai foi que eles vieram da fé que nos tava acampado, que se não fosse eles não tinham dado fé, e ai depois... e ai depois que nos tava lá, que nos fizemos esse saque ai veio policia rodoviária, policia federal, policia militar tudo enxergaram nos lá dentro, ai nos, foi que nos começamos é... o governo começou a renegociar a área, nos tivemos sorte porque também naquela época nossa tinha acontecido o massacre de Eldorado né, e ai a gente... eles olharam mais pra nos, mais depois que aconteceu esse massacre olharam mais pra nos ai a terra foi desapropriada mais rápido.

A: De lá ate chegar hoje? Como foi que escolheram a área da vila?

J: Nos entramos na fazenda Pastoriza, teve o acampamento antes no araras mais nos entramos na fazenda Pastoriza dia 1º de março de 97 né,dia 1º de março de 97, ai nos ficamos 97, em 98 foi criado o PA 1º de março já em 98, ai foi, a gente, foi desapropriada a área ai foi que o INCRA mandou cortar os lotes ai cortou os lotes,se, foi sorteadas se as quadras. Ai se discutiu a questão da vila, a vila era uma área, tinha três lugares paras ser a vila, era no acampamento onde nos tava, que era discutido pra ser a vila, era no acampamento onde nos tava, ali hoje onde é a vila e lá na beiro do rio lá perto da sede né, é a faixa de dez doze quilômetros da transamazônica lá, e ai foi escolhido pela maioria, a maioria discutiu , é aprovou que fosse ali na beira da transamazônica, e ai ficou lá mesmo, porque, ate a gente achava que não tinha como ser noutro lugar porque pra dentro ficava difícil pra sair com doente né, tinha varias proposta nessa questão ai tinha a proposta de... do assentamento ser agrovila né, separado em vilinha praqui, vilinha pracolá dentro do PA, mais ai a gente discutiu a questão como era mais fácil trazer a educação, trazer uma escola de mais qualidade porque em vista a gente já tinha visto o araras que era

assentamento bem mais velho e o único grau de estudo que tinha lá era até a quarta série aí nos já vimos essa questão aí montamos a vila ali e aí todo mundo na vila pra gente ter mais condição de puxar uma escola com um grau maior pra dentro do assentamento.

A: Depois que vieram pra vila e fizeram o sorteio dos lotes tudo, quais foram as principais lutas que foram enfrentadas até hoje?

J: Foi várias lutas, primeiro porque, a primeira luta foi pra conseguir a escola que essa luta durou muitos anos, durou desde o acampamento que a gente lutava pela escola e quem ensinava era os assentados né que tinha os professores voluntários né, que ensinavam que todo assentamento do MST tem essas escolas voluntárias. Hoje não sei se algum acampamento é, os professores já recebem mais antes não recebia tudo era voluntário, e aí a gente lutou nessa questão pra colocar os professores nosso no município né, pra poder ter um salário e aí também na questão da regularização da escola né, que a nossa escola ela virou estadual primeiro, ela foi documentada como estadual pra depois repassar pro município porque o município não queria reconhecer a escola, aí pra essa escola ser reconhecida foi obrigado ser reconhecida pelo estado, aí depois da escola construída do prédio aí que ela foi repassada pro município e municipalizada, essa foi uma das lutas grandes que nos tivemos. Nos passamos um bocado de tempo lutando.

Aí depois teve a... a política né a... o assentamento depois que cortou os lotes né, aí o povo começaram mais a ficar individual porque tudo se decidia coletivo aí passou tudo mais a ser individual, aí entrou a política partidária no acampamento, porque até então a política que nos tinha lá era só era política social de reforma agrária aí começou a entrar política partidária, aí começou outra questão grande né, aí que teve divisão de escola, a polícia fez, teve a divisão de escola a polícia fez... É um policial atacou nos lá na... no assentamento porque nos tinha a escola que nos tava construindo que era a escola que nos tinha conquistado, aí depois os nossos filhos já não podia estudar lá, só podia estudar quem não aderiu a questão do movimento e nos que era do movimento não podia mais botar nossos filhos pra estudar lá, aí ficou uma polêmica danada aí dividiu as escolas. Aí nos fizemos aquela escola de tabua que hoje é a creche né, aí depois com muito tempo foi que a gente foi conquistando, colocar nossos professores, teve uma luta, nos perdemos nossos professores melhor que tinha né, que era desde o assentamento, perdemos pra cidade, e aí

foi que nos fomos, terminamos colocando nossos filhos na escola, professor nesse prédio novo, e ai que foi indo né, de muitos anos a... Individualização, por causa dessa individualização criaram associações, outras cooperativa que até então a associação só era uma, e ai foi criadas varias associações e cooperativas e ai foi onde se dividiu o povo e ai tinha aquela briga política, e ai começou né, a questão de assalto dentro da vila, na estrada, a desunião das entidades e ai depois de noventa e... depois de 2008 né, de janeiro de 2008 pra frente foi que a gente começou né, na nova entrada da associação, da nova administração da associação o presidente da associação no caso né, sendo eu né, ai entrei ai não procurei mais, procurei só trazer a união pra dentro, unir as entidades, e ai de certo tempo pra cá de 2000, de 2008 né, até agora graças a deus hoje a nossa vila é uma vila calma, tranqüila, não tem mais a desavença que tinha dentro porque além de ter as desavenças na questão política partidária tinha essa questão né das associações não se unirem cada qual corria pro seu lado político, um lado político partidário e aquilo dali que pegava né, e graças a deus hoje não, hoje todo mundo defende seu ponto de vista na política partidária mas não estão desligados e nem tem briga entre associações e cooperativas que existe aqui dentro.

A: O senhor falou muito na questão da escola, na luta, na divisão da escola, queria que o senhor falasse mais um pouco sobre essa divisão da escola. E como o senhor avaliou a saída dos professores que eram professores do movimento sem terra que atuavam dentro da comunidade e depois por causa dessa divisão toda eles acabaram se desgostado e mesmo fazendo parte do movimento e tendo lote aqui eles foram procurar melhores condições de vida na cidade.

J: O movimento perdeu nessa questão dos professores, os professores que tinha do movimento nas escolas no assentamento era professor bom de primeira linha, tá entendendo, que valia a pena você colocar os filhos pra estudar e eles aprender, hoje

a coisa modificou demais, os professores não são de boa qualidade. Hoje os professores do movimento eles ensinam por prazer, não é visualizando o salário, os professor de hoje não têm nem ai eles visualiza o salário, é o principal deles, eles brinca de dar aula tá entendendo, e ai a escola ela perde muito com isso, ela perde muito porque um aluno, uma criança pra ir pra escola pra ter um bom aprendizado ela tem que ter um bom professor ai se ela tem um mal professor ela vai ser um mal aluno né, ai eu não acredito que ela não

vai ter uma educação né elevada, a educação dele vai ser igualmente a dos professores que estão ensinando, sem qualidade nenhuma

A: A um tempo atrás teve muito a questão do tráfico de drogas, inclusive no seminário que eu participei quando eu falei da primeiro de março a professora falou que a primeiro de março era um lugar muito complicado que era trajetória de traficante de droga e que o movimento sem terra teve muita dificuldade com primeiro de março por vários motivos, na venda de lotes, traficantes que vinha pra cá e aqui era rota de fuga deles e os movimentos sócias tiveram muita dificuldade de trabalhar nessa área por esse motivo.

J: Teve, teve, teve, isso foi um sufoco grande né, porque os traficantes vinha de fora lá pra dentro, e o pior é que o assentamento 1º de março sempre saía com a fama de ruim, mas nenhum assentado foi provado que ele era traficante nem que ele tivesse arma porque assentado não tem condição é... de... arma de assentado é foice é facão ai tinha bandido que tinha fuzil AR15 né. E ai não tinha como ser assentado, so que a mídia só botava que fosse os trabalhadores rurais do assentamento 1º de março, isso não tinha nada haver com o assentamento inclusive teve muitos jornalistas que tiveram no assentamento, inclusive tinha uma jornalista a Bia Cardoso eu mesmo fiz entrevista com ela, e ela me procurou sobre a questão desse bandidos e eu falei que existia esses bandidos mas não que esses bandidos fossem assentados né, nem que essas armas que eles tivessem fossem de assentamento, porque o assentado não tem arma principalmente né um fuzil AR15 eles não sabem nem o que é e o que significa.

A: Em algum momento o senhor sentiu falta do apoio dos movimentos sociais? Como o senhor avalia o apoio dos movimentos sociais aqui dentro da 1º de março do inicio ate os dias atuais?

J: O movimento social em partícular o MST, que na realidade é quem nos representa aqui dentro, foi o primeiro a ter deixado, ter deixado de lado nessa questão abandonou nos, ate porque nos... eu qual era o desentendimento político que a gente tinha com eles que ate hoje eu não entendo. Nos fizemos várias ocupações junto com MST em estrada, banco, essas coisas e sempre na hora do beneficio só nos, era, ficava pra traz , nos não era é, recompensado pelo... ajuda que a gente tinha, eles não enxergava agente né, e ai depois a gente começou se afastando né das discussões políticas né, não participava mais de encontro do MST e ai foi, nunca tiramos a bandeira de dentro do assentamento porque nos

se reconhecemos como do movimento sem terra né, e o movimento sem terra ate então a gente entende que não é uma pessoa e ele não tem dono, o movimento sem terra é um movimento de organização de massa né, e ate então a gente nunca saiu do MST não, a gente foi sempre desprezado por eles aqui dentro e tudo mas nunca saímos dele não. Hoje já ta bem diferente já ta voltando a política do movimento novamente aqui pra dentro do assentamento e ai a gente não sabe ate onde é que vai, só sabe que a política do movimento sempre foi uma política boa né, agora só que existe gente também ruim dentro do movimento né que distorce a política e puxa as coisa pro lado pessoal deles né, porque a política tem que ser é... a política tem que ser disputada pelos movimentos sociais, em si todos eles né, sem distingui cor, raça, religião, tudo isso e as vezes não, tem alguns do movimento, que passaram a fazer parte do movimento e

ele definir uma mas como deles, e ai foi onde ficamos mais de fora nessa questão e ai foi onde entrou a questão da 17 de abril, daquela lá de Parauapebas a da palmares que são os assentamentos mais né... que o povo da direção do movimento que eles estimula mais ta entendendo, vão atrás de coisa, tudo que eles vão atrás eles são os mais beneficiados né, nos sempre ficamos mais de fora, mas também nos nunca deixamos né, o movimento, também nunca deixamos é de correr atrás das nossas coisas, a nossa associação também foi fundada né, vai fazer dezoito anos agora em dezembro, ela foi fundada no mesmo tempo do assentamento e nos temos corrido atrás das coisas que nos pode fazer que ta no nosso alcance que nos consegui trazer nos traz pra cá, ate mesmo sem depender do movimento, mas a gente sabe que a gente é omissos não, a gente tem que ser subordinado deles porque nos somos apenas uma associação e o movimento representa muito mais de que uma associação de que um assentado.

A: Em sua opinião, qual a importância dos movimentos sociais?

J: Ah! A importância dos movimentos sociais é muito grande, principalmente pra gente que é trabalhador, pra gente que é da roça, sem os movimentos sociais eu acho que isso não existia porque hoje o movimento sem terra defendia a questão da não venda de lotes nos assentamentos né, e isso foi muito bom ate quando durou, hoje a gente sabe que o assentamento vende lote né, hoje tem muitas pessoas que compra lote que realmente ele precisa de um lote, ele passa a ser cliente da reforma agrária, ele não é latifúndio, ele não é

um empresário, ele não é um... ele é realmente alguém que tem condição de trabalhar na terra, tem outros que não tem, mas o movimento era contra hoje não que ele defende, mas ele não vai mais brigar nos já perdemos muita gente por causa disso né, e ai tem esse negocio hoje.

O movimento tem que ter, o movimento tem que ta envolvida nos assentamentos, seja qual seja a entidade, qual seja o movimento, seja sem terra, seja fetrafi, fetrag, cpt, qualquer movimento eles tem por obrigação de ta dentro dos assentamentos e os assentamentos tem por obrigação de ser governado e administrado por uma a entidade social, seja ela qual for.

A: Como o senhor julga, na sua opinião a questão da venda de lote tanto de quem vendeu como de quem comprou. O que levou as pessoas a venderem e que comprou, e se aqueles que venderam saíram em lucro ou não, como o senhor avalia isso?

J: Eu avalio que quem vende um pedaço de terra ele nunca tem lucro, ele só perde, porque a pessoa que passa um tanto de tempo sofrendo que nem a gente sofre pra conquistar um pedaço de terra e na hora que conquista vende por nada por um preço que não vale nada, ta entendendo, e depois como é que ele vai, vai voltar pra favela, pra cidade, lá pra onde as coisas tudo é mais difícil, então eu creio e tenho quase certeza que quem vende um pedaço de terra que ele conquista numa luta dessa não tem vantagem nenhuma pra ele. A vantagem sim é pra quem compra né, é pra quem compra a vantagem porque ele comprou um pedaço de terra, ele vai trabalhar e eu acredito também que nos movimentos hoje eles deveria olhar com mais cuidado nessa questão de não vender terra, mas tem assentado que assenta que ele não tem condição de ter uma terra mesmo ele tem que sair fora porque ele trabalha, ele não quer trabalhar, ele...o pedaço de terra, pra você ver hoje mesmo tem gente que nunca, se dentro de dezoito anos se ele botou uma roça dentro do terreno dele foi muito ai te lá a juquirá pegando fogo todo ano se fosse ao menos preservando a mata era bom,

mas não é , é só juquirá, vende as madeira tudo e ai pra quê que um cidadão desse quer com terra? E ai num caso desse é melhor ter uma família que queira e que tenha uma condição de trabalhar dentro da terra de que ta ai solta dando problema porque não gera

lucro nem pra ele pra pessoa comer nem pra família e ai depois o INCRA vem, o INCRA é um grande responsável nessa questão né, porque o governo abre o assentamento mas, não libera recurso, quando libera um recurso é aquela que nunca a pessoa vai poder pagar, ta entendendo? E ai é uma falcaturia danada que ate pra o recurso chegar na mão do assentado é uma burocracia, quando ele vai receber o recurso já é por metade, ta entendendo? Então é difícil, a coisa não é fácil assim não, é por isso que a maioria dos assentados é individualizado, é endividado.

A presidente agora nesse mandato dela isentou em 80% das dívidas do PRONAF A, das pessoas que tinha pegado esse recurso, muito deles quando tava em vinte mil reais nem esses quatro mil reais ele teve condição de pagar, então é difícil não é fácil não.

A: O senhor acha que a falta de apoio a agricultura familiar foi um motivo para que muitos assentados vendessem seus pedaço de chão por se sentirem incapazes de trabalhar, sem apoio, sem ter como iniciar um projeto que ele queria iniciar como o senhor ver isso.

J: Não, nessa questão ai o que eu vejo, não é bem assim não, comparação, teve gente que vendeu seu lote só por vender mesmo e teve gente que vendeu lote por quinhentos reais que isso é uma falta de respeito, na época que ele pegou né, o quê que ele vai fazer com quinhentos reais né, e ai o governo comparação liberou o FOMENTO, liberou o PRONAF, liberou o HABITAÇÃO que foi a situação do jeito que foi, o PRONAF também foi do jeito que foi, ta entendendo, com problema de infra-estrutura e assistência técnica muito mal feita, mal elaborada. As pessoas tem, não pode fazer um projeto de gado pra dentro de uma área dessa por que diz que a área é pequena, na época ate ainda fazia de doze gado, que fez projeto pra gado todo mundo, quem não pagou não pagou porque não quis, agora quem fez pra plantio de permanente né, dificilmente, porque a data que eles liberam o recurso é data que na condiz com tempo da planta né, comparação aqui no tivemos é, cupu, plantio de cupu liberado em abril né, pra ser plantado em abril. O cupu tem ser liberado a muda pra ser plantada em dezembro, novembro, outubro novembro e dezembro é o tempo de planta, principalmente em dezembro que já tava chovendo muito na época, né, e ai foi liberado em abril,, plantou, pimenta do mesmo jeito e então, o trabalhador pode ter alguma culpa, pode ter, agora o governo tem bem mais culpa nessa questão que ele libera tudo com atraso né, se faz um projeto, se faz um projeto hoje pra você receber ele só recebe em tempo que não ta condizendo com a data de ser plantado, ai a pessoa pega o

projeto ai o que que acontece com isso, com certeza não planta por quem planta morre, que nem eu mesmo plantei mil, duas mil e duzentas muda de pimenta e não escapou um pé, né, e ai, desse jeito não tem como sustentar, não como o, ser uma questão minha né, ser questão de quem plantou porque não era só eu, era muito mais de vinte mil muda de pimenta que ia plantar aqui e nenhuma escapou, porque que não escapou? Porque o mês de planta pimenta é de outubro ate dezembro , janeiro ela veio em abri e no outro mês de maio já era verão né, e ai como é que vai prega ao menos um pé de pimenta. Ai a questão, ai isso joga tudo pra cima da gente, a gente fica com a dívida fica com nome inadimplente mas se a culpa é do governo, ta entendendo, ou do governo ou da burocracia.

A: como o senhor avalia hoje a situação do homem rural na 1 ° de março. O senhor acha que eles conseguem ter mais lucro com a agricultura ou com a pecuária?

J: Hoje na 1º de março, a pecuária hoje funciona muito melhor, hoje é tão tal que quem meche com a pecuária hoje todos eles pagam suas dívidas né, é tão tal que o povo não meche mais com cultura aqui, não meche com agricultura né, na questão do plantio de arroz, feijão, o que você planta ainda que dá aqui é macaxeira, milho, feijão, isso dá, agora outra coisa na meche mais não, né, e quem meche com gado hoje todo mundo tem condição de pagar suas dívidas. Quem ta fazendo projeto de certo tempo pra cá todos eles ta pagando.

A: O senhor não acha que isso é uma contradição, porque o homem do movimento do sem terra quando ele vai ocupar ma fazenda ele diz que a fazenda é improdutiva, vários hinos do MST falam da terra onde só planta o capim o arroz o feijão convêm esse tipo de coisa, ai quando tem a terra que pode plantar pode cultivar varias culturas ali, ai na hora ele não sente que aquilo é suficiente pra dar subsistência pra ele pra família dele e ele ver na criação do gado que ele era conta antes agora ele é a favor porque ele sabe que isso que dá lucro.

J: Primeiro porque dá lucro, porque o trabalho é menos e não tem tanto risco né, hoje no assentamento, na maioria do assentamento não tem assistência técnica, hoje pra tu fazer um plantio de acerola, de abacaxi, como foi tentado aqui com abacaxi que dá demais, mas, não teve como continuar plantando por causa ate da assistência técnica mesmo né, nos não tem assistência técnica, a assistência técnica hoje na região de assentamento é pra elaborar projeto ta entendendo, e não faz análise do solo, não faz nada, a pessoa chega e planta uma

coisa, comparação, e planta o milho onde deve ser plantado o, a soja, ele planta o capim onde deve ser plantado o, a macaxeira, o arroz, ta entendendo, tudo ao contrario, porque? Porque ele não tem uma assistência técnica que examine o solo dos assentamentos, ai fica difícil, como é, a pessoa já não tem medo de arriscar né, tem medo de plantar uma coisa nu lugar que não dá, que realmente o solo daqui tem ser examinado pra saber onde você tem que plantar acerola, onde você tem plantar açaí, onde você tem que plantar né, o cupu, onde você tem que plantar a laranja, a manga, e ai nada disso aqui tem ai o povo vai pelo mais fácil, larga só capim dentro.

A: Como o senhor vê a situação atual da vila, do assentamento. O que esta ruim, o que pode melhorar? Em que os movimentos sociais podem ajudar e o que falta do governo?

J: Ah! Minha filha, o governo. Pra começar hoje o nosso assentamento interou dezoito anos e ai trezentos e trinta e oito famílias foram assentadas, hoje tem a faixa de noventa família dos primeiros né, que eu ainda estimulo que seja muito né, porque existe assentamento por ai que nem tem isso por a idade. Mas, comparação hoje, ver aqui no assentamento tem sete anos que não tem uma recuperação de estrada né, que não tem uma ponte, não tem nada feito pelo governo , que que acontece, falta muita coisa tanto pro movimento cuidar, porque, onde é que o movimento entra nessas coisas no lugar de ajudar a cobrar né, o governo, porque hoje nos tem aqui um assentamento que ele é pobre demais de infra-estrutura, pobre, isso começa de vila que localizamos a vila naquele local ali hoje pra trezentas e trinta e oito famílias, hoje lá tem a faixa de mil e mil e quinhentas famílias e qual é a infra-estrutura que tem ali né, e ai nas vicinal que tu anda não tem estrada, não tem ponte, esse ano ta sujeito ate os alunos não assistirem aula, os que moram nas roças, os alunos das vicinais porque não estrada pros carros entrar e o governo o que faz? Nada, né. O movimento também tão parado, tão, né, inclusive nos agora dia seis vamos fazer uma ocupação aqui reivindicando essa questão das estradas, da ponte da documentação das terras ta entendendo.

A: O que melhorou ao longo desses anos todos? O senhor falou só das coisas ruins e as coisas boas?

J: Eu não acredito que tenha mudado, o que mudou mais que certos anos pra cá, de certo tempo pra cá a venda de lote diminuiu muito né, no assentamento, dos assentados mesmos, acho que agora os que tão é alguns que vendem pra ir embora ou as vezes ta

com problema de doença, de família né, ai pode ser mas a gente ta vendo que mais , ta mais firme a questão, quem você ver vendendo lote é só pessoa que já comprou, aqueles assentados que estão aqui na faixa desses noventa a gente não ver falando de negociação de lote, difícil mesmo ver, né. E ai nesse ponto de vista o que que melhorou, eu não vejo como melhora né, mas, comparação a área da vila municipalizou, ficou responsabilidades do município e do estado né, mas não melhorou porque... a parte que melhorou foi porque você pode tirar o documento do seu terreno da sua casa ai você prova que é sua porque era da união né, e hoje já é seu, é a única coisa que tem melhorado ai, na questão também da produção de leite, tem gente ai que produz, a maioria das pessoas que chegaram tiram seu quarenta, seus cinqüenta litros de leite todo dia e ai ele, da onde ele ta tirando o pão e do seu lote né, é... isso ai é um dos ingrediente que aumenta a sua, o seu orçamento mensal ou trimestral ou anual né, pra o complemento da renda da família dele, isso quem trabalha na roça tem seu gadim né, porque não é obrigado a pessoa pega o lote dele todinho e vira pasto, que hoje a maioria não é assim dos trabalhador né, hoje quem comprou lote é, quase todos eles que compraram, hoje já devoraram seus lote todo, ta tudo em pasto, nem todos também são assim.

A: Na questão da violência o senhor acha que melhorou?

J: Ah! A violência melhorou muito, porque, é que nem eu falei aqui no inicio que as associações viva brigando umas com as outras hoje não vive mais brigando, isso amenizou muito a briga dentro do assentamento né, e bandidagem também se afastou de dentro né, porque o... as associação, a associação mesmo né, bateu muito em cima disso ai, e a justiça também e ai foi afastando eles inclusive afastou mesmo, hoje existe violência porque em todo canto existe né, mas a primeiro de março é uma das vila dessa região aqui bem, ate então ta muito calmo, oito, nove anos pra traz ai ta boa demais, de nove anos pra cá né.

A: Tem mais alguma coisa que o senhor queira falar da sua vida na primeiro de março? O senhor acha que valeu a pena?

J: Valeu. Valeu a pena assim pra quem tem um ponto de vista né, comparação que nem eu que tenho minha família e não tenho condição de morar na roça, de dar uma educação né, necessária, porque hoje tu morar na cidade tu tem, ah mais a escola é pública, é publica sim ate certo ponto né, tem certas coisas que não é publico não,você tem que gastar né,

hoje já tá tudo mais fácil um pouco, mas mesmo assim se a gente tá no roça né, tem educação encostado, escola tem professor bom, não tem como a pessoa sair da roça né, pra ir pra cidade, e é outra coisa eu, eu hoje me sinto um homem rico, porque tenho o meu lugar de morar, criei minha família né, e não precisei de vender minha terra, se precisei em algum aperto graças a deus passou né, e to aí graças a deus, eu acredito que quase todos eles que tá aí desde o começo não tem nenhum que esteja passando fome né, dentro do assentamento eu acredito que não tem ninguém passando fome e principalmente desses que tem seu pedaço de terra, por isso que eu digo eu me sinto um homem rico graças a deus porque só em você ter seu lar de você morar né, e ter um pedacinho de terra pra você trabalhar você tá bem de vida, ter saúde coisa que eu não tenho ,mas, tenho a terra né, tenho um pedaço de terra pra trabalhar, e é isso.

**Entrevista cedida pelo Senhor João da Silva Ferreira, 56 anos, morador e assentado há 22 anos no Assentamento 1º de Março. Gravação realizada durante o processo de pesquisa para o TCC, em sua residência no dia 18 de novembro de 2018, às 20 horas.**

**Duração de 40 min. 47 seg.**

**Sendo identificado com a letra J o entrevistado, e a letra A para a entrevistadora.**

**A:** Então o senhor pode começar contando como o senhor chegou lá (no acampamento). Quando o senhor chegou lá já tinha cinco meses ne, de acampamento.

**J:** Eu morava no Parauapebas, trabalhava na serra dos Carajás, trabalhava no peba mesmo também, quando eu saía das firmas eu trabalhava no peba cavando poço e um dia um primo da Francisca, que tinha, que tinha sobrevivido o massacre do Eldorado, que ele tem uma terra, na, na, na palmares 1, ai ele disse que a família da Francisca morava no Marabá o pai dela né. Ela endoido pra vim pra cá ai nos viemo conhecer ele e tudo e ai o vêi procuro se eu não queria, é, fazer um cadastro pra entrar numa terra que ele já tava cadastrado, ele seu fostinho, zezim, tá entendendo. Ai eu falei, sior eu posso até fazer esse cadastro mais eu ainda to empregado, ai ele, mas nos não ainda não vamo entrar não. I eu fui e fiz meu cadastro, paguei se não to enganado foi quatro reais, pra fazer o cadastro, ai eu fui mais ele la, nos viemo la, ai eu fui e fiz o cadastro, ai eu to la no Marabá mais ele ai sou obrigado a voltar, a Francisca fica, ai eu volta pra la, porque ainda tava trabalhando né, mas logo, logo também a Francisca, fui obrigado a vim buscar ela, ela foi, ai o ‘povo reuniu e foru acampar la no INCRA, la pro INCRA, ai la do INCRA foi dicidido que em dezembro.. eles vieram pro, Araras, ai la o seu Nonato deu o lote ai eles acamparam no Araras. Ai nisso o vei antoin meu sogro avizou NE que já tinha ocupado, so que eu tava empregado e não podia, até quando um dia eu desisti e sai do emprego que a Francisca era so querendo, dizendo que queria ter um pedaço de terra, que queria trabalhar numa terra, que queria uma terra e tal, eu peguei e larguei o emprego ai vim pra cá. Ai quando eu cheguei já tinha entrado no, no acampamento e não tinha mais vaga, né, não tinha mais vaga, porque eles entraram em dezembro né, ai eu vim parece que foi em janeiro e eles tava no acampamento ainda, ai voltei lá de novo pra aceitar minhas contas tudin ai quando vim já tinha entrado ai não tinha vaga ai eu tive que ficar no Marabá, ai do Marabá pra lá

pro Parauapebas e ate quando surgiu uma vaga e eu entrei, a vaga surgiu em agosto. Só que eu participando sempre desde o começo né, eu ia pra lá vinha pra Ca e eu não tinha nem cadastro ainda que eu tinha cadastro lá no Arara, mas o que vale e quando chega ai dentro que entra, ta entendendo. E ai quando foi à hora de entrar, entrou oitocentos e ... que tinha no acampamento era 1008 familia, ai na hora de entrar minino foi uma sujeira toda o povo ficaru com medo de mais desistiru e entrou a faixa de uns oitocentos, e dali daqueles oitocentos foru desistindo e foi aonde chegou a minha vaga também, mais eu fiquei la dentro diretoai quando eu entrei logo assumi uma vaga de coordenador de disciplina.

A: O que o coordenador de disciplina fazia lá?

J: O que o coordenador de disciplina faz? Ele coordenador o grupo de disciplina do,do, do, ele é um coordenador do grupo dele, que no grupo dele tem um grupo coordenação que o que coordena o grupo e ele coordenador o grupo também mas no lado da disciplina,, o que que o coordenador de disciplina faz? Ele é que fiscaliza como a pessoa entra no acampamento, como sai, se nao sai levando nada, se a pessoa que entra, como é que ele entra, não pode entrar com, com autorizado, pra eles sair tem que levar o documento com a data de voltar, ta entendendo, ele não pode trazer ninguém se não ser autorizado e tudin oh, cachaça não pode entrar no assentamento, ai cada coordenador de disciplina de grupo ele trabaia naquele grupo dele que não pode acontecer nada,se acontecer alguma coisa naquele grupo ele é chamado pra coordenação geral, porque tem o coordenador geral de disciplina, ai vai todos os coordenador de disciplina, ai se for o caso é penalizado ate o coordenador de diciplina daquele grupo que aconteceu aquilo, ta entendendo.

A: Tudo isso funcionava dentro do acampamento?

J: Tudo funcionava e funcionava bem. Ai lá o caba ia pra vila do Arara ele voltava bebo ele dormia lá, lá ele não entrava não. Ficava bebo lá e num entrava pra dentro do acampamento não.

A: Como é que era organizado os grupos, eu me lembro que tinha o grupo um, grupo dois, me fala um pouco dessa organização dentro o acampamento.

J: Tinha o grupo um, tinha ate o grupo dezessete.

A: Cada grupo tinha quantas famílias?

J: tinha grupo que tinha dez pessoas, famílias, tinha grupo que tinha vinte, tinha grupo que tinha trinta, o grupo maior que tinha lá era o grupo dez, era um dos grupos maior que tinha lá, acho que tinha a faixa de sessenta pessoas, o grupo menor tinha doze família que era o nosso, era um dos grupos menor lá, acho que não tinha grupo menor de que o nosso não, é doze família.

A: Cada grupo tinha um coordenador?

J: Cada grupo tinha um coordenador de disciplina, um coordenador de grupo, tá entendendo, um coordenador de alimentação, um coordenado da saúde, um coordenador de educação, cada grupo tinha um coordenador e tinha um coordenador geral que coordenava todos esses grupos tá entendendo, no caso eu ainda fui, o coordenador geral era o véi Geraldin lá dentro, depois eu passei a assumir a coordenação geral do acampamento, aí é por tempo vai elegendo outro.

A: Aí a organização entre vocês que fazia parte da liderança, se reunia, vocês conversavam entre si, vocês conversavam entre se pra depois chamar a população.

J: É, comparação no teu grupo, lá são dezessete grupos, aí vamos que lá tem um grupo que tá entrando gente que usa droga né, que estupra, e aí aquilo os coordenador de disciplina daquele grupo ele repassa pro coordenador geral, aí reuni todos os coordenador e chama aquele cara aí expulsa, e no caso, se for o caso, se for ladrão, foi no caso da dona Argentina né, que o massa bruta mais o esse minino que em ainda hoje aí o fii dela, aí diz que estupraram umas pessoa lá aí chamaram todo mundo, aí foi hora expulsaram ele, expulsaram o massa bruta aí depois expulsaram o Marcelo.

A: Chegou a acontecer mais vezes isso

J: Não, não foi só essa vez, só que não podia ter uso de drogas, essas coisa e tudo tava tendo lá dentro né. Porque esses filhos da dona Argentina vinha lá pra dentro e trazia gente, e inclusive nos tinha um, militante que hoje é um militante o movimento, mas antigamente não, tinha os coordenador de grupo, tinha os acampados era uma entidade dentro do acampamento, comparação, os coordenador de grupo, o coordenador de disciplina, coordenador de alimentação, coordenador de saúde, coordenador de

educação, coordenador de, de tudo tinha aquela coordenação tá entendendo, então é muita gente, e cada grupo tinha muitos coordenadores e cada qual trabalhava na sua área junto com os outros dos outros grupos tá entendendo, aí quando tinha algum problema sério na área da coordenação de grupo é os coordenador de grupo que se reunia, sempre quando os coordenador de grupo se reunia, sempre o coordenador de disciplina tava junto com ele, né, aí mais eles também marcava as reuniões deles também só que o coordenador de disciplina. No caso da dona argentina eu lembro até hoje que foi por causa de mim mesmo que ela tá, que ela foi expulsa aí no outro dia a filha dela chegou chorando dizendo que quem tinha trazido o filho dela pra dentro do acampamento da dona Argentina, tinha sido o pioí, e o pioí era um militante e aí os coordenador de disciplina falaram que ela a tinha sido expulsa e ela tinha que sair com tudo, e ela chorava muito e a filha dela chorava muito e aí foi onde eu falei né, como era que um militante do movimento sabia que não podia tá trazendo esse povo pra cá pra dentro e tava trazendo então como era que uma pessoa que tava lá dentro acampada ia ser expulsa por um próprio militante trazendo um cara que não podia vir pra dentro, aí foi aí onde foi revoltado atrás e a dona argentina ficou no assentamento e no peguemo e fizemos uma carta pra direção e tiramos o militante lá de dentro.

A: Aí foi expulso o militante?

J: Foi, nunca mais ele foi nada lá, aí ele foi tirado pra outro canto, e na militância tem muito essas coisas, aí comparação, o grupo de disciplina e quem comandava era o grupo comodi, ver a segurança como é que tava todinha do assentamento saía, que, marcava reunião pra tirar o grupo pra sair reparando as áreas, pra ir começar, pra ir cassar cupu só saía de grupo não ia só uma pessoa, né, aí depois foi tirado, foi reunido pra, nos vir desocupar a sede, que tava o gerente e os pistoleiros tava lá adentro aí nós viemos sessenta homens lá pra beira do rio, pra sede, aí lá nós demos cinco dias de prazo pra eles desocupar, só que tinha quatro mil boi dentro do rio Vermelho, aí o gerente do rio Vermelho falou que não tinha condição de tirar o gado e realmente não tinha aí eles sentou com nós e pediu pra nós dar um prazo de quinze dias pra eles tirar o gado e aí nós conversamos e no outro dia fui que vim pro acampamento e voltei com a proposta pra lá que eles aqui aceitaram que a gente tinha que dar os quinze dias pra eles né, e realmente nós sabia que não dava e nós só não fizemos isso porque nós tinha que ter a autorização do acampamento, nessa época tudo que a gente fazia era discutido no acampamento com todo mundo, né,

faziam uma assembléia e discutia e aquela maioria decidia e nos fazia. Eu voltei fiz a discussão, reuni todo mundo, fiz a discussão ai todo mundo concordo que podia dar os quinze dia, dei a explicação que eles tinha quatro mil boi lá dentro e não tinha como tirar e ai eles falaram então ta cedido os quinze dia, ai nesses quinze dia minino tiraro boi, mataro boi, morreu quebrando perna, saiu carrada e carrada de gado e saia carradas e carradas de boi.

A: Ai desocuparam?

J: Eles desocuparam, daí fomo tirar os pistoleiros. Esses pistoleiros, deu um problema, porque ai o gerente queria ficar mais nois pra nois da uma terra pra ele e nois não aceitamos, ai seis pistoleiro da fazenda eles dizendo que era vaqueiro o INCRA colocou eles aqui dentro, assentou, foi ai nois fiquemo seis pessoa nossa sem poder receber o FOMENTO porque veio pra eles, ai no aperriemo o INCRA, aperriemo o INCRA ai nos tiremos eles de dentro ai botemos os nosso dentro ai foi legalizado eles

A: O proprio INCRA?

J: O proprio INCRA boto eles dentro isso deu uma confusão, ai ficou o Genesio aqui que era pistoleiro mais que disse que so saia daqui se matasse pelo menos uns dez sem terra, ai a gente sabia das conversa dele ai nos todo mundo no acampamento, já tava pra la eu vim pra ca, que eu que sempre vinha carregar as propostas, ai nos já discutimos lá que era pra tirar ele daí né, que os outros já tinha saido.— Não quem vai tirar esse valentao lá é nois. Ai reuniu, encheu o caminhao de mulher e veio uns home, pouco home, pra dar segurança, inclusive, eu foi que vim porque o Antoin, Antoin se tremendo todim la pediu pra eu vir que ele tirava minha tarefa lá, e me deu espigarda dele e eu vim. E quando chegemo aqui só circulemo e as mulheres foro lá e tiraro as coisa dele e botaro no canto do caminhao e ele so com o bonézim abaixado assim foi embora, e botaro eles ´pra correr só as mulher, era a Chiquinha, a mulher do Daniel, aquela que, tem pouca mulher dessa época aqui ainda hoje, a Chiquinha, a mulher do Daniel, a muier do a Eliane, deixa eu ver quem é mais, so que eu me lembro é dessas, e ai nos peguemo e sei que nos tiremos esse povo lá de dentro ai voltemo todo mundo pro acampamento .

A: Tinha mulher na liderança, na coordenação também?.

J: Tem, toda vida teve muier. O movimento trabaia, sempre ele trabaia com quase 50% dum e 50% d'outro.

A: Elas tinham voz ativa, capacidae pra decidir?

J: Tinha, tinha, tinha. A educação. A coordenação de educação quase tudo era muier. É, coordenador de saude quase tudo era muier, pouco os homi que tinha. É, tinha coordenadore de disciplina, tem a... de tudo tinha muir no meio. Tudo. E do memso jeito que o homi passava a noite na fiscalização, as muier coordenadora tambem passava, disciplina.

A: É, ai assim, tudo era dsicutido né, em reunião, assembleia, se comunicavam, ai eu queria que o senhor me falasse um pouco como é que funcionava essa comunicação, poe exemplo, é quando ia reunir a liderança pra reuniao, não tinha os meios de comunicação que a gente tem hoje, como é que voces faziam pra se encontrar, pra encontrar todo mundo, pra se reunir, ia cada um na casa de um na casa de cada um chamando, e depois quando tinha assembleia geral pra chamar toda a população, por que era muita gente né?

J: É, tinha aboca de som, de coisa é, como é chama aquela boca... é... alto falante. Tinha o alto falante, a gente chamava, -Tem, tem reuniao!.

A: Alcansav a todo o acampamento?

J: Alcansava, e..é... A vezes que era secreta, que essas reuniao secreta nunca era passado no, no... Agente ia de grupo em grupo...

A: E tinha Reuniao secreta?

J: Tinha, tinha reunião secreta, que tem reuniao que muita ente dentro do assentamento não podia saber, ta entendendo.

A: Que tipo de coisa?

J: Compação, a gente ta sabendo que vai ter...A..a... A policia vai entrar lá, a gente não podia conversar com todo mundo que tem gente que era nervoso, outro lá, tinha uns crente lá que sempre fazia coisa contrario né, inclusive foi ate expulso um pastor de lá, d dentro, foi...

A: Que tipo de coisa que eles fazia?

J: É porque eles sempre dizia que... eles botava deus no meio dessas coisa né, e dizia que aquilo não trabalhava, aquilo não era coisa deles de irmão tá tomando coisa dos outros né, e quando foi pra fazer o cadastro todos eles foi e esse pastor era do São João, e aí, nós fomos acampar no INCRA, aí lá no INCRA todo dia tinha a... é..... o Culto ecumênico, tá entendendo! Aí lá tinha o pastor de Marabá das mães igreja de Marabá ia tu pro culto ecumênico, é o padre Luiz, que de padre só tinha o padre Luiz, o resto todo era pastor, e eu ia pro culto ecumênico e reunimo lá aí dissemos vamos buscar o pastor de lá do acampamento, aí os próprios crentes disseram na frente eu vinha, que um é o Profiro que até crente até hoje, disse não nós vamos lá, aí nós fomos, aí eles vieram, aí chegaram aqui ele disse não, não vai não, disse que não ia não que aquilo não era coisa pra homi de deus, aí o Profiro, que dizer pastor, que não é coisa pra homi de deus o que quer os outros tão fazendo lá, só o senhor que homi deus os outros lá não é!? Aí foi chamado nós lá, no acampamento o.... liderança mesmo e foi feita a expulsão dele.

E os crentes ficaram um bocadinho, é tão tal que os crentes da 1º de março, quando foi feita a vila aqui foi tirado o espaço da igreja deles, o único crente que tinha aqui era eles, a igreja deles de assembleia, foi tirado o espaço pra eles né, porque eles participaram da luta desde o começo.

A: Ah, então quando era reunião secreta vocês iam de casa em casa dos coordenadores...

J: Os coordenadores, aqueles que podiam fazer parte da reunião, só aqueles que podiam fazer parte.

A: E quando era geral era na boca de som, mas eu era criança eu me lembro que tinha um que passava de rua me rua apitando com um apito.

J: Alí era disciplina.

A: O que eles queriam dizer com aquele apito?

J: Eles queriam dizer também que era reunião, quando não era pra ligar o som ele apitava, então quando eles apitava é que tinha alguma coisa pra ser resolvida, né.

A: Aí todo mundo já tinha a que ir pra lá era?

J: Alí so era a disciplina, não era a coordenação de grupo, não era outra coisa não, s era a disciplina, quando eles tava apitando é que ia ter uma reuniao qu alguma coisa tinha acontecido.

A: Ai, eu me lembro que so eles podia ter o apito.

J: É, so os coordenador, disciplina não era de coordenação não.

A : Era coordenaod rde disciplina, so eles podia usar o apito.

J : É, so els tinha os apito.

A: Ai quando ouvia sabia que .... Ai tinha um que soltva fuguete tambem que eu me lembro.

J: O fuguete foi proibido, la no acampamento não podia tocar fuguete, depois que foi liberado a area, que a policia oi lá dentro e tudo...

A: Porque não podia soltar fuguete?

J: porque podia pensar que era tiro, ta entendendo, que lá foi uns expulso lá por causa de tiro, que deu uns tiro la dentro d espingarda podia ser confundido e por isso que foi proibido ai ninguem mais tocava mais fuguete la mais lá dentro, ai quem tocasse podia ser expulso, e nem tiro de espingarda tambem não podia.

A: Mais eu me lembro, eu criança, eu lembro de.... tocar fuguete, do barulho do fuguete?

J: Mais quando tocaro fuguete la foi na inaguraçãoa de alguma coisa, foi FOMENTO, foi a liberação da terra, foi alguma coisa que teve que toco foguete, não se tocava foguete lá dentro por qualquer motivo não.

A: E durante as reuniao, quando fazias aquelas reuniao nos grupos né, é, quem era que organizava as reuniao do grupos, era o coodenador?

J: Era o coordenador de grupo, eles passava os comunicado. Oia, presta atenção, cada reuniao de grupo, do seu grupo tinha um coordenador de seu grupo, alí naquela reunião tem o coordenador de grupo, tem o coordenador de disciplina dauqele grup que vai pra reuniao, tem o coordenador de saúde, coordenador de alimentação, que era o teu vô, coordenador de... seguranças, tem coordenador de varias coisa, todos els tava na reunião.

Muitos que não era coordenador, não era nada, muitas vezes era as muier que era mais vea, que eles não queria mais participa.

A: Todos participavam da reuniao?

J: Todos participavam, todo mundo.

A: Todos tinham direito a fala?

J: Todos, tinha direito a voz, tinha direito de dar opiniã, todo mundo nunca teve ninguem eu não pudesse dar opiniao não.

A: Eu me lembro que sempre o final da reuniao, era ate o seu Geraldin, ele sempre puxava umas palavra de ordem e todo mundo...

J: É... MST a luta é pra valer! E levantava o braço né, o braço esquerdo, MST a luta é pra valer! MST a luta é pra valer! E repetia três ves, MST a luta é pra valer! Ai tinha outras lá, Reofrma agraria quando, já!

A: Porque que eles sempre levantam o braço direito? Simboliza o que?

J: simboliza... Esquerdo é porque o movimento ele é um movimento d eesquerda, ta entendendo? Movimento de esquerda e a luta, o que mais representa é luta, não questao partidaria não viu, ele representa a luta. E a luta sempre ela é um lado esquerdo ela nunca é m lado direito. Representa muita coisa esse movimento que fracassou muito.

A: A bandeira do MST era ativa dentr do movimento?

J: A bandeira do MST é um simbolo do movimento que ele era respeitado por todos nois e acho que deve ser ate hoje, claro que nunca nem se ecompara com a bandeir do Brasil. Tem gente que... ele é ele... ele... No caso do weliton mesmo, weliton é um cara que ele é fanatico pela bandeira, MST e tudo, eu acho que a gente tem que ser... Seguir, saber o que que melhor pra... Que o movimento sem terra, MST, com todas as falhas que tem, que se crou dentro dele de certos anos pra cá, ele ainda é uma bandeira que a gente deve, é, acreditar , que é a única bandeira que defende realmente a reforma agrária para todos, né, todas as classes baixa, classe pobre, que tira o ppovo da favela, que tira o povo do...do...do...que ta passando fome na cidade traz. Comparação, nois lá no Parauapebas, nois... eu ... nos nunca ia possuir um pedaço de terra trabaiando empregado pra ninguem,

certo que eu não sei se eu ganhei ou se perdi, né, porque eu tinha um acasa lá no peba que hoe valia dinheiro demais né, mais ai não significa que eu hoje não sou feliz com o pedaço de terra que tenho, né, com meus filho que criei tudinho, vocês, e tai tudinho ai nunca vendi um pedaço de terra, que o problema maior hoje da reforma agraria é essa, é a venda de terra, hoje nois tem a faixa de oitenta pessoa aqui dentro dos antigo, são trezentos e trinta oito, é muita pessoa saindo fora em vinte e dois anos.

A: Então a bandeira do MST era um simbolo que era respeitado por todos e todos tinham esse...

J: E, e a bandeira e um simbolo, e a bandeira ainda que a gente tem que acreditar nela que ela é uma bandeira que realmente defende a reforma agrária.

A: Hoje esse simbolo tem... Dentro do assentamento hoje ele é respeitado como era no periodo de acampamento?

J: Não. É nada, oia...

A: Nem é compreendido da mesmo forma?

J: Nem compreendido, tem muita gente hoje que discute ocntra as normas, contra a bandeira do MST, que tem uita gente que eculhamba o MST aqui diz que o MST são um bando d eladrão porque eles não conhece da luta, eles não conhece da luta, né, e hoje, aqui dentro noventa por cento das pessoas que estao aqui dentro hoje nunca participaram duma luta, que a 1ª de março hoje não um assentamento só, né, o tanto de gente que vei pra cá pra dentro, pra vila, a vila municipalisou, tem hoje a faixa de... ela é urbana, tem mais de, de... quase mil e poucas famias aqui dentro, ai o negocio mudou muito mais o pior, que eu acho é que ainda dentro do movimento a gente o pouco que consegue dentro do movimento participa pras pessoas, é, ajuda as pessoa e as pessoa nunca entende o que a gente faz por eles. È por isso que muitas vez eu não entendo o movimento porque, dentro dos assentamentos cria um grupozim que o movimento lá na secretaria nossa do MST lá, ela não tem acompanhamento aqui dentro e não sabe, porque lá as pessoa mais acesso a eles ele libe vaga pra pessoa estudar, pra pessoa fazer isso, pra pessoa fazer aquilo tudim, tudo conquistado atravez daluta dos movimento, não nem só do movimento sem terra, dos movimento, e a pessoa não compriende aquilo dali, ta entendendo? Não compriende, é esculhamba com movimento, diz que o movimento é isso, que o

movimento é aquilo e tá usufruindo do que a gente conquista, quer dizer que é uma pessoa que tá cuspindo no prato que come, eu, é por isso que gente nunca... a gente que tem uma coisa que nem eu, eu sou caro que sou radical demais num ponto desse, se eu tivesse o poder desse essa pessoa tinha que sair daqui de dentro por que ele, a gente é conquista as coisa pra eles e eles sempre cuspindo no prato que come, não vê esses povo, essas pessoa que tão fazendo direito ai é esculhambando com o movimento lá dentro, diz que o movimento é um bando de ladrão mais diz que é só um, e pessoas que foi dado a mão pra eles por pessoas que é assentado aqui dentro, que eles não fii de assentado e tá lá estudando cuma que seja fii de assentado sem ser, inclusive são dois que a gente sabe disso né, que é um que diz que afilhado da Goreth e o outro que a Helena Preta deu o documento lá vuma que é não sei o que dela ai pra passar, então essas pessoa tá fazendo vergonha dizer que mora no assentamento e que representa um assentamento, o menino bem aqui estuda direito aqui o marido da Andreia aqui ele participava, a mãe dele é assentada aqui dentro, mais ele vivia no Rio de Janeiro, sabe nem o que é luta de movimento, hoje ele entende mais o que o movimento de as pessoa que dizia, que foi criado aqui dentro que nem um bucado ai desses moleques ai né, ai discute as coisa tudo contra o movimento, ele falou pra mim, - Seu João, vo falar pra você teve uma audiência pra gente que tá estudando direito as pessoa do que tão aqui dentro assentamento que fii do assentamento nem um queria defender assentamento não, o trabalhador não, quer defender é fazendeiro. E como é que tu tá estudando uma coisa, tu tem que defender realmente quem tiver na condição de tu defender, agora a prioridade é tu defender as pessoa que te deu o , a condição de tu chegar lá, comparação, tu viu o que que o presidente tá fazendo hoje , expulsando todo medico cubano e trazendo, é, abriu o cadastro pra botar todo medico brasileiro né, mais aqueles que estudaram por conta do fidei são os prioridade que é pra pagar a dívida, tá entendendo? Então eles são os primeiros a ser convocados pra pagar a dívida que eles, que o governo pagou pra eles estudar agora eles vão ter que devolver né, então é ninguém da nada de graça pra ninguém não, e o movimento faz essas coisas tudim e o povo não agradece, tem muita gente que não agradece não.

A: Falando assim de simbolo de marca, de, é lembrando do periodo de acampamento, por exemplo, é, o que que era um marco lá dentro, assim, uma coisa, um... algo que pudesse representar o acampamento, assim que você lembra, na sua perspectiva, você lembra assim.

J: Uma coisa que era marco, duas coisa minha fia, a escola, ta entendendo, que essa é em todos os acampamento ela é o simbolo de todos os acampamento do movimnto sem terra, é a escola, e a esocla lá era uma calamidade né, e aoutra coisa era a igreja, a igrej catolica qu lá não tinha igreja de crente não, reuniam nas casinha lá, mais nos fizemo a igrja cotólica lá, e ai foi isso ai, que a igreja cotolica ajudou, na, na , na distribuiçao de, de comida, porque, era leite, café, era aquelas comida melhor que tinha, porque o INCRA dava umas comida pra gente lá que passava de três, quatro dia feijao conzinhand e não cozinhava e ai podre e tinha dia que botva o arroz podre, podre, podre, ai o arroz nem os porco queria, porque quem criava um porquim lá dentro, e ai o padr eLuiz trazia o arroz pra, pa, pras criança.

A: E uma pessoa que fosse um simbolo assim, quando lembra dessa pessoa lembra do acampamento.

J: É tem, eu acredito que tem muito, so que seu Messia é um que era um lutador, Messias Ladeira, em muitos, o padre Luiz esse é indispensavel, o premeiro, padre Luiz, né que quem ajudava, quem lutava pora gente lá dentro o padre Luiz mesmo, e hoje, é todo mundo, até os crente daquela época ainda hoe reconhece ele como, por o qu ele fez, acho até que el já morreu.

A: E um lugar, um lugar assim marcaante lá na sua memória.

J: Acho que o barracão de reunião. (risos)

A: È, e uma situação que o senhor passou assim que marcou.

J: Ah minha fia, situação, foi um bucado.

A: Assim a mais forte.

J: A mais forte, foi da gente vim tirar lá dentro do barracão do acampaamento, tu ta falando, ou do assentamento todo?

A: se tiver algum lá do acampamento.

J: Não, a mais forte foi assim, vo falar pra ti, eu cheguei lá no acampamento ai nos tava lá dentro, ai eu so vim duas vez aqui na beira da estrada ai quando fui pra ie pra sede eu entendi o povo falando que dava três quilometro da estrada da entrada ali né, e era treze, ai

eu peguei um remanchim lá com sessenta quilo e ai todo mundo foi embora e e cheguei lá nove hora com meu sessena quilo na costa, teve nego que levou vinte quilo e ogou no mato, né e essa vije eu não me esqueço nunca, nego, teve um meino lá que levava ea quinze quio de arroz jogou é dois pacoe no mato, só levou um, jogou no mato ai na beira da estrada e eu peguei levei sessenta quilo, e esse foi um sofrimento grande, cheguei lá nove hora, pisoleiro passando por mim ai na estrada, nesse caminho foi um coisa que eu não me esqueço fácil não, e as outra coisa no acampamento mesmo que... o acampamento tinha a casinha do forró lá que o povo fazia e era a diversão que tinha, mais a memoria mermo do acampamento era a escola.

A: E hoje em dia, olhando assim pra atualidade, o senhor acha que perdeu assim a essencia do inicio de tudo né,.

J: Perdeu, Perdeu sabe por que minha fia, porque quando a gente ta no acampamento todo mundo é unido, unido que lá no acampamento você se dividia uma lata de óleo num grupo todim, né dividia uma lata de óleo num grupo todim você dividia se não tivesse todo mundo cumia temperado, todos passava, entao depois que cortou os lote que os dono foro pra dentro todo mundo se achou rico! Né, e ai começou o individualismo, ta entendendo? O individualismi, nego ia pra dentro da sua terra botava sua roça e achava que já tava rico, não precisava mais do movimento, começo depois que nois viemo pra cá, pra vila, na época de fazer as casa teve um desentendimento que aqui dentro só era uma associação, ai teve uma divisão, ai nos fiquemo, a associação do MST ficou com pouca gente, ai essa divisão foi indo, foio indo e ai começou um abrigo doida aqui dentro do assentamento e a união hoje daquele tempo aqui dentro é pouca. Eu considero a união daquele tempo hoje só eu o comade Joaquim Tributino, o Bira, o Bina, só, e ai a gente tem assim como um que a gente conhece que , mais o co pade Joaquim mesmo é um dos que parceiro mesmo antigo que a gente ta junto e a gente sempre discute as coisa, ta no ponto, esses outro não tem nenhu, que vá pra participar de nada.

A: Entao isso é algo que se perdeu né.

J: É, na realidade aqui noventa e cinco por cento ta perdido né, noventa e cinco por cento, hoje o que funciona é a associação aqueles que são membro da associação num tem, é num tem quinze por cento daqueles que disser vamo pra luta que vai, ta entendendo? Mais tem , num acabou ainda não, ainda tem.

A: Ai o senhor falou que um dos simbolos mais forte assim do acampamento é a escola né, no periodo de acampamento, como você vê hoje esse simbolo hoje, ela ainda pode ser considerada um simbolo dentro do assentamento hoje em dia

J: Não, eu não considero o colégio como simbolo minha fia , é assim, você sabe que isso aqui... o movimento quando ele tá dentro dum acampamento, porque eu a escola é um simbolo dentro de um acampamento porque ela se discute uma ideologia politica que nenhum fii de assentado pode ficar sem estudar e eles vão tudo pra escola ou calçado, ou vestido de bem vestido ou mal vestido mais vai, né, depois que vem pra uma escola que nem essa daqui, que até teve uns tempo, né, que ela tava indo bem quando tinha os professor do movimento nela, mais ai criou uma politica partidaria, essa politica partidaria estragou tudo dentro do assentamento, estragou tudo, e até hoje estraga, né e foi aonde criou uma grande divisão entre alguém do movimento do MST procura seguir uma sigla, outro procura seguir outra tá entendendo, que eles não entende que tudo é politica, né, tem gente que cria questão pessoal, né, não sabe o que tudo é politica, politica é politica, politica passa, né, e tem muita gente que não tem isso como politica, não entende o que é a politica ai fica zangado se intriga e ai eu não acredito nunca mais que a escola é dentro do assentamento um simbolo da vila do assentamento eu não acredito que ela seja um simbolo mais de nada não, porque pra ela ser um simbolo ela tinha que ter pelo menos as base nossa , né, que tinha antigamente, que tinha professor realmente que preocupava em dar aula, não se preocupava em dar aula hoje os professor daqui eles brinca de dar aula, tá entendendo, eles faz é brincar de dar aula, eles quer saber se tem salario e ai no nosso tempo não era assim, o professor queria dar aula não tava nem ai se tinha salario não, né e depois nos nós perder esses professor nosso por causa de briga politica partidaria, tá entendendo?.

A: Hoje o que que o senhor consideraria um simbolo dentro do assentamento?

J: A praça porque tem lá a bandeira do MST, e tá ...

A: é um simbolo de resistencia e luta também?

J: É, o nome Onalicio Barros e por causa disso... o Weliton quando saiu deixou uma bandeira lá ainda hoje tá, tirou mais depois botou.

A: É o único lugar que tem uma bandeira MST, dentro da vila hoje?

J: Não e o Bruno ainda tirou, acho que o povo deu uma queimada nele ele foi botado lá de novo.

A: E tá lá até hoje?

J: É tá lá até hoje, então pra mim é o único símbolo tirado dessas pessoas que ainda permanece, que tem do movimento, são os dois símbolos que ainda tem aqui hoje, são as pessoas que continuam no movimento e que continuam aqui dentro que não venderam suas terras que são poucas, né, e que realmente acredita no movimento e a praça Onalício Barros, por que lá tem a bandeira inflada, é as duas coisas que tem, que permanece ainda como as coisas do movimento mesmo.

**Entrevista cedida pela senhora, Maria José Brito de Alcântara, 71anos, moradora e assentada o Assentamento 1º de Marco, durante o processo de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. Gravação realizada em sua residência no dia 19 de novembro 2019, no período da tarde.**

**Duração: 18 min. 10seg.**

**Sendo identificada com a letra *M a* entrevistada, a letra *A* para a entrevistadora.**

A: No dia 1º de março a senhora tava?

M: Tava, por isso que tem o nome de Assentamento 1º de Março é por que nos mudemos de lá do seu Raimundo Nonato, das Araras nos mudemo pra dentro da terra de noite, todo mundo com a boroça nas costa, com a lanterna, outros com vela, pra dentro no dia 1º de março é por isso que tem o nome.

A: E essa trajetória de lá até a entrada na fazenda Pastoriza, a caminhada como é que foi?

M: Rapaz, a caminhada foi difícil porque era de noite né, eles fizeram só a picadinha assim pra gente não errar assim, ai os home foro e fizeram aquela pinicadinha , ai todo mundo com as boroça nas costa, outros com panheiro, eu mesma tava com panheiro nas costa.

A: Tinha criança pelo meio?

M: Tinha, vixe! Tinha muita criança pelo meio, gente idoso que tava pelo meio também, ai nos fumo inté quando nos chegemo lá dentro da fazenda mesmo.

A: Vocês não passaram por nenhum processo assim perigoso como pistoleiro no meio dessa caminhada.

M: Não, no meio da caminhada não, nada nem cobra foi tranquilo ate chegar lá no local que eles já sabiam onde era, que eles tinham feito lá, pois é. Ai depois que nos já tava lá um dia foi que a policia chegou, mas ela não chegou a entrar, ela foi até lá no coche...foi lá na, na gurita onde tava os homi pra elas entrar e foro ai os homi barraro ai dissero que eles não podia entrar, ai eles perguntaram porque, porque não, porque tem muita gente idoso,

tem criança, ai as pessoa fica tudo nervoso, vê vocês ai pensa que vão matar, nos não queremos. Ai a policia foi e disse assim: Não, nos queremo conversar com o cabeça, que era o Paulo, era o Daniel, e era a... o... Raimundo, que chamava Raimundo cabeludo que era o cabeça, mas nesse dia eles num tava, eles tava pro Marabá, ai a policia foi e votou pra traz érea só dois carro de policia, mas eles vieram educado, ai foro embora, viero até com o gerente da fazenda que era seu Nelson ai viero e dissero, não, pois amanha nois vem, ai nos outro dia não viero, ai os homi foi e dissero assim, oi os homi tudin vão pra gurita e as muier se arriune tudin no colégio pra ficarem tudo no colégio as muier com minino com tudo não é pra sair ninguém, quando a policia chegar nois ta todo mundo lá riuido, ai no fim eles não viero nesse dia eles não viero lá, nos fiquemo todo mundo lá, tinha gente com medo, sem ta com medo, os fizemo comida lá pra nos comer. Eles foro duas vez, maas não entraro foro só te na gurita ai no dia que els marco eles não foro não.

A: Nesse período e acampamento a senhora lembra de algum momento é em todo período de acampamento assim antes de ser distribuído as terras e o povo vim pra cá cada um pó seu lote né, lá do acampamento vocês passaram por algum perigo assim alguma vez, teve alguma ameaça de pistoleiro, o d epolicia, foi só essa vez mesmo?

M: Não, o perigo que nois fiquemo com medo, as muier não foro la, foi só os homi poruqe foi avisado, ai os homi sairo foro pro Marabá pro INCRA ai ficou só aqueles outros, ai nos, não, num teve perigo nenhum não.

A gente tinha medo né, porque você sabe que eles já tinha matado gente lá na curva do “S” tudo, a gente tinha medo, mas não foi perigoso não de jeito nenhum, ai voltaro e a gente fiquemo de boa e cada um foi fazer seus barraco até vencer tudo ai a gente, cada qual foi ajudar tirar os pique, as muier quem tinha marido ia, quem não tinha marido os fii ia, eu um fii que andava mais que era o Vagno que deu malária foi pro Marabá eu fui dexar ele lá ai voltei e tive que acompanhar os trabaiador pra tirar os pique, acompaiemo catorze dia até qundo tiremo o pique ai tudo mundo, ai teve o sorteio ai a gente todo mundo passou pra suas terra, mas não teve pirigo, não de jeito nenhum, não teve perigo porque era combinado com o gerente, só por isso, ele ia lá dentro do acampamento, no dia que ele ia o pessoal avisava, tomava café com nois, fazia bolo de macaxeira ele tomava la com nois ele ia, porque ele quiria que o o pessoal lá, ele combino com os líder ai depois os líder combinaro com nois, mas só pra combinar mesmo, se ele podia entrar,-não, pode

sim, ai eles que queria o pessoal seis pessoa dele pra colocar aqui dentro pra terra também, ai foi combinado por isso que não teve agressão, mas tinha três pistolero, um tal de Chico e um senhor que chamavam “Mão cueba”, Genésio, que era o diabo vivo esse Genésio, mas graças a deus eles ficaro lá pra fazenda pra lá, não chego da problema não por causo do gerente, mas pelo dono tinha dado, como das outras vez dava, mas essa vez não.

Passemo muito nessicidade de fome por que a gente num podia sair pra cidade né, mas a gente ia, eu ia mais a baiana, a Luzia nois ia pras Arara descascar mandioca quando era no dia o seu Nonato avisava, nois ia descascar mandioca, descasva, terminava ia relar, lava a massa pra tirar a tapioca pra ganhar, ai nos ganhava farinha, ganhava tapioca, lava puba, ai ganhava puba ai que a gente pra poder comer era, tinha vez que a gente comia palmito, tirava pra conzinhava pranos comer, ai o governo mandava ai de Marabá da SIBRASEM, acho que era, ai mandavo um arroz vei pôde, feijão duro, duro que passava era o dia todin e num conzinhava, era merman, foi sofrimento de mais, depois que o padre entro, padre Luiz ai que as coisa melhora, ele levava coisa boa, arroz, farinha, açúcar, café, óleo, leite, tudo levava só coisa boa, ai iam dividindo quem dividia era ate teu avô, seu Antoin, ai ia pra lá, ai dividia com nos lá do grupo.

Foi bom, fui ruim, mas no mesmo instante foi bom, que não teve violência por que era combinado com o gerente, agora se não fosse como das outra vez acho que tinha havido até morte, era.

A: Ai do período de acampamento qual é sua lembrança assim mais forte que a senhora tem?

M: Do acampamento?

A: É do acampamento alguma coisa que marcou muito a senhora lá, que foi algo assim muito forte.

M: Não, não foi muito forte porque toda a vida eu fui uma pessoa que subi viver no mundo, eu não me importava com certas conversas, certas besteiras. Nos arranchemos primeiramente na casa do finado Raimundo Cacheado, a vea era muito boa, ele não, quando ele bebia cachaça ele ficava abusando, ai depois eu passei pra casa do tii Pedro,

assim, que nos não tinha barraco, ai quando ela saiu, eu fui lá pra beira do rii pra cede ai eu fui e comprei o barraco dela.

A gente sofreu muito humilhação dos outro mais ai, dos próprio companheiro, dos líder né, que o MST ele é muito rígido ele massacra muito as pessoa os vizin não, não tenho o que dizer dos meu vizin não, era só eles, porque els não quiriam deixar a gente sair pra vim pra fora pra cidade, tinha que ficar lá, era marcado aquele dia e quem num...num... fosse lá e num dia pripio pra chegar e deixasse passar eles já quiriam tirar do grupo, eu mesma adoeci, fui, ainda bem que o coordenador muito era muito bom, ai adoeci passei cinco dia lá, ai o medico me deu a receita comprei os remédio e vim na hora que e cheguei fui logo na casa do Zé Maguin, o coordenador que era o Zé Maguim, ai mosstrei os remédio pra ele tudo, tudo ai o se Antoin ele tava dizendo que eu taca sendo turista, mas num érea eu tava doente ai eu mostrei tudo ai fizeram a reunião ai o Zé Maguim foi e mostro as receita e os remédio que eu tava era doente não era sendo turista, pois é. Passemos muita necessidade graças a deus, mas não morremo não, todo mundo ta nas suas terrinhas, pois é, mais a gente sofreu, mas necessidade, humilhação a gente sofreu, sofreu, todo mundo sofreu, uns mais de que outros.

Eu não tinha ninguém lá, só meu fii mesmo, mas não podia falar nada, eu só fazia dizer-é minha gente se eu tiver a sorte de ganhar um dia eu não sofro mais, em nome de Jesus, eu sei quando eu passar pra minha terra ai lá eu sou rei. Eu dizia era só isso nas reunião. Mas eu não brigava, não discutia com ninguém, só fazia chorar. Não, mas deus vai me abençoar, eu já entrei eu tenho que agüentar.

A: A senhor falou assim, que no dia que a policia foi lá e marcou pra ir no outro dia, ai os homens reuniram pra mulheres ficar...

M: Ficar no, no colégio.

A: O colégio já tinha sido construído?

M: Já. Não. Não era construído era coberto assim de oh palha.

A: É já tinha feito assim o lugar que seria a escola...

M: Já, já.

A: Vocês já estavam com quanto tempo lá dentro?

M: Nos já tava já com uns seis mês lá, que foi feito primeramente uma escola.

A: Foi a primeira coisa que levantaram logo.

M: A primeira que levantaram logo, ai colocaram um caibo de táxi, ai o padre entrou pra ver, ai quando ele disse, -eu não vou nem entrar porque tem aquele pau bem ali eu não quero esse colégio aqui.

A: E o que que tinha o pau?

M: Não, porque todo mundo é sismado com essa madeira, ai nem mexero nela.

A: E qual é o segredo dela?

M: Não sei, não sei não. Ai foi feito outro colégio, ai os home tirava as paia...

A: E o primeiro que foi feito foi desmanchado?

M: Não, oi desmanchado não, fico pra lá mesmo pro pessoal se arranchar. Ai os home derribava as paia, riscava e as muier carregava.

A: As mulher sempre participava das lutas juntas?

M: Participava tudin, toda mulher participava agora eu, no dia do serviço sempre tinha uma casa, sempre era a casa da cumadi Lucia do vei Geraldin pra fazer a comida, nos todo mundo ia ajudar, é era três pra fazer a comida e as outras pra ir trabaiar. É, pra ir arrastar as paia, os homi riscava e umas puxava e outras batia, as que sabia bater né, pra botar lá, era luta moço, sofrimento.

A: Ai fizeram essa outra escola?

M: Fizemo outra escola grande, ai ele veio, ai ele achou bom, ai depois foi feita igreja.

A: Depois da escola a outra construção foi a igreja?

M: A outra construção foi a igreja do mesmo geitin, as parede era tudo dividido assim, oh.

A: Ai tanto numa quanto na outra toda a comunidade participou?

M: Participava, nos todo mundo participava, só não as criança.

A: E pras contrução dos barraco individual, cada um fazia o seu?

M: Era, justamente cada um fazia o seu, é tirava as paia e ai trocava dia, fulano hoje tu vai cobrir meu barraco e amanha eu vô te ajudar ou adepois no dia que tu quiser eu vou te ajudar na roça, vô capinar, vô plantar. Tudo era unido nesse tempo e graças a deus, nos sofremo muito, muito, muito mesmo, mas valeu.

A: O sofrimento maior eu a senhora fala é na questão de ter passado é... necessidade e não poder sair.

M: Era ter passado nessecidade e não poder sair, eles humilhava muito a gente, assim que a gente entro eles dero quinze dia lá dentro sem sair pra lugar nenhum, que tivesse fii, ou que morresse ou que não morresse não podia sair e se saísse era pouquinhos dias, ai depois de dois ano, que nos passemo três ano e pouco e graças a deus ai eles dexavam a gente passa mais uns dia qui já tava acostumado né mas no começo não dexava e se fosse pra demora quando entrasse saia.

A: A senhora tinha idéia quantas pessoas, quantas famílias, é, foram pra esse acampamento.

M: Duas mil pessoas, era gente, era gente, era gente,era gente, ai depois, ai foi diminuindo, ate ficar as trezentas e, parece que trezentas e quarenta e oito, sse eu não me engano foi isso, trezentas e quarenta e oito.

A: Ai as pessoas iam desistindo lá mesmo no período acampamento?

M: Era lá mesmo desistia, porque você sabe que no período de, de..... uns noa guentava humilhação, outros é porque tava achando que tava demorando, e outros devido a necessidade, não tinha aquele costume né, ai não esperava e ia embora.

A: A senhora conheceu algum desses que chegou a desistir no período de acampamento?

M: Muier foram vários que foram embora, foi muita gente que foi embora desse que a gente nem lembra do nome mais.

A: a senhora chegou a participar assim de algum tipo de liderança ou ter algum cargo alguma função dentro do acampamento?

M: Não, não, não, nadinha não de jeito nenhum, a gente participava assim de serviço né, de reunião, quando tinha algum serviço que era pra limpar a horta.

A: tinha horta também? comunitária?

M: Tinha horta, marmoço, lá tinha oia, da horta era muita gente agora no dia de colher as coisa ,cada um ia ai levava assim um carro de ia tirando e colando ali e quando chegaca em casa ia dividindo pras pessoa que queriam, era abroba, era feijão, era girimun, era oface, era couve, cebola e tudo que tinha na horta tinha que dividir cada um ganhava um pouquinho. Quando era no dia de dividir o rancho nos dividia tudo, ai se sobrasse um pouco ai dividia pra cada um um pouquinho, isso aqui é pra fulano, isso aqui é pra cicrano, era assim tudoo dividido.

A: Ai tinha a horta comunitária, tinha as roça, as roça tudo era comunitária, todo mundo trabalhava junto, ai esse rancho que a senhora fala era ou o que vinha do INCRA, ou o que o Padre Luiz...

M: Tudo que o Padre Luiz levava, levava num caminhão.

A: Ele levava muita coisa né?

M: Ele levava muita coisa, levava era um caminhão foi um pai ai as coisa melhorou tudo por tudo.

A: Ele foi uma pessoa muito marcante no período de acampamento?

M: Foi, foi ele ajudava muito as pessoa.

A: Eu lembro que funcionava,que funcionava também a pastoral das crianças na igreja católica que coordenava.

M: Isso lá tinha a menininha da Helena que era magrinha meu deus do céu magrinha, magrinha a gente contava as costela dela magra, magrinha, magrinha ela era pequinininha depois ela cresceu mais magrinha ai eles colocaram era na lista ai eles traziam muita coisa cumidinha aquelas farofa aquelas coisa da pastoral ai com isso foi a melhorando,

melhorando foi ingordando, ingordando e graças a deus ela cobro saúde, foi, porque ela era muito magra. Ai eles davam remédio, muita coisa.

A: Chegou alguém a morrer no acampamento por doença.

M: Morreu, morreu, assim, de doença foi assim, num foi doença foi...ele, que ele bebeu muita cachaça lá pras arara um senhor lá, num me lembro nem o nome só o nome da muier dele que eu me lembro, chamava Delina, ai na estrada ele veio, o sol muito quente ai ele caiu lá no caminho, ai o homem passou viu ele lá ai chegou no acampamento avisou no acampamento não ele avisou lá na gurita ai o homem foi lá dentro do acampamento e avisou lá, ai os coordenador foro buscar ele lá ai trouxeram ele, ai ele não escapou não, morreu, ele ta enterrado lá nas arara, mas ai sobre doença quando alguém adoencia tinha um carro disponível que era o caminhão do seu, do... esqueço o nome dele que ele é ate sobriinho da dona Antonia ai levava as pessoa pra lá, ai depois entro um onibu, era ate o mineiro, ele carregava as pessoa

A: Mas ai assassinado também não chegou a morrer

M: Não, ninguém brigaro, ninguém mataro, só quando foi recebido o fomento ai tivero uma questão lá, nos nem tava, nos tava pra Marabá lá com o Raimundo ai um cara lá, atiraro nele ai quebro a perna dele, ai levaro pra Marabá ele fico bom, ainda tev aterra dele tudo ia depois foi embora.

**Entrevista cedida pela Senhora Hernestina Pereira Vieira, 59 anos, moradora e assentada e Assentamento 1º de Marco, durante o processo de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. Gravação realizada em sua residência no dia 20 de novembro 2019, no período da tarde.**

**Duração: 10min. 22seg.**

**Sendo identificado com a letra *H* a entrevistada, e a letra *A* para a entrevistadora.**

A: Então dona Hernestina a senhora cona um pouco do que a senhora viveu lá no período de acampamento.

H: Pois é menina, sei lá é tanta coisa que a gente viveu lá, a gente vigiava de dia.

A: Vocês iam pra gurita?

H: Nos ia pra gurita vigiar...

A: Durante o dia?

H: Umrum, de noite..

A: Todas as mulheres ia?

H: Era, se os marido não tivesse em casa ia, agora se o marido tivesse em casa não, eles ia tirar dia e noite.

A: Qual era os outros trabalhos que as mulheres faziam também?

H: O que as mulheres faziam mais era as reunião, né, dona Maria...

A: Como era essa reunião que a senhora ta falando? Chamar o povo pra reunião era?

H: Era, reunia, Reunião! Ai pra gente tomar banho lá, o pessoal, la, quase tudo era na fila , era.... minino...é tanta coisa. A gente chegava ei dia o feijão ta duro pra gente comer, o ,ei de viver né, sabe como que era a vivência de lá, não tivesse agente não comia não

A: Logo no começo, que o come foi mais difícil, porque dois vocês foram plantando ai já foram, ai foi as roça, a horta comunitária.

H: Ai nos já panhava cupu nos mato pra arrumar um dinheirin, castanha, no começo ninguém podia andar por causa dos pistoleiros.

A: O que vocês faziam do extrativismo, que essa coleta dentro das matas vocês vendiam era?

H: É, a gente vendia no seis ali, cupu, era, castanha eu vendia mais a Nelsí, cupu e castanha pra nos comprar alguma coisinha pra comer. Ou então trocava pelas coisa, açúcar, café, óleo, lá na vinte e oito.

H: Ai depois que nos começou plantar não, quando o padre entrou...

H: Ah! Depois que o padre entrou ficou bom de mais, o padre levava arroz pra nois,, arroz de qualidade, leite pras nossas crianças, que na época minha criança ainda comia leite, a Ivone.

A: Era isso que ia perguntar seus filho, os filho da senhora era tudo criança né?

H: É, a mais pequena era a Ivone, a Ivone ainda mamava ainda, ainda comeu muito leite do padre.

A: Eles estudaram na escola lá no acampamento?

H: Lá na escolhinha lá, tinha um barracão, tinha um barracozin de paia que os menino estudava.

A: Ai como que era lá estudo lá das crianças?

H: Não, normal mesmo, igual na vila, era coisa do pessoal do MST que ensinava naquele tempo, né, as tarefinha tudo do né, aquelas tarefinha, quando era pra fazer alguma coisa Ra os pai que ajudava não tinha aquele negocio de pagar pra, pagar pra outro né, era tipo assim coletivo né, que o pessoal não tinha que pagar pra ninguém, era, e assim.

É, eu achava que tinha união, tinha união naquele tempo, é, era união.

A: Todo mundo se ajudava.

H: Todo mundo se ajudava.

A: Faziam as hortas coletivas, as roças coletivas.

H: É, tinha união, naquele tempo tinha união, agora a desunião passo quando viemo pra vila.

A: Cada um por si e deus por todos.

H: Naquele ninguém comia uma coisa sozinho.

A: Tudo dividia né.

H: Tudo dividia sim, tudo era dividido

A: Ninguém passava necessidade só.

H: Não, passava igual, agora tinha uns que mais melhor do que a gente né, aqueles mais mior né, naquele tempo era quem, era o Nelíto, quem era mais... tinha um pessoal lá que tinham mais condição assim, Nelcione, é não comia aquelas comida que a gente comia não, que sempre em todo lugar tem aqueles que da classe mais alta e da classe mais baixa né, mais...

A: sempre tem alguém que tem mais um pouquinho né.

H: Mais é, foi bom.

A: As dificuldade maiores foi as necessidade né que passaram.

H: É, unrum, é. A gente passava muito medo também.

M: Medo dos pistoleiro, da policia, depois foi acabando, acabado, acabando.

A: nunca aconteceu nenhum ato de violência né.

H: Graças a deus não, nunca aconteceu não, graças a deus. Naquele tempo era bom, naquele tempo era bom, eu mesma não me arrependi não, não me arrependi de ta lá.

A: A situação assim mais difícil que a senhor passou lá qual foi?

H: ...(silêncio)

A: A senhora sentiu vontade de desistir alguma vez?

H: Não! Eu era aconsoada.

M: Igual eu, eu sempre dizia...

H: Oia, vê onde que eu tava morando, no Pacajá, fui embora pra lá, quando eu subi que o pessoal tava no INCRA pra entrar pra cá eu oh, dispistei.

H: Sumí no mundo e os vizinho brigando, com três mês que eu tava, ai tirei meus menino tudin do colégio de lá e trouxe tudin.

A: Lá, era o que, era casa própria da senhora?

H: Lá onde eu morava no Pacajá, era.

H: ...uhm....

A: Ai tinha vontade de ter um terra

H: Mais moço!

A: Éh! Mais é bom.

H: Todo mundo era animado graças a deus, animado pra ganhar.

A: A senhora participou da construção da escola também lá... no dia que foro pra construir a escola, no dia que foro pra construir a igrea.

H: Não só meus meninos que foro ajudaro

A: Os maiores né?

H: Foi os maoior, os maoir que audava né.

A: Quais os outros trabalhos que a senhora fasia lé, fora ir pra gurita vigiar, a senhor participou de algum outro trabalho lá dentro?

H: Não, só andar pelos mato catar cupu com as muier, e serviço de roça só, só isso mesmo.

A: Mais valeu a pena tudo né?

H: Mais moço!

M: A gente sofreu mais valeu a pena, qundo disseram assem, nos ganhamo a terra.

A: Foi a maior felicidade ehim?

M: Ave Maria, muir, eu foi no outro mundo e voltei, sentei meu joelho no chão...

H: Mais teve um dia que eu fiquei, eu fiquei, foi no dia que nois entrem, muier.

A: A senhora tava no dia 1º de março dona Hernestina.

H: mino de noite, oh Jesus!

A: Como foi, conta pra nos dona Hernestina.

H: Todo muno naquelas caminhadinha.

M: Eu tava com medo era de cobra.

H: Naquele dia foi o único dia que eu fiquei assim com medo, com um pouco de medo oh.

A: com vontade de voltar?

H: Unrum.

A: Tava chovendo no dia?

H: Chuviscando, tava chuviscando

A: Com as crianças tudo pequena.

H: Tudo, tudo, tudo... oia, igual porção, sabe...

M: Assim atrás um do outro igual caboclo menino. Eles fizeram só aquela varedinha veia.

H: E disseram vamo entrar, vamo entra, a meia noite não foi dona Maria.

M: Foi a meia noite. Uns com lanterna, outros com vela, a vela apagava, a minha, eu tenho a lanterna, outros tinha vela, -acende aqui!

H: E quando dizia assim, - ai, furniga ai, furniga , olha a furniga nos menino, olha não sei o que! Gente é bicho que em coragem né.

M: Depois quando chegou no acampamento lá ai foro rir uns dos outros.

H: Ainda hoje me lembro daquele negocio, daquele pé de pau assim, ai o pessoa assim, cada qual fez sua coisinha pra cá, um pouquinho pra cá, um pouquinho pra cá. Meu barraco era junto mais o Nelsí...

M: Eu com medo dos ouriço cair em riba, eu disse, esse pau aqui de baixo é castanheira, os ouriço não vão matar nos não.

H: Era tinha um barracão assim.

A: Quando chegaram fizeram só um barracão?

H: Foi só um barracão são que fizeram assim pra botar as coisa dentro.

A: Ai ficou todo mundo dentro enquanto cada um fazia seus barraco.

M: Foi as barraca de beira de chão.

H: Ai todumundo foi feito seus boim, menino mais era engraçado assim.

A: Parecendo índio, só assim tudo arrudiado.

M: E eu só com medo de cobra e utanguira e com medo do pessoal tá lá e matar nos, chega meu coração ia assim apertado, serio mesmo, me apegando com tudo que era santo.

A: Assim a surpresa né sem saber o que aguarda na frente.

M: Pois era muier, e ai ia rezando e me apegando com tudo que era santo, tinha hora que dava vontade de chorar, meu deus me dê força senhor! Meu deus do céu! Não gosto nem de lembrar.

H: Era um bocado de gente..

M: Era gente, era gente, era gente, era gente ó...

H: Mais desistiu muita gente, er um tanto de gente que tinha menino, se tivesse ficado esse povo todin aqui tinha gente de mais.

A: Mais é sempre assim começa com muito depois vai, vai desistindo.

H: O pessoal desanima, não, isso não via sair não, ah esses pistoleiro vai entrar aqui e vai matar todo mundo, eu vou é me embora, era assim

H: Eu me lembro desse vei..... O seu, me esqueço o nome dele, ele botô vei nas costa e o vei mijava, ele dizia oia! Esse vei ta é me mijando. Arthur!

A: Seu Arthur.

**Entrevista com seu Josué Vieira da Silva, 66 anos, morador e assentado no Assentamento 1º de Marco, durante o processo de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. Gravação realizada em sua residência no dia 20 de novembro de 2019, no período da tarde.**

**Duração: 29min. e 20seg.**

**Sendo identificado com a letra *J* o entrevistado, e a letra *A* para a entrevistadora.**

A: Seu Josué o senhor tava no dia da ocupação da Pastoriza tava?

J:....

A: Você participo lá de sair do lugar onde vocês tavam acampado e depois vocês fizeram uma caminhada né no meio da mata ate chegar no lugra que ia ser mesmo o acampamento na Pastoriza, o snehor tava no dia né?

J: Não, no dia da mudança eu não tava, tava só a minha esposa.

A: Ai o senhor foi depois? Ai lá dentro o senhor teve é... Fala um pouco do que o senhor fez lá dentro né, o senhor foi é, participou de liderança na.

J: É quando eu cheguei aqui, é quando eu cheguei no acampamento, primeiramente eu participei de um grupo, eu fui coordenador de um grupo, grupo..

A: O senhor foi coordenador.

J: É, grupo quatorze né, esse grupo catorze ele começou, no inicio ele era sessenta família né.

A: Era grande né.

J: Era grande, era sessenta família, era ate tanto que quando foi feito as primeira reunião pra ocupação do, eu participei né, foi feita as primeira reunião na liberdade né pro pessoal fazer a ocupação, pesquisar a área né, pra, ai juntou a coordenação que pra pesquisa r a área né, após , a gente ocupou, ocupou, ocupou o INCRA né, do INCRA né, ai fomo pro arara pra fazer o acampamento

A: Acampamento provisório né?

J: não podia fazer, não podia ficar dentro da área, ai quando foi com um ano foi feito, a, a, juntou a coordenação né já, e já fizeram o controle pra ocupar a área, pro dia 1º de março, eu me lembro eu não tava, eu tava fora mais minha esposa tava, tava fora nesse dia, imediato eu cheguei, já tava visto pra coordenar o grupo ai apartir daí a gente vem lutando essa luta ate hoje.

Ai ocupamo, foi feita a ocupação né, nos saimo do arara que era do lote do seu Nonato né, seu Nonato liberou a área, alem da coordenação nos tinha uma outra liderança né, mas trabalhava externo né, a coordenação interna do acampamento.

A: Tinha a interna e a externa?

J: É tem, e tinha o controle né, externo né, um negocio bem organizado né, por isso que doró né, dois anos, dois de dois ano né, por causa da organização que foi bem organizado conseguimos né, conquistar a terra né.

A: Ai me fala um pouco desse trabalho que o senhor fazia quando era corrdenador dos grupo lá.

J: A gente sempre fazia as discução nos grupo e levava pra coordenação, nos tinha a coordenação né..a... a... juntava a coordenação estadual do movimento onde que era inserido né, os coordenadores externos que nós chamava na época, nessa época era os militante né, os militante do MST, os militante né.

A gente levava, era pra qualquer coisa que era pra ser discutido né, a gente levava pra, discutia nos grupo né, levava pra ser aprovado na coordenação né, só seria aprovado por essa coordenação de grupo né, junto com essa coordenação externa que fazia todo o trabalho externo né, então isso era pra isso né, esse era os critério né, tinha o rigimento né, também, rigimento, né que é, criava os rigimento, do regime, do regimento interno do ass... do acampamento.

A: No período de acampamento teve alguma coisa que aconteceu assim marcante na sua vida e que o senhor nunca conseguiu esquecer, alguma situação, ou que o senhor fez, ou algum ato que o senhor participou...

J...

J: Não, assim , é, é... que a gente foi muito, foi muito xingado né, a gente foi muito massacrado, mas a gente nem tanto por isso né, hoje é uma, é uma vitória né, a gente sente aquilo ,né, ser agredido por palavra né, mas a gente..

A: Mas isso lá dentro ou quando vocês saiam.

J : Quando saía. Então lá dentro né, era assim, o... era, era uma coisa bem rígido né, tão tanto, como já acabei de falar né, existia um regimento interno que ele teria que ser cumprido dentro do assentamento, se não cumprisse seria né, ate afastado.

Se hoje, voltando, se hoje fosse como anterior não existia tanta coisa errada hoje no nosso assentamento

A: O senhor consegue lembrar assim de alguém que foi expulso?

J:...

A: Assim, descumpriu algum desses regimento?

J: ... È,... eu num me lembro não é. Que tem pessoas nossa né, que foi expulso né, mas depois voltaro né, comigo mesmo aconteceu né, ... eu teri.... causa do meu filho né, que eu tive que afastar ele, ou eu tirava ele, ou ia ser expulso, então isso é uma coisa que ate hoje eu lembro né.

A: Mas assim, o senhor pode falar qual foi o motivo do snehor ter afastado o seu filho?

J: A bebida.

A: Não podia né?

J: Não podia bebida, Isso é um dos motivos né, um dos motivo, não podia, não podia né.

A: Como coordenador do grupo o senhor reunia, o senhor chamava.. era sessenta famílias era muita gente não era, Levando em conta que cada família tem quatro ou cinco pessoa no mínimo né, então era muita gente.

J: Era assim sessenta família era no inicio do grupo catorze né, então passou, quando ele era... do Nelito né, quando eu passei, eu... e passei a coordenar depois do Nelito eu era

componente dele, né, o Nelito era com sessenta famílias, eu era componente dele né, o Nelito que era coordenador eu fazia parte desse grupo ainda era sessenta família né, então aquela situação foi desistindo né, foi desistindo gente dos grupo né, não só do catorze mas também dos outros grupos nos era mais ou menos umas três mil e poucas famílias né, quase três mil família mais ou menos do inicio, ate na coisa na, na na, ocupação ainda tava mais ou menos em mil e quinhentas família mais ou menos né, ai foi saindo porque a viu nos era trinta e poucos grupos né, cada grupo desse era grande né, era muita, muita família.

A: Mas assim como coordenador o senhor chamava todo aquele povo pra reunião né, como é que o senhor fazia pra chamar todo mundo o senhor ia de casa em casa como é que o senhor fazia pra é, essa é a comunicação né, como o senhor fazia pra comunicar a hora e a reunião pra se juntar todo mundo?

J: Nos tinha reunião interna nos grupo, a gente chamava né, convocava reunião, reunião ordinária...

A: O senhor passava de casa em casa, ou passava pra um e ia passando pro outro?

J: É assim, todo dia tinha o horário de se reunir...

A: Ah! Já tinha aquele horário, essa era a reunião ordinária.

J: Era todo dia, pra vê o que tava acontecendo né.

A: Todo dia tinha aquele horário de reunião.

J: Tinha, e nos tinha o horário de reunião da coordenação todo dia também.

A: A reunião, a coordenação tinha também sua reunião separada.

J: tinha, ai quando a gente ia pra, quando a gente já pra, pra coordenação a gente já ia com a ... com tudo do grupo que já tinha discutido no grupo, nosso grupo foi isso, foi aprovado isso, a decisão foi isso, e o grupo concorda com isso né, então era assim.

A: E tinha a reunião extraordinária também?

J: Tinha, tinha.

A: Ai como é que o senhor fazia quando acontecia, extraordinária tinha que chamar rapidamente o povo, como era esse processo?

J: É, era a assembléia né, ai avisava tdos os coordenadores dos grupos né, ai os grupos juntava.

A: Ai os coordenadores passava pra suas famílias?

J: É, juntava toda a coordenação e dizia, ó tal hora é a assembléia, tal dia é a assembléia, que é coisa urgente né.

A: E quando acontecia assim, agora seu Josué, tem que chamar o povo, tem que chamar o povo pra reunião agora é urgente!

J: Ai tinha um sinal.

A: Qual era o sinal?

J: Ai, tinha, nos tinha, nos tinha o outro grupo de pessoas né, que era da disciplina né, ai a disciplina, só era, o sinal era apito, o apito, ai apitava, quando dava aquele apito já sabia o que que era, né, qual era o assunto, era reunião extraordinária, ou assembléia.

A: Ai todo mundo já sabia, né, tinha um local específico? Qual era esse local específico?

J: ...

A: O local da reunião de todo dia do grupo era um barracão que tinha...

J: É cada grupo tinha seu barracão, seu setor de reunião.

A: E a assembléia extraordinária qual era o local.

J: A assembléia era um outro, era um outro, no bosque. Quando era pra fazer assembléia, assembléia pra discutir com o povo mesmo né, então nos tinha o bosque era feito no bosque, tinha o palanque lá né, tinha o palanque né.

J: Você participou do processo da construção da, do levantamento do barracão de palha onde funcionou a escola.

J: Participei.

A: Como é que o senhor vê assim, é a atuação, a importância da escola desde o período de acampamento, foi a primeira que o povo sempre fala que foi a primeira coisa que construirão foi a escola e a igreja católica.

J: Foi uma coisa de muita importância né, pra nos né, foi a primeira coisa que a gente pensou foi na educação né, né, através da igreja também e da educação, né, trazer a escola né, a educação pra dentro do assentamento.

A: Isso sempre foi muito importante.

J: Sempre foi, toda a vida.

A: E a atuação da igreja católica desde o período de acampamento.

J: Foi muito importante porque dela deu, foi foi a nossa mãe né, no apoio né, do apoio, o apoio as famílias do assentamento isso aí é uma coisa que me marca muito também, muito importante né, que a gente foi ajudado, através da igreja principalmente nas famílias que crianças né, a igreja deu muito suporte né ao nosso acampamento.

A: Quem representava a igreja era o padre....

J: O padre Luiz, o padre Luiz.

A: Ele, do período de acampamento assim, pode ser uma pessoa que pode ser considerado assim um símbolo, que quando lembra dele lembra do acampamento pode ser o padre Luiz?

J: Pode ser o padre Luiz.

A: Tem mais alguém assim que teve uma atuação muito importante que o senhor lembra, ou não.?

J: É nos tinha o, o, o, o líder né, o nosso líder o que foi assassinado.

A: Como era o nome dele?

J: Rapaz!...

J: É nesse período de lá pra cá, depois que nois acampemo foi morto dois né, o,o,o... (...)

A: Foi morto no período de acampamento ainda?

J: Foi, era quem dava todo o, todo, todo o....

A: Todo o direcionamento...

J: Todo o direcionamento de organicidade também e junto com a Izabel. A Izabel foi muito importante na organização.

A: A escola pode ser considerada um símbolo?

J: Poe ser , um símbolo que ate porque né o...

A: Quais os lugares mais importantes assim dentro do acampamento que o senhor pode dizer assim aquele lugar é um marco, assim um símbolo assim, que quando você lembra do lugar você lembra do acampamento.

J: É a escola mesmo, é a educação, porque ate hoje a gente tem dificuldade hoje de, a gente luta né lá na, lá nas organização estadual La na, nos setor público lá né, por beneficiário nosso né que foi capacitado aqui porque nos não tinha, nos não tinha professores né, então nossos professores do inicio né eles começaram daqui, eram voluntários eles foram se capacitando né, foram dando aula aqui e se capacitando na cidade por isso que isso é uma coisa que marca muito também é o professorado daqui do nosso assentamento que se capacitaram ai nessa luta né.

A: Como você vê a situação da escola hoje pro senhor ela ainda pode ser considerada um símbolo dentro do assentamento atual, o que o senhor acha?

J: Pra mim pode, é pode sim, por que foi a primeira coisa que foi criado foi a escola.

A: Assim no processo da escolha do nome o senhor participou?

J: Não, por que o pessoal da educação já trouxe o nome né, Educar para Crescer, a parte de educação com a coordenação externa né, ai veio pro acampamento ai só pra aprovar, ai nos aprovamo, foi aprovado pelos grupo.

A: Ninguém questionou? É um nome forte pro senhor, o que o senhor acha assim?

J: Educar para Crescer é, é assim forte de, forte pra o desenvolvimento né, não assim forte pra não né, assim pra o crescimento né, que já vei né Educar para Crescer né, é por isso que hoje, hoje nos queremos um professorado que né identifique né, hoje a gente diz assim nos queremos um professorado que identifique co o nome de nossa escola, é Educar Para Crescer né.

A: Ai quando nos falamo lá do período do professor, dos professores né do acampamento é eles vieram todo mundo era voluntario no começo todos também eram assentado né, eles se formaram se capacitaram eram capazes também de dar aula já e contratado e tudo, e hoje em dia não existe mais nenhum desses professore é e ai o que o senhor fala nessa questão por que hoje em dia a escola não tem amais a característica da escola do campo com era no período de acampamento.

J: Pois é, foi isso que eu quis dizer... Ai hoje eu vejo assim né que os professores que se capacitaram né hoje ao estão mais aqui no assentamento ...

A: O senhor acha que foi uma perca?

J: É uma perca né pra escola né por que a hoje é, ate podia ter outros professores de outro grau, né mais os nosso deveria ter permanecido né, eles se identificava né ate por que foi eles que ajudaro a conquistar isso.

A: Ai o senhor hoje em dia o senhor trabalha com cooperativa? No período de acampamento só tinha uma associação né.

J: É hoje eu ainda represento a cooperativa né, quando criamo a escolané ai imediatamente criamo a associação.

A: A associação também é algo que representa tanto o assentamento quanto o acampamento né.

J: É ela representa ate por que foi criado no acampamento.

A: E em que momento foi criado a cooperativa?

J: Foi agora em 2003 né, com aquela discução que diz que o cooperativismo era né, né, tinha, tinha a credibilidade mais é de buscar projeto né tinha mais...

A: Então vocês criaram com a intenção de trazer algo a mais né, trabalhando em conjunto com a associação.

J: Era de a de trazer algo a mais pro assentamento , trabalhar em conjunto, a nossa proposta né era de trabalhar em conjunto né, mais ai é assim, nos tem pessoas, né, que, que é ai como tinha um grupo né, que não fechou, não fechou com as diretrizes né de alguns né , não com as diretrizes do movimento, pessoas do movimento né, que.

A: Falando do movimento com é que o senhor vê assim a atuação do movimento sem terra dentro do do período de acampamento?

J: A atuação, não, foi muito, foi muito pra, foi muito importante, é um movimento de uma organicidade ampla, muito boa né, então, não digo lá de fora né, pelo meno pro nosso assentamento foi muito bom nota dez, eu hoje eu represento né a cooperativa né, mais eu tenho a proposta né com meu mandato né, ai meu mandato já entrou pro outro, com outras pessoas já de segundo já que o João já, ai já entra o João, o João ai nos já tinha um propósito né de trabalhar parceria ate que foi melhor né que já dava pra se entender, ia se entendendo né, eu meso peguei pessoas que num, mais isso não vem ai caso né mais eu agradeço uma luta...

A: Assim e as dificuldades do período de acampamento, pras mulheres as que eu conversei ate agora era as necessidades que passavam assim no começo né de alimento, quando vinha era aquele alimento estragado, m e a distancia de lá pra cidade, e pro senhor assim qual foi a maior dificuldade no período de acampamento.

J: É assim, teve um período ai que a, a questão de alimentação né, quanto, quanto, sobre a distancia né eu não achei que era muita dificuldade porque imediatamente a gente conseguiu fazer ramal ate sair na transamazônica né, que naquela época era muito dependioso por que era no barro, a dificuldade era essa, a dificuldade era mesmo na questão da saúde né e questão da alimentação, mas nem da alimentação por que nos tinha o suporte da igreja né, que ajudava, ai tinha um grupo da coordenação os militante que conseguiam né captar recurso né, alimentação através da CONAB é junto com, parceria com o INCRA né.

Ai teve uma época ai que nos fizemo uma ação né, não tanto pela, pela, pela fome, eu considero que não foi pela fome, aquilo foi que me marcou, que ajudou ai no, na

negociação da terra, na liberação, da agilidade né pra resolver a situação foi o saque, o saque né, isso ai foi uma coisa que me marcou mais ai né, por que, me marcou assim por que resolveu a situação, aquilo não foi tanto pela fome não, nos não tava passando fome não nessa época, foi um ato pra chamar a atenção mesmo e é pra resolver a situação, nossa situação.

A: Vocês tavam com quanto tempo de acampamento quando fizeram o saque.

J: Rapaz, parece que nos tava com um ano, um ano e uns dias.

A: Como é que foi organizado esse saque? O senhor participou da organização?

J: Foi organizado com as coordenação o povo, os militante...

A: Vocês sabiam qual era o caminhão que vinha já tinha a..

J: Isso era trabalho dos militante, né, os militante que organizaram e disseram, oia chegar lá vai ser tal dia.

A: Ai como que fizeram pra parar o caminhão?

J: Ah! Nos fomo pra beira da estrada, rapaz, tinha gente de tanto jeito lá, ai foi parano.

A: Foi quantos caminhão, foi só um não?

J: Foi só um, foi só um.

A: Ai ele era carregado de que tanto?

J: Ele era pra pegar o caminhão né, mais ai o pessoal da frente pegaro, era pra pegar o terceiro caminhão, ai pegaro o da frente, o da frente vinha só açúcar, é negocio de refrigerante essas coisa, mais era açúcar.

A: E o outro que era pra pegar?

J: Ah, o outro que era pra pegar é o que vinha com arroz, feijão, óleo, essas coisa, o mais grosso...

A: Mais ai...

J: Mais ai, mas resolveu, foi bom que resolveu a situação né, ate porque nos já tinha, nos já tinha organizado nos já tinha organizado pra fazer roça também.

A: Ah já um ano e tantos meses já tinha roça, já tinha horta né, já tinha a cooperativa lá dentro, trabalhavam em conjunto né.

J: É, quando foi em dezembro ó, novembro, novembro não lembro a quanto de novembro que nos fumo pra lá né, fico dezembro no acampamento no Arara, dezembro, janeiro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, foi no dia 1º de março né, a meia noite foi feita a ocupação, num tava lá, mas tava sabendo da hora da ocupação, ai tava só minha muier ai, Hernestina no dia que eles entraram.

A: No dia que entraram né.

J: Ai ficou foi muito dia lá, nesse mesmo, nesse mesmo, é, nesse mesmo mês foi organizado pra fazer as roça.

A: Vocês entraram em março, abril e junho já tavam botando roça?

J: Já, já tinha feita a, a...

A: Cada grupo botava a sua roça?

J: É, cada grupo.

A: Era por grupo né, ai trabalhava todo mundo junto?

J: Era

A: Esse trabalhar todo mundo junto também foi muito importante né, era a união.

J: É era a área do.... ai fez a roça né, ai tirou o pedaço de cada um.

A: Ai dava pra sustentar né, as famílias.

J: As coisa né...

**Entrevista cedida com o senhor Manoel campos, morador e assentado no Assentamento 1º de Março, durante o processo de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. Gravação realizada dia 30 de novembro de 2019, em sua residência.**

**Duração: 8min.**

**Sendo identificado com a letra *M* o entrevistado, e a letra *A* para a entrevistadora.**

A: Então Netão você pode falar das entradas que tinha pra dentro do acampamento, e qual era distancia da entrada ate o acampamento?

N: Tinha aquela entrada lá do Arara né, tinha a daqui lá no, naquela entrada do arara lá, tinha a entrada a base duns dez quilômetros, ai essa daqui perto do cupu uns quatro quilometro, daqui lá no Ara uns dez quilometro.

A: A do Arara ate lá onde era o acampamento.

N: Urum.

A: Foi por essa estrada que vocês foram no dia 1º de março vocês andaram dez quilometro de madrugada no meio da mata.

N: Eu fui já fui já no acampamento do MST foi no arara, meus pais tinha uma terra lá no arara né, eu entrei lá no arara, eu não fui pro acampamento no INCRA não, eu entrei lá no arara, eu e outras turma né, eu o Manoel Maria, o Atoin Saúde, Domingos careca, o Calado, tudo era do arara no entremo lá nessa época lá.

A: Nessas duas entrada tinha as guaritas?

N: Tinha uma aqui onde é a vicinal do cupú, e tinha outra lá onde era a entrada do arara também.

A: A saída e a entrada das pessoas era controlada?

N: Era controlada, tudo vigiado quem entrava e quem saía.

A: Quando a pessoa saía que ele tinha aqueles dias de voltar ele assinava um termo de responsabilidade ou era só boca a boca?

N: Tinha um grupo lá, por exemplo no dia que eu ia sair né ai tinha que avisar o grupo... Oia vô sair ai tinha um prazo pra chegar né, prece que era dez dias, a pessoa saia né, ia trabalhar ia resolver alguma questão pessoal ai voltava de novo, o grupo dava autorização né, ai não era escrito não.

A: Você participou da construção da escola no acampamento?

N: Particpei.

A: Você pode falar um pouco da estrutura da escola, da estrutura física dela.

N: A estrutura física foi nos mesmo que constuimo né a escola, os grupo né que ajudou, os professor voluntario que ajudou ai tinha assala ne.

A: quantas sala?

N: Seis sala, tinha a secretaria e a conzinha.

A: Tinha banheiro?

N: Tinha o banheiro fora, fora da escola, era mei distante mais tinha.

A: A escola tinha um vinculo muito forte com a comunidade né, eu lembro que as festas tudo que fazia era naquela área da escola ate as assembléia geral, não era?

N: Era, tinha muito apoio do Castanhal Arara né, na construção da escola, né, e a 1º de março e apresentado pelo arara né, o arara, tinha coisa que vinha pela escola do arara, foi muito importante a participação né do Castanhal Arara na construção da escola como do acampamento.

A: Tanto que esse, onde o lote que as pessoa ficaram acampadas foi do seu Raimundo Nonato, né, qual era a ligação dele com o pessoal do, ele tinha conhecimento com o pessoal da militância, foram eles que foi lá e pediu ou foi ele que foi lá e ofereceu, você sabe dizer?

N: O seu Nonato ele tinha muito conhecimento né, ele era sindicalista, foi presidente do sindicato, presidente da associação lá do arara e era como ainda hoje ele é um presidente de honra né, do PT né, do PT que ele é a pessoa chamava ele, o seu Nonato tinha muito conhecimento ele, o pessoal procuraro ele ai era um ponto estratégico né porque ficava na divisa com a fazenda, ele arrumo lá pro povo, o pessoa do MST pra acampar lá na aterra dele.

A: Você tem idéia de quantas famílias ficaram acampadas lá no lote do seu Raimundo Nonato antes da entrada na fazenda.

N: Era mil e duzentas pessoa, mil e duzentas que era entre criança e adulto, ai o objetivo né era ocupar aqui que nos ocupemo nos tamo aqui, o outro era a ponta de pedra né, as mil e duzentas famílias tinha como ocupar as duas área.

A: A ponta de pedra não era ainda assentamento não?

N: Não, não, primeiro foi a 1º de março, ai surgiu a 1º de março ai surgiu a ponta de pedra disseram vamo entrar, vamo entrar porque o MST ta se organizando pra entrar ocupar a área lá né.

A: Ai foi outro grupo que entrou e ocupou lá?

N: Foi o pessoal do sindicato, a po...po... era mil e duzentas famílias ai foi fito assembléia né, quem queria ocupar né, uns desitiro na hora, outros foro embora, outros ainda ajudaro ocupar mas chegou lá dentro desistiro foro embora, com dez dias outro foro embora ai foi diminuindo né, ai não deu a quantidade pra ocupar.

A: Diminiu tanto que ficou 338 só né.

A: Foi 338, só a quantidade mesmo do...

N: Você tem a idéia de quantos desses 338 te hoje morador ainda e assentado no seu lote dentro da 1º de março? Ontem mesmo eu tava fazendo uma, um calculo de 90, é dos antigo né, trezentos e poucos a diferença é grande né, saiu mais da metade dos antigo, é diminuiu muito.

A: E na sua lembrança assim quais as dificuldades maiores que vocês enfrentaram quando tava no período de acampamento, qual foi?

N: As maiores dificuldades teve muito ó, assim, sempre meu pai me ajudou lá né, meu minha mãe, mas tinha muita família lá que passava dificuldade na questão de alimentos né, eu me bancava lá, se não fosse eles, mas muito bancava dificuldade, deixava a família e ia atrás de serviço no arara.

A: E na questão da saúde como é que funcionava, eu lembro do exercício lá com alguns médicos fazendo consultas, como é que funcionava aquele processo, alguém pedia, fazia essa...

N: É solicitava era, o setor de saúde né que, tinha o setor de saúde e os grupos né, cada grupo tinha um coordenador né de saúde aí solicitava né o exercício né, pra vir, ou então a prefeitura.

A: Eles só faziam a consulta ou eles levavam medicação também?

N: Leva se eu não me engano eles levava medicamento também, pouco mais levava, levava o básico né.

A: Dava pra suprir basicamente as necessidades.

N: É, tinha um padre também o padre Luiz que esse foi um, pessoa importante lá dentro também, inclusive ele já até morreu já ele né, morreu esse ano ele né,

**Entrevista realizada com o senhor Raimundo Nonato Gomes, 79 anos, em sua residência em São João do Araguaia dia 03 de outubro de 2019, durante o processo de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso.**

**Duração: 36min.**

**Sendo identificado com a letra N o entrevistado, e a letra A para a entrevistadora.**

A: Seu Raimundo eu queria que o senhor começasse me dizendo seu nome né, de onde o senhor veio, como o senhor veio parar lá no assentamento Araras?

N: Pois é, primeiramente sou maranhense, meu nome é Raimundo Nonato Gomes, família humilde, é sempre atuando em movimento popular como sindicato, é fazendo parte também de outras políticas, política ate mesmo partidária e não como candidato, não como eleito, mas sempre lutando né pra ver se a gente alcança também coisas melhores.

Depois eu saí do estado do Maranhão e vim pro estado do Pará a convite também pra luta né e as, eu fui convidado pro uma, pra uma ocupação numa área denominado Mãe-Maria, que um rio que corta uma área indígena que dos parkatejê, os Gavião, eu fui convidado né pra ocupar uma, lá dentro dessa área lá dos índio, não dentro das áreas dos índios, não era bem isso, era uma área que era considerada ma sobra de terra do fazendeiro e ficava ligada lá aos pertence lá dos índio, da aldeia e ai houve uma ocupação lá pelos anos 70 é e, certamente que terminou essa área ficando como reserva né, virando reserva da aldeia dos gavião, é um decreto do governo Sarney e,, ele determinou, o virando lei, o decreto era um decreto lei e virou lei,, e terminou essa área ficando pertencente a aldeia, viando aldeia também, ai fomos, depois de muita luta fomos remanejados lá do Mãe-Maria para o Castanhal Araras, depois de muitos embate muita luta, é nos fomos remanejados e foi que nos fomos lá pro Castanhal Araras e ficando no Castanhal Araras eu consegui um lote é estremando uma área que chamava-se Pastoriza e tinha outro nome lá mas era conhecida como Pastoriza e houve um desentendimento entre os moradores que ficaram a margem, na estrema da área da Pastoriza com o assentamento que eles fizeram uma derrubada muito grande é, com uma extensão e era outra, ao longo da área da da, de assentamento foi a derrubada da Pastoriza né.

A: mas isso já era já o....

N: nos já tava no Castanhal Araras.

A: mas era as pessoas do Castanhal Arara ou eram pessoas que queria ocupar...

N: não, nos.

A: era pessoas assentadas do Castanhal Araras...

N: nos era assentado e a área que foi desmatada que nos prejudicou foi a Pastoriza que hoje chama-se 1º DE Março e né, é nos fomos prejudicados as roças jogado muita semente de capim que nos não queria que fosse pasto e terminou o...

A: isso ainda era o pessoal do fazendeiro, ação do fazendeiro ainda dono da Pastoriza?

N: Foi isso, eles desmataram e com isso nos prejudicou né, nossa terra nos já era a margem d fazenda ficou atingida n pelas sementes que jogaram, jogam de avião,, ta tudo bem, essa historia que u to falando aqui era no inicio do assentamento ai nos não ficamos muito bem com essa historia, é grande exploração de madeira, é castanha e assim por diante nos tomamos uma decisão de procurar assim uma maneira de que essa are irasse uma área de trabalhadores né que viesse plantar produzir colher que viesse ajudar o município ate mesmo de maneiras econômicas pro município e de fato aconteceu, e nos anos 80 em 87, 87 no dia 19 de de, e já eu to voltado um pouco a historia que nos fomos assentados dia 19 de dezembro de 87, quando nos fomos remanejados e a historia que eu to contando aqui que eu saltei um pouco pra frente já foi depois, né, depois do assentamento foi que eles derrubaram lá e, e nos achamos por bem junta com alguns movimento lá, e o sindicato ao aceitava a, era contra o movimento intervir, eu sendo sindicalista.

A: qual era o sindicato?

N: o sindicato dos trabalhadores rurais daqui do município. Eu sendo sindicalista, mas não concordava coma s idéia do sindicato né, ate por que é ma luta assim mais acomodado mais pacifico ai nos não queria violência, mas também queria que fosse solucionado qualquer coisa que resolvesse o problema ai eu já tinha conhecimento com o MST desde 70 e tano e conseguimos se encontrar e ocupar a Pastoriza, primeiramente eu cedi meu

lote pra 1200 famílias, era 1200 famílias, eu não sei a quantia é quantas pessoa sei quantas famílias.

A: como foi que o senhor chegou ate essas famílias?

N: foi o seguinte, eu tinha o conhecimento com alguns líderes do MST...

A: O senhor pode citar alguns nome pra mim?

N: Tinha o Onalício Barros, que chamava fusquinha, Isabel, né Totô, assim por diante foram vários, né, vários companheiros e nos se dava muito bem né e eu de uma entidade ele de outro movimento, mas todos em prol de reforma agrária né a gente trabalhava mas de forma de forma democrática e bem árdua, certamente que foi por ai que no conseguimos se encontrara e é entender e o ocupar essa área, começando pelo meu lote né eu não sei era muita gente...

A: É considerando que cada família tem pelo menos cinco ou seis pessoas né?

N: É, mais ou menos tinha, podia ter pessoa dois ou três no lugar por famílias, mas tinha lugar que...

A: A maioria das pessoas eram do Maranhão né?

N: Do Maranhão. Lá foi o seguinte, a luta pela conquista da terra ela se da d uma maneira muito solidaria vem gente do nordeste, vem gente do sul,, vem gente do centro-oeste, vem gente do norte sul e assim por diante e se encontram e viram um parentesco né depois e vai debandando, cada um vai cuida do seu, do seu e começa a esfacelar, mas é assim que é a luta né, é muito boa a gente é se transforma todos em família lutando pelo mesmo objetivo e assim que aconteceu no Arara na primeiro de março que a antiga Pastoriza e outros.

A: essas 1200 famílias ficaram mais ou menos quanto tempo em seu lote?

N: Eles ficaram, chegaram lá no dia 20 de dezembro de 1996 e talvez eles ficaram lá no meu lote mis menos cinco meses, é mais ou menos isso, eles chegaram em novembro e dezembro alias e lá do meu lote que eles partiram pra ocupação.

A: o Senhor teve junto no dia da ocupação?

N: Sim.

A: Teve junto né o senhor participou...

N: Não, no momento que eles entraram não.

A: não né, teve apoiando.

N: Só tive apoiando e depois sim.

A: depois que eles entraram o senhor ainda esteve ali muito tempo?

N: Tive, tive muito tempo com eles lá no assentamento.

A: Nesse período lá o senhor ainda era sindicalista dos trabalhadores?

N: Sim.

A: Sempre atuou ativamente no sindicato dos trabalhadores rurais.

N: Sim, sempre estive atuando. Tive discussão como presidente do sindicato.

A: E o presidente sempre discordando, um discordando do outro?

N: Sempre, sempre me provocaram, com que ordem aquele povo tava ali, porque que vieram..

A: A sua família lhe apoiava em todo esse processo, família, esposa filhos?

N: Sim, todos, inclusive meus filhos foram frentista lá também.

A: Ajudaram também né?

N: É entraram no, na luta né e assim nos conquistamos essa área hoje virou um assentamento quase dos maiores ou pode ser mesmo dos maiores assentamentos dentro do município de São João do Araguaia, São João do Araguaia ganhou em popularidade, na política partidária, econômica e assim por diante.

A Muita gente.

N: É quer dizer, foi uma ação que valeu a pena né, tanto é... eu conheci muita gente que não conhecia, pessoas do sul, pessoas o centro oeste, que vinha do movimento, pessoas de outros país também os deu assistência e assim foi que chegou a esse ponto.

A: Assim, o senhor citou uma coisa que eu queria pergunta também, é essas pessoas que foram importante que deram assistência o senhor pode me citar alguns nomes que o senhor lembre da época assim de pelo menos três pessoas que foi muito importante nesse período de inicio de acampamento que teve ali junto na luta e quem era principal liderança da época do MST é, que ajudou a articular ali é esse processo de ocupação da terra?

N: Hoje por incrível que pareça tem um Rapaz que eu tento muito lembrar o nome dele, ao me recordo parece que ele é gaúcho, parece que ele é gaúcho essa pessoa me fugiu, mas a Isabel, a Isabel.

A: Ela aparece nas entrevistas, mas só que ninguém sabe me da informação, assim nome quem ela era.

N: Ela era e é ainda hoje uma liderança muito respeitada, muito considerada combativa.

A: Ela era ativa no processo de ocupação da 1º de Março, da da Pastoriza no caso?

N: Era. O finado fusquinha.

A: Ele também teve aqui?

N: Vixe Maria! Teve que o Onalício Barros, esse rapaz foi morto é na, numa areaai perto de Parauapebas e o, deixa eu ver o, Totô também, teve eu não se o nome do Totô só, teve muita gente, tanta gente né, porque o movimento ele tem um tiop de organização muito forte, muito representada né.

A: É bem organizado pelo que eu vi nas entrevistas que os moradores me deram, tinha uma organização muito grande assim e tinha uma hierarquia né, que era respeitada. Ai a professora me perguntou assim porque eu essa hierarquia era respeitada, o que ela significava? Eu não sei.

N: Não, o significado, veja bem essa história ela é longa, de quando existiu o Brasil, começou uma luta em prol de sobrevivência em prol é das pessoas é fugir também de alguns, problema em outros país e correr pro Brasil, ate que diz quem descobriu o Brasil,

Pedro Álvares Cabral, não, ele veio pro Brasil e encontrou um povo existente no Brasil né ai todos nos pode saber dessa história que é verdade. Então de lá pra cá houve muita luta, muita resistência, muitos movimentos, é uns craro, criaro ia ia e depois acabava criava-se outro, mas tudo em luta uma sobrevivência, também de é de alcançar é uma maneira de viver melhor né, é luta pela terá outros brigavam contra quem queria um pedacinho de terra pra trabalhar que ate hoje isso ainda existe né, então isso existe né. O maior movimento que houve, teve as liga camponesa as coisa né, um movimento em prol de reforma agrária né antigo, numa reforma agrária antigo é veio outro, outros ate que foi criado o sindicato, os sindicatos, sindicato dos .... sindicato de oleiros, sindicato dos trabalhadores rurais é muitos sindicatos né, de varias categoria né e terminou, é, foi criado também o sindicato dos trabalhadores rurais né, e foi se encontrando né, se encontrando ate que chegou o, o na virada do século 21 o sindicato começou a fraquejar e antes um poucos ma já na proximidade ai foi criado outro movimento, e esse movimento é que foi criado na falha do sindicato chama-se MST, trabalhadores, movimentos dos trabalhadores sem terra, então MST, ai é que vem a historia do MST, mas quando o MST ele se organizou ele se reparou e assumiu a luta ele ate hino, Téo hino do MST né levantou com sua bandeira com seu registro né seu estatuto e tudo legal...

É... Ele veio totalmente legal, organizado, não era legal pro capitalismo, pro capitalismo os movimento popular eles não considera como legal né, o partido que chama de esquerda não é legal pra eles, mas é assim que o movimento, o MST é se constituiu e atua ate hoje com muita luta muitos problemas, muita resistência, de embate e alguns movimento, mas ele vê se mantendo ate hoje.

A: Outra pergunta assim é dos assentados aqueles que,, das pessoas que foram assentadas né, quem deles que se levantou assim como, dentro do assentamento como liderança, como pessoa atuante que o senhor possa recordar assim, que o senhor possa recordar alguns nomes não da liderança do MST mas daqueles que oram assentados ali dos trabalhadores mesmo.

N: Agora ai, são muitos, né por que... Nos cita nome de... Quantas pessoas né, né, eu, que.. foram muitos por quqe a maioria das pessoas eu hoje é assentado no, na primeiro de março. Uns que já se foram outros que ainda existe são muitos né, e... pessoas que chegaram ate depois e se entregaram aquela causa ali e concordaram é....

A: Uma pessoa que aparece muito nas entrevistas também, que aparece junto com o seu nome me praticamente todas as entrevista é o Padre Luis... Qual a lembrança que o Senhor tem dele?

N: Ah!... é uma recordação muito boa né, o padre Luis, ele não chamava nem padre era pai Luis, o pai Luis ele teve até alguém que mesmo de dentro do movimento que não gostou é em momentos da atuação, por que ele, ele era aquela história, ele fazia tudo pra não ter agressão né, sempre na luta pacífica né.

A: A ocupação do assentamento, da, da Pastoriza foi tudo de forma pacífica né? Em todos os relatos não teve conflito não teve briga.

N: Pacífica, não teve conflitos, teve ameaça, ameaça teve inclusive.

A: Ameaça, mas conflito mesmo direto não teve não?

N: Teve ainda... Não quero nem culpar o sindicato, que foi uns trabalhador que entraram na terra sem ordem, desordenado e morreu três pessoas no momento.

A: Mas essa foi um história a parte?

N: A parte, não foi através do movimento, foi do sindicato, esse povo entrou lá desordenadamente e aconteceu esse atrito lá em , foi perdemos três companheiro no momento.

A: Lês erra do Castanhal Araras essas pessoas?

N: Ele era do, não, era alguns do Castanhal e outros que vieram de for, desordenado e mesmo assim nos consideramos, e foi isso também que reforçou mais ainda a nossa pretensão de ocupar o a área. Bem o Padre Luis alguém que discordou porque ele, ele abasteceu o acampamento com alimento, muita coisa e o pessoal achava que se o Padre Luis continuasse daquele jeito o pessoal não ia muito se interessar em lutar em se esforças, por que estavam recebendo muita coisa então, mas foi um afigura, aquela igreja é uma obra.

A: O senhor lembra assim como Foi que o Padre Luis chegou no acampamento com a informação de quem?

N: Não, eu não tenho, não sei... Sei assim parece que ele é Frances, ele não era brasileiro não. E veio por amor também, Padre muito ligado a luta dos trabalhadores do movimento e tinha o espírito muito solidário né, então quando nos é, pareceu no começo desde á quando estavam acampados no meu lote, apareceu desde o começo.

A: Algumas pessoas falam que ele veio, que assim o INCRA mandava um tipo de alimentação como ajuda como suporte, mas na verdade aquilo chegava já aos acampados já estragado o alimento ai ele, começaram a ter uma alimentação melhor quando chegou o Padre Luis.

N: Era, não era de terceira era estragado.

A: Como o senhor viu a atuação do INCRA nesse período do acampamento? O senhor pode falar alguma coisa?

N: Ola o INCRA, eu acho que ele. Eu acompanhei muito o INCRA pelo sindicato e o INCRA é o seguinte, ele deixa u espaço vazio que sempre ele só toma as providencia depois que acontece o pior, e não poderia ser assim, é uma instituição braço direito do governo né, e constituído realmente pra tratar dos atritos, dos conflitos, dos atritos, da distribuição da terra né, trabalhara com a reforma agrária digna, isso o INCRA não, ate hoje nunca tratou desse assunto da maneira que deve ser tratado.

Eu acompanhei muito o INCRA fazendo levantamento e, em São João do Araguaia e vi muito assim descaso, muito, muito então o Castanhal Arara, por exemplo, voltando um pouco a historia, o Castanhal Arara depois de nois, ficamos seis meses no INRA é antes de vir pro Castanhal Arara.

A: Depois que saíram lá da terra Mãe-Maria.

N: Depois que saímos da Mãe-Maria, seis mês, todo dia a gente tava no INCRA cedo, e aquela multidão, dizendo na lei ou na marra nos vamos ganhar, era um hino, era um grito de ordem.

A: Era quantas pessoas? Quantas famílias?

N: Tinha umas trezentas e tantas famílias, muita gente também e nesse período dos seis mês, ate um dia falando com meu companheiro, compadre que já se foi também, e nos

saber todo dia tinha um superintendente lá que chamava-se Ronaldo Barata, tinha tido outro antes, nos chegava tinha vês que ele chorava diante do povo pedindo. –Não gente, olha o documento da desapropriação da terra ta na mesa do presidente só falta ele assinar, sanciona e tal. E ate que um dia no se aborrecemo e dissemo vamo em Brasília vamo, conversei com meu compadre e os outros, o presidente do sindicato um cara muito autêntico e fomos, nos fomo doze pessoas pra Brasília e tivemo em tudo que era de ministério, naquela época tinha o ministério do interior ministério, tantos ministério que hoje não existe mais, e nesse momento tinha sido trocado de ministro, miistro da reforma agrária, seu Nelson Ribeiro primeiro e mudou pra Dantes de Oliveira né, ministro.

A: Isso em que ano?

N: Isso em 86, né, 86, e, ai certamente que Nelson Ribeiro ele deu um parecer que foi no decreto lei que eu falei antes né da historia dos índios, Dantes de Oliveira era de acordo que essa sobra de terra que tinha que nos ocupamos, foi até demarcado uma parte pelo INTEPA que foi a parte que nos fiquemos, foi uma sobra do INTEPA, que o INTEPA tinha medido 43 lote e sobrou o resto e nos ocupamos, era uma dimensão de nove mil e tantas hectare, quase dez mil hectare, essa área dos índio era cinqüenta e dois mil hectare, e nos ocupamo esse nove ml e tanto e quando o decreto virou lei ai as nove mil e tantos hectare foi incluída nas cinqüenta e dois mil hectare pros índio, ai nos fomos remanejados, ai na troca de ministro, quando nos fomo a Brasília já era Dantes de Oliveira e quando no chegamos lá quando ele era recente, nos chegamos lá e contamos a história, - Não, não conheço essa historia, me conta essa historia ai nos contamo, ai ele ligou pro Ronaldo barata imediato né liga pro Ronaldo Barata, ai o Ronaldo, Doutor, seu ministro o documento ta chegando ai,, ele nunca tinha mandado, era só de mentira ai, ai foi resolvido o nosso problema.

A: Com essa ida de vocês ate Brasília né?

N: Nos fomos afetado ainda por policia federal com muito tiroteio, tiroteio, tiroteio muito grande lá dentro da área.

A: Dentro da área já, quando vocês entraram.

N: Quando nos tava, é quando nos tava acampado né, durante o tempo que nos acampamo lá dentro da área houve tiroteio, não houve morte, só tiroteio, e o ministro da justiça que

chamava Paulo Brassar, naquele tempo ele garantiu, nos contamos a história pra ele né, que nos TVA afetado e vinha sendo molestado lá pela ação do, do, INCRA e FUNAI, polícia federal e o diacho a quatro e fez mulher abortava e era tanta coisa e morreu gente, a gente assim por causa desses ataques, ele garantiu que daquele dia pra frente não teria mais conflito é, por mando das autoridades e não teve mesmo não, graças a deus.

A: E essa área que vocês vieram pro Araras era quantos hectares?

N: seis mil e poucas hectare.

A: É o senhor ainda tem lote lá mo Araras?

N: Tive.

A: Hoje o senhor não tem mais?

N: Não hoje não, fiquei lá uns vinte e tantos anos ai sai depois, cansei eu tive também problema de saúde.

A: Os filhos também, não tem mais nenhum filho lá não.

N: Não, não tenho, tive problemas de saúde.

A: Hoje o senhor atua em algum tipo de sindicato ainda, algum tipo de movimento?

N: Não, eu ultimamente, e ate lamentável a gente fala mais com tudo que eu apresentei né, inclusive às vezes eu falo quem não tem passado não faz história quem não tem história, não pode fazer nada, nos temos que ter um passado seja bom ou ruim, agente tem que ter história pra contar depois né, então depois de um longa história que eu vim do Maranhão, e fazendo o meu papel, nunca me corrompi.

A: foi quase trinta anos né, ou mais trabalhando.

N: Eu acho que mais, mais e criei uma família, os filho tudo foro, se educaro assim sobre essa questão de conhecimento, hoje fazer que nem aquela história virei um animal velho não sirvo quase mais pra nada, mais assim né pra conversar com os companheiro, mas graças a deus mantive e mantenho meu critério a minha ética moral ate hoje sem me corromper, não tenho negocio de favoritismo não tenho essa história não.

A: Não se arrependeu de ter historia que teve?

N: Não, fui ameaçado de morte, minha cabeça valia cinquenta mil, ainda quiseram me mandar ate pra Cuba se fosse preciso, mas não sai de São João não, vo ficar aqui mesmo, vo morrer aqui mesmo não tem isso não né, então minha historia é essa.

cara Angela, No ano de 1984 iniciou o MOVIMENTOS DOS SEM-TERRA no Rio Grande do Sul: tudo organizado por elementos da Igreja Católica para conseguir, sem violência, da terra, para os lavradores. Em pouco tempo, o MST se espalhou, sempre com a ajuda da Igreja. Infelizmente, em 1990, mais ou menos, o movimento se juntou entre bons e ruins, honestos e bandidos. O MST chegou no Maranhão.... alguns Sem-Terra chegaram em Timbiras e começaram um protesto: chegou a Polícia e atirou, matando duas pessoas, pai e filho. Decidiram fazer uma grande caminhada: "200 km da Vitória do Mearim" até São Luís. Eu resolvi me juntar ao povo e assim comecei a viagem no lugar de Bacabeira, caminhando. Não lembro a data, talvez em 1991.

Deixei o Maranhão em julho 1994 e cheguei a Marabá. Poucos dias \_\_\_\_\_ depois fui rever os Sem-Terra no INCRA: cerca de 800 pessoas, c@m a finalidade de ganhar uma certa fazenda (Rio Branco?), além de Parauapebas. No começo visitando o pessoal; depois ajudando de alguns remédios e, no fim, celebrando a Missa na tarde de sábado. No ano seguinte, na época demarço - 1995, o povo foi logo-a Parauapebas e, de repente, na Semana Santa, entrou na fazenda, com armas e força. Eu decidi de continuar visitando....Eu vi que havia perigos: de derramento de sangue, porque havia muitas armas. Resolvi fazer fotografias e artigo no jornal. A notícia se espalhou e depois de poucos meses a fazenda foi conquistada pelos Sem-Terra: e assim foi Palmares. Aliás, dois Palmares: um de Sem-Terra e a outra, mais de perto, do trem, livre de organização.

Fiquei satisfeito. Falei ao Bispo e permitiu para eu celebrar Missa em Palmares 2. Tudo em paz? Nada! Em agosto de repente se juntou um povão de Sem-Terra com a vontade de ganhar a fazenda Macaxeira! Centenas e centenas de famílias, na maioria do Maranhão. Me telefonaram e fui a Curionópolis para celebrar a Missa, de "inauguração" .Logo passaram alguns km, fazendo cabanas. Assim passei celebrando Missas seja em Palmares como Macaxeira. Mas a história ia devagar... e passavam os meses. Muitas pessoas iam embora... a metade acabou. E assim chegaram em 1996. Vendo a situação, os dirigentes do MST resolveram de partir para...Marabá. Foi o dia fatídico 13 de abril, sábado. Eu fui a Palmares para celebrar a Missa de manhã, domingo; a tarde celebrarei, então, para o povo, no meio da estrada Carajás-Eldorado. Tudo parado. Missa gloriosa: todo mundo alegre. Uma festa. Mas na hora de sair, uma menina, triste, me agarrou, me abraçou com força. Tristeza: por que? Me abalou no coração. Fui embora, correndo para Marabá. Era tarde celebrei a Missa da Paróquia de São Francisco. No fim da Missa, eu saí da igreja e encontrei vários amigos.... Resolvi dizer:" Fui vendo uma menina, triste, e agarrando. Eu vou dizer: acontecerá uma coisa

triste 1". E aconteceu: mas era muito mais trágica! O maior massacre da história do Brasil! Dia seguinte, 15 de abril, passei na secretaria dos Sem-Terra na Velha Marabá. Eu fui conversar ao pessoal e pedi para evitar de violências. Eu sabia que havia armas. Eu era preocupado. Neste mesmo dia o acampamento se firmou na Curva do S. Passam dia 16 de abril e fecham a estrada! Várias horas fechadas: muita irritação em toda a região do Pará! E aconteceu, fechando novamente e desta vez, avisando que o povo não abrirá: a condição de levar o pessoal, nos ônibus, para Marabá. Chegou a \_\_\_\_\_Polícia, com todas as armas, de um lado e do outro. São as terríveis horas, cinco da tarde. Os Sem-Terra resolvem entrar na briga, com paus e armas: um tiro acertou o olho de um sargento, outro numa perna de soldado. Era bastante: todos os policias atiraram tudo o que tinham! Quando as balas acabaram, pegaram os facões e esquartejaram, cabeças, pernas, corpos. Eu vi, o inferno, em Marabá, da autopsia. Dia 18, eu fui ver a Curva do S. Precisava ajudar o povo: não havia mais alimentos; os soldados carregaram tudo. Resolvi logo comprar: arroz, café, açúcar, feijão, farinha, panelas. Uma tonelada de coisas, no mesmo acampamento. À tarde fui a Curionópolis...Telefonei ao Secretário do Presidente (era meu amigo de Nova Friburgo) e falei do massacre. Depois fui procurar novos alimentos no interior da Macaxeira.

*Padre Luis*

## HISTÓRIAS DE BANDIDOS (1 e 2)

### 1) ACAMPAMENTO DO INCRA DE MARABÁ

Tempos antigos (da Macaxeira?), no INCRA, estava o pessoal esperando a vontade de entrar na terra. Havia uma mulher, boa, (talvez de Curionópolis), ajudando com seus remédios para cuidar dos doentes. Havia um grande bando de crianças, todos descalços. Certo tempo decidi cuidar de dar havaianas para as crianças: 70. A mulher me deu as medidas e assim comprei. Era no fim da tarde e entreguei tudo à mulher. Na manhã seguinte eu fui ver o resultado: zero! De noite o MST pegou as havaianas! A mulher chorou! Deus, certo dia, enviará, no fim do inferno, com Dirigentes e amigos!!!

2) Foi no tempo do ACAMPAMENTO DA PASTORISA. com uma boa Capela, com palhas. Era domingo, e eu celebri a Missa. No momento, depois do evangelho, fui pregando no meio do povo. Entrou um homem, do MST, e começou chorando....a gritar:" Eu sou um assassino! Eu matei tantos crimes!". Eu parei, calado.... E esse homem entrou, chorando, ajoelhado, beijando minhas sandálias! E dizendo:" Fui um grande assassino!". Todo mundo calado. No fim, saiu, chorando.... Naquele momento, Deus perdoou aquele assassino! Perdado!

3) ISTO NÃO É DE BANDIDOS: DA CABACEIRA. O povo estava ainda no começo da invasão. Certo tempo, quinze ou vinte dos jovens e homens, cortaram várias árvores para fazer barracas, acredito. Chegou a Polícia e prendeu todo mundo, porque as árvores pertenciam à fazenda da Cabaceira. E levaram tudo para a cadeia, a distância de Marabá. Então o CPT me pediu para

eu ajudar fazendo umas aulas de ensino, aos presos, para aliviar aquela perda. E assim dois ou três dias, na sala da cadeia, ensinando não sei ou que... No fim do sábado, todo mundo foi libertado. Fim.

Pe. Luís

#### A MORTE DE OZIEL NO DIA 17 DE ABRIL 1996

No mês de abril 1996 (dia 7 ?) eu fui a Palmares: na hora da saída apareceu Oziel e me pediu para levá-lo até Curionópolis para se juntar com o povo da "Macaxeira". Oziel estava alegre, animado, entusiasmado: conversava continuamente do seu trabalho. Nos encontramos novamente no dia 14 de abril quando celebrei a Missa no caminho entre Curionópolis e Eldorado de Carajás. Minha última foto, depois da Missa, estava em cima do caminhão, com uma camisa verde (?).

Oziel foi morto no dia 17 de abril, às 5 da tarde, pelos policiais a queima-roupa: na hora de sua morte, gritou: " Viva os Sem-Terra l" (ou semelhante, que não lembro...). Depois do massacre, uma camionete jogou 19 corpos, e carregados para o hospital de Curionópolis: no fim, 18 mortos e o vivo, Inácio! Lá não estava o corpo de Oziel. Depois de uma hora, ou pouco mais, o carro de um vereador trouxe o corpo de Oziel. Fui eu mesmo que soube desta história.

Por que? Depois do massacre, havia o montão de mortos: mulheres, crianças, velhos e, talvez, o corpo de Oziel. Como carregar? Os militares de Marabá tinham somente o ônibus. Então os policiais foram até Eldorado e obrigaram o motorista (o "paulista") do seu caminhão: tudo garantido pela mulher que estava como dona do supermercado. Quantas pessoas mortas? A jornalista da TV contou de algumas mulheres, "feridas ou mortas", que viu de longe. Três crianças foram faladas do motorista (Aprígio?) do ônibus da Transbrasiliana: ele viu mesmo as três crianças que estavam na mangueira e foram baleadas, como "macaquinhos". Outros nomes certos: da mãe maranhense de 24 anos e a filha de 7 anos. O marido procurou, sem encontrar. Uma moça, de duas crianças pequenas, que estavam numa barraquinha perto da rua. Uma criança, de 2 ou 3 anos, foi encontrada, perdida...sua mãe o pegou, morta, e o levou num ônibus para Curionópolis. Enfim quase vinte mortos (mais ou menos). Oziel, conhecido, foi levado depois para o hospital dos 18 homens mortos: deste desconhecido vereador (de Eldorado ou Curionópolis).

Todos os mortos do caminhão: mas não chegou a Marabá. Jogados, sem dúvida, nalgum rio, do mato: provavelmente na entrada de Sororó. Os policiais de Marabá foram avisados: "se alguém falar, será morto!". E a história do homem, Raimundo, que lavou a camionete a Parauapebas? Ele pediu ao policial: " Quantos mortos?". Ele disse: " Mais de trinta!". Raimundo pediu novamente: " Mas, quantos?". O policial, irritado: " Mais de trinta!". Eu perguntei a Raimundo e me contou do policial. Alguém soube e no mesmo dia, quando eu fui ao lugar do massacre, de tarde, duas pessoas (garantido policiais!) passaram num carro. Eu estava com Padre Claudio e duas freiras, em nosso carrinho, Fiat. Já quase noite, passando no mato de Cabaceiras, apareceram os bandidos para nos matar! Corremos e os dois correndo também' Vinte km. ~~sempre~~ velocidade, nos 140 km, e fugindo. No fim, os bandidos desistiram, pois havia o lugar da PF.

Padre Luís

Cap. - A MACAXEIRA. — A fazenda de tanto sangue e de tantos crimes. A pessoa que mais sofreu foi o "Márcio", o chefe do Acampamento. Logo depois do massacre, fui cuidando dos alimentos e também da Diocese. O pessoal ficou sem sandálias e sem redes, porque os Policiais carregaram tudo. Resolvi comprar duzentas redes e trezentas havaianas e entreguei tudo a Márcio. Mas nunca vi: nem redes nem havaianas. Soube, um ano depois, que tudo foi preso por Márcio e MST e venderam numa loja no Maranhão. Qual vergonha! Pior depois. Certo dia o chefe discutiu com um lavrador: discutiu? Nada: simplesmente matou o homem! Depois aconteceu um crime, de um ladrão que matou: e foi preso. O pessoal decidiu mandar tudo na Delegacia de Eldorado: nada, Márcio matou o assassino e, de sobra, queimou seu irmão, que era inocente. Acabou? Foi sorteado o lugar da Macaxeira: certa professora ganhou a casa da fazenda. Passam os dias e apareceu a professora assassinada! Se procura e descobrem: o Márcio! Desta vez teve de fugir. O chefe foi embora, mas os dirigentes não eram coisas boas. Todo mundo sempre com armas: para fazer o que? A "comissão" do MST discutiu entre outros: um acusou de outro que tinha roubado. Como resolveu? Pegou o revólver e atirou no companheiro! Foi uma sorte: a bala atravessou, sem ferir o coração. Sobreviveu. Eu continuei visitando o acampamento: celebrando Missa e levando sempre leite em pó para as crianças. Sossegado? Parecia... e logo, no mês de novembro, o SMT anunciou nova invasão: na Pastorisa, a 30 km de Marabá. Desta vez, decidi: não aguento mais, tantos problemas! Não vou! E não fui! Todo mundo pedindo para eu ir lá: mas eu respondi que era NÃO! Não? Estava em paz, na minha casa, e aparece um casal com uma criança (de três dias!). Me pedem: "Eu preciso ir à Pastorisa, se não nós perdemos o direito." Era quase véspera de Natal....como é que eu podia entregar esta gente? E assim cheguei à Pastorisa....e assim continuei: Missas, visita aos doentes, leite em pó para as crianças. Tantas dificuldades: pouca água, tanta malária, pouquíssimos remédios, pouquinhos alimentos. No fim, precisei mandar um caminhão, todo mês, de alimentos. Não somente: encontrei um General que me falou (meu

Deus!) e me perguntou o que precisava. Eu respondi: "Precisa de médico e de remédios." O General: "Mandarei tudo." E de fato!!! E os milagres aconteceram....A fazenda foi conquistada e as casinhas foram construídas. Faltava eletricidade: passaria tempo. Então decidi e resolvi fazer: e fizemos, no dia certo da Quinta-Feira Santa, da Missa. E completei o resto: a igreja. Alleluia!

CAP. —A BAMERINDUS — Desta vez, em outubro 1998, o Governo decidiu fazer de novas terras e até de sobra: demais! Havia terra para tudo quem quisesse: para Sem-Terra e para qualquer chegar. Os Sem-Terra escolhem o último lugar, a 170 km de Marabá; os outros, na frente ou no meio. Pedi autorização e fui ver o novo acampamento dos Sem-Terra: sem casas, mas fazendo casebres com palhas. Água no rio. Miséria. Era a véspera do meu aniversário: comigo um amigo, Horácio. E fomos com o nosso carrinho Fiat. Era noite: encontramos uma barraquinha de palha, livre. E fomos lá para dormir. Mas vimos que havia problemas: e como! Cinco crianças com diarreia! Havia água: fui ver o pote, cheio de querosene! De noite fui procurar água, de longe. As crianças pioravam. De manhã decidimos: precisa levar tudo ao Hospital! Três mães e cinco crianças, no assento — atrás, e fizemos o caminho no Fiat, dez pessoas! Cento e trinta km e chegamos a Parauapebas. Graças a Deus. A Bamerindus era uma confusão. Demais. Então o Governo resolveu organizar aquele fim do mundo e pediu: a Polícia Federal, na sede do antigo ricoço do Banco (depois pobre). Eu também aproveitava daquele lugar bonito. Depois da Polícia Federal chegou o Exército de São Paulo. Depois de três meses os dirigentes dos Sem-Terra não gostaram do buraco e foram embora: mas o pessoal resolveu ficar e assim fizeram o povoado de Oziel. Outros lugares, outros pequenos

povoados. O Governo sorteou os lugares para cada família: tudo certo? Que nada! Quase 90% foi embora. Devagarzinho algumas fazendinhas e sítios. A maravilhosa sede do ex-rico como ficou? Em nada. Polícia Federal foi embora, o Exército também e quem ficou? Os ladrões: quebraram tudo e venderam...madeiras! Depois de vinte anos, eu acho que as coisas são discretas, razoáveis. As grandes florestas: tudo cortado e distribuídos pelos expertos larápios. Fim.

CAP. - O ASSENTAMENTO 1 DE MARÇO -A certo momento eu não podia mais seguir tantas invasões. Eu lembro que fui, duas vezes, depois da terra fora dos Suruí e depois abandonei. Outro também perto de Parauapebas, mas eu também não me preocupei...até que veio uma desgraça: o assassinato de Fusquinha e Doutor. Gente boa, nosso amigo, de família em Palmares, com crianças. Logo soube da sua morte e fui logo correndo a Parauapebas. O corpo estava já na autópsia. Encontrei as viúvas; encontrei uma mulher gorda e o motorista, os dois testemunhas. Quem matou, aquele fazendeiro, ricoço, que atirou os dois na cara. Fui levando os dois para Palmeiras: tristeza. Acho que foi em novembro de 1998.... O tribunal fez o processo, acho em 2018 (ou 2017?). O motorista morreu por 20 reais (suspeito); a mulher gorda escapou e sumiu....não — havia testemunhas. O Juiz (ou Juíza) então decretou: tudo nulo. Que... Mas eu lembro do começo da fazenda Cabaceiras. Os Sem-Terra entraram na fazenda, queimaram a casa da fazenda, algumas coisas....Chegou a Polícia, com centenas de soldados, e expulsaram o povão. O pessoal decidiu ficar na margem da fazenda, à beira da estrada. Foi neste momento que uma tarde de domingo (Páscoa?) eu fui ao Acampamento. Não havia dirigentes de MST, porque estavam em Marabá. Conversei com as pessoas e pediram que podia rezar Missa: e celebrei. No dia seguinte, os dirigentes logo souberam da Missa se zangaram:" Padre Luís não podia celebrar! E não poderá vir mais!". Eu vou ao Acampamento e os chefes me recusaram: "Não venha mais!" O povo ficou aflito.... mas eu não fui tão preocupado. Eu disse:" Não se preocupem: daqui um mês virão me pedir!". E realmente foi! Faltava que os Dirigentes viessem me ajoelhar! Ou quase. Não somente Missas, mas também trazia muitos alimentos. A história foi complicada...quem trabalhou muito foi Dom José Foralosso que ficou um dia no INCRA. Não lembro mais a conclusão da fazenda da — Cabaceiras, porque fui embora para Manaus (acredito). Antes disso eu mandei a eletricidade no Acampamento, às escondidas. Fim.